

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO**

HÉRICO FERNANDO MAIÃO

**NO RITMO DA MEMÓRIA: O FESTIVAL STEP DANCE COMO
NARRATIVA DE HISTÓRIA PÚBLICA E ARTE NO COLÉGIO
ESTADUAL DOM BOSCO EM CAMPO MOURÃO – PR**

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

HÉRICO FERNANDO MAIÃO

**NO RITMO DA MEMÓRIA: O FESTIVAL STEP DANCE COMO
NARRATIVA DE HISTÓRIA PÚBLICA E ARTE NO COLÉGIO
ESTADUAL DOM BOSCO EM CAMPO MOURÃO – PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Memórias e Espaços de Formação

Área de Concentração: História Pública

Orientador(a): Dr. Federico Alvez Cavanna

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MAIÃO, HÉRICO FERNANDO
NO RITMO DA MEMÓRIA: O FESTIVAL STEP DANCE COMO
NARRATIVA DE HISTÓRIA PÚBLICA E ARTE NO COLÉGIO
ESTADUAL DOM BOSCO EM CAMPO MOURÃO ? PR / HÉRICO
FERNANDO MAIÃO. -- Campo Mourão-PR, 2026.
181 f. : il.

Orientador: Federico Alvez Cavanna.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2026.

1. História Pública. 2. Centro de Memórias. 3.
Colégio Dom Bosco. 4. Festival Step Dance. 5.
Arquivos Escolares. I - Cavanna, Federico Alvez
(orient). II - Título.

HÉRICO FERNANDO MAIÃO

**NO RITMO DA MEMÓRIA: O FESTIVAL STEP DANCE COMO NARRATIVA DE
HISTÓRIA PÚBLICA E ARTE NO COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO EM
CAMPO MOURÃO – PR**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Federico Alvez Cavanna – UNESPAR, Paranaguá

Dr(a). Jorge Pagliarini Júnior – UNESPAR, Campo Mourão

Dr(a). Sheyla Farias Silva – UFS, Aracaju

Data de Aprovação

30/07/2026

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha trajetória acadêmica e pessoal. À minha família, pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo desta caminhada. Aos amigos e colegas, de maneira muito especial destaco minha amiga Maria Grazielle de Lima, pelas palavras de motivação e pelos momentos compartilhados. Dedico também a todos que acreditam no poder do conhecimento, da educação e da pesquisa como instrumentos de transformação e desenvolvimento. Dedico ao meu orientador.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças ao apoio e à colaboração de diversas pessoas e instituições, às quais expresso minha sincera gratidão. Agradeço à minha família, pelo incentivo constante, compreensão e apoio durante toda esta trajetória. Aos amigos e colegas, pela convivência, troca de experiências e apoio nos momentos de desafio.

Meu agradecimento aos professores e orientadores que contribuíram para minha formação acadêmica, compartilhando conhecimentos, experiências e orientações fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também à instituição de ensino, pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal, bem como a todos os colaboradores que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desta jornada e que, de alguma maneira, colaboraram para a concretização deste trabalho.

MAIÃO, Hérico Fernando. **No ritmo da memória: o Festival Step Dance como narrativa de história pública e arte no Colégio Estadual Dom Bosco em Campo Mourão – PR.** 181f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2026.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo criar coletivamente um Centro de Memórias no Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino Fundamental em Tempo Integral, Médio e Profissional, situado na cidade de Campo Mourão – PR., voltado para a preservação, publicização, organização e difusão de documentos, objetos e relatos referentes ao Festival Step Dance. O Festival foi criado no ano de 2000 e atualmente, está na sua 25ª edição, ficando apenas dois anos sem acontecer, 2020 e 2021. A proposta busca integrar a comunidade escolar e a comunidade local na recuperação e compartilhamento das memórias vinculadas ao evento, considerado identidade cultural da instituição. A pesquisa se justifica pela necessidade de valorizar a identidade e a história do colégio, visto que o Festival, criado pelo professor Gilmar de Gouvea e desenvolvido por docentes de educação física, tornou-se uma tradição formativa, cultural e simbólica para os estudantes. Para atingir esse propósito, foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, incluindo entrevistas, registros fotográficos e a análise de materiais disponíveis, caracterizando um estudo de abordagem qualitativa, exploratória e explicativa. O estágio obtivo é o início de um movimento, o que já evidencia a relevância da criação do Centro de Memórias como espaço de salvaguarda e divulgação da trajetória do festival, possibilitando análises dialógicas das experiências escolares e fortalecendo a preservação da identidade cultural do Colégio Dom Bosco.

Palavras-chave: História Pública, Centro de Memórias, Colégio Dom Bosco, Festival Step Dance, Arquivos Escolares.

MAIÃO, Hérico Fernando. **In the Rhythm of Memory: the Step Dance Festival as a Narrative of Public History and Art at Dom Bosco State School in Campo Mourão.** 181f. Dissertation. Graduate Program in Public History – master's degree. Paraná State University, Campo Mourão campus. Campo Mourão, 2026.

ABSTRACT

This study details a collaborative initiative to establish a Memory Center at the Dom Bosco State School, a full-time institution providing elementary, middle, and vocational education in Campo Mourão, Paraná, Brazil. The center focuses on preserving, organizing, and disseminating documents, artifacts, and accounts related to the institution's Step Dance Festival. Established in 2000, the festival is currently in its 24th edition, having been suspended only in 2020 and 2021. This proposal seeks to engage both the school and local communities in recovering and sharing memories tied to the event, which is recognized as part of the school's cultural heritage. This research is justified by the need to value the institution's identity and history; initially created by Professor Gilmar de Gouvea and developed by physical education teachers, the festival has evolved into a formative, cultural, and symbolic tradition for students. Methodologically, this qualitative, exploratory, and explanatory study relies on bibliographic, documentary, and field research, including interviews, photographic records, and archival analysis. While currently in its initial stages, the initiative already underscores the relevance of the Memory Center as a space for safeguarding history. Ultimately, it fosters dialogical analyses of school experiences and strengthens the preservation of Colégio Dom Bosco's cultural identity.

Keywords: Public History, Memory Center, Dom Bosco School, step dance, event.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem via satélite da cidade de Campo Mourão, com a localização do Colégio Estadual Dom Bosco	13
Figura 2 - Frente do Colégio Estadual Dom Bosco em Campo Mourão.....	13
Figura 3 - Mostra de dança em Campo Mourão	37
Figura 4 - Trujeja pra Nós Chore – Valdir Rocha, Moacir Coletto e Austin Andrade.....	44
Figura 5 - Feique - Diego Oliveira, Ryan Lebrão, Peter Abudi e Austin Andrade	45
Figura 6 - Cena de Plástico.....	45
Figura 7 - Trujeja - Moacir Coletto e Mariusa Bregoli	46
Figura 8 - Dançarino Austin	47
Figura 9 - Notícia no jornal sobre a companhia	47
Figura 10 - Jornal Tribuna com notícia da Verve.....	48
Figura 11 - Planta do Colégio estadual Dom Bosco.....	49
Figura 12 - Placa de fundação da escola.....	50
Figura 13 - Placa que marca a visita do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso ao Colégio	51
Figura 14 - Professor Gilmar de Gouveia, idealizador e executor do FESTIVAL STEP DANCE	52
Figura 15 - Apresentação de um grupo	62
Figura 16 - Apresentação de um grupo 2	62
Figura 17 - Apresentação de um grupo 3	63
Figura 18 - Apresentação de um grupo 4	64
Figura 19 - Apresentação de um grupo 5	65
Figura 20 – Apresentação de um grupo 6.....	65
Figura 21 - Ensaio na quadra da Escola	66
Figura 22 - Apresentação de um grupo 7	67
Figura 23 - Apresentação de um grupo 8	67
Figura 24 - Apresentação de um grupo 9	68
Figura 25 - Todos os grupos que se apresentaram no ano de 2025	68
Figura 26 - Sala cedida para o espaço do memorial	69
Figura 27 - Sala cedida para o memorial.....	70
Figura 28 - Entrada da sala cedida para o memorial	71
Figura 29 - Convite elaborado para o festival de 2019	72
Figura 30 - Convite elaborado para o festival de 2019	72
Figura 31 - Steps utilizados para a dança	73
Figura 32 - Alunos utilizando os steps no dia a dia na escola	74
Figura 33 - Alunos dançando no festival utilizando steps antigos, que eram de madeira.....	74
Figura 34 - Medalhas distribuídas aos participantes do festival nos anos de 2014, 2022 e 2024.	75
Figura 35 - Medalhas das premiações dos projetos Interclasse e Step Dance 2014, 2022 e 2024.	76
Figura 36 - DVDs das edições dos festivais dos anos de 2010/2011	77
Figura 37 - Convite para o festival do ano de 2025.....	84
Figura 38 - CDs das edições anteriores do festival	88
Figura 39 - Medalhas das edições anteriores do festival	88
Figura 40 - Convites da edição anterior do festival.....	89
Figura 41 – Arranjo floral utilizado em diversos espetáculos no Teatro Municipal ornamentando a mesa de montagem do Centro de Memórias.....	90
Figura 42 - Alunos visualizando o Centro de Memórias.....	93

Figura 43 - Professor demonstrando e falando sobre o Centro de Memórias	93
Figura 44 - Alunos visitando o Centro de Memórias	94
Figura 45 - Alunos visitando o Centro de Memórias	95
Figura 46 - Alunos visitando o Centro de Memórias	95
Figura 47 - QR Code	98
Figura 48 - Ex-aluna do colégio Dom Bosco	110
Figura 49 - Professora Irma	113
Figura 50 - Professor de História, Fábio	119
Figura 51 - Ex-diretora do colégio Dom Bosco	126
Figura 52 - Ex-professora de história do Colégio Dom Bosco.....	130
Figura 53 Banner produzido para o festival	135
Figura 54 Banner produzido para o festival	137
Figura 55 Homenagem pelo festival.....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
SEÇÃO 1.....	19
A HISTÓRIA PÚBLICA E A MEMÓRIA DA DANÇA COMO UM ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES.....	19
1.1 Entre gerações: arquivos, história pública e fotografia	24
SEÇÃO 2.....	36
O FESTIVAL STEP DANCE COMO IDENTIDADE DO COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO EM CAMPO MOURÃO.....	36
2.1 Uma breve discussão sobre a história da dança de modo geral e especificamente em Campo Mourão	36
2.2 Verve Cia de Dança.....	38
2.3 Sobre o Festival Step Dance.....	48
2.4 O acervo do Festival Step Dance: algumas considerações.....	61
SEÇÃO 3.....	82
A CONEXÃO COM A HISTÓRIA PÚBLICA, AS MUDANÇAS NO APRENDIZADO DOS ALUNOS DO COLÉGIO E A CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE POR MEIO DO MEMORIAL	82
3.1 Da escolha da sala a abertura do Centro de Memórias.....	82
3.2 A reinvenção de caminhos	85
3.3 A seleção dos materiais para o memorial.....	86
3.4 A abertura do memorial ao público.....	91
3.5 Questionário aplicado aos alunos.....	101
3.6 O que falam alguns professores sobre o festival e suas contribuições	106
3.6.1 Entrevista com o professor Gilmar de Gouvea, idealizador do Festival Step Dance	107
3.6.2 Entrevista com a ex-aluna e atual proprietária de academia de dança, Letícia Batista Rodrigues	109
3.6.3 Entrevista com a professora Irma Pereira Lima	113
3.6.4 Entrevista com o professor Fábio Vedovato do componente curricular de História.....	118
3.6.5 Entrevista com a ex-diretora Cláudia Regina Silva da Eira	125
3.6.6 Entrevista com a ex-professora de história Maria Grazieli de Lima e atuante no festival ..	129
3.7 Festival de 2026.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	132
ANEXOS.....	135

INTRODUÇÃO

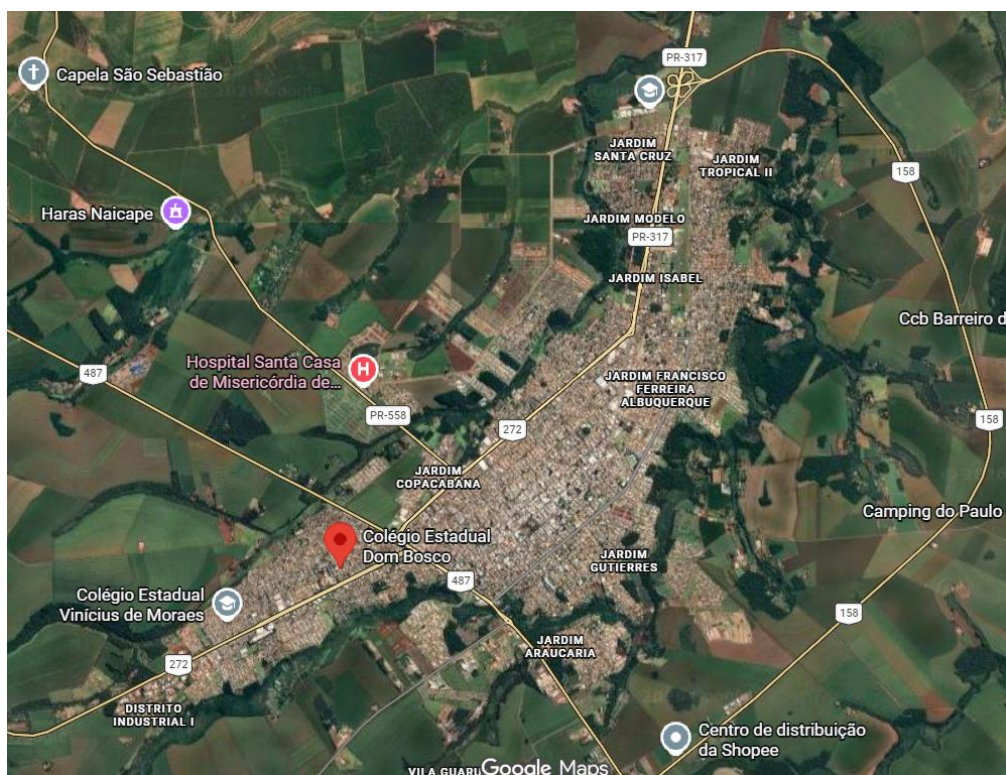
A dança é um gesto que nasce antes da palavra e permanece para além dela. Nos movimentos do corpo, o ser humano encontra uma forma ancestral de se reconhecer no mundo, de dialogar com o tempo, com o espaço e consigo mesmo. Cada passo, cada giro e cada pausa carregam intenções, silêncios e emoções que não cabem na linguagem escrita. Ao dançar, o corpo deixa de ser apenas matéria e torna-se presença, atravessado por memórias, afetos e pulsões vitais. O movimento transcende o físico ao tocar dimensões profundas da experiência humana, conectando o indivíduo ao coletivo, ao sensível e, por vezes, ao espiritual. Ela liberta, organiza o caos interno, amplia a consciência e transforma o movimento em sentido, fazendo do corpo um território onde arte, emoção e existência se entrelaçam.

A dança, enquanto manifestação artística e corporal, ultrapassa a ideia de movimento ritmado para se constituir como linguagem sensível, capaz de expressar sentimentos, identidades e experiências coletivas. Presente em diferentes culturas e tempos históricos, ela se revela como um potente meio de comunicação não verbal, no qual o corpo se torna arquivo vivo de memórias, afetos e saberes. No contexto educacional, especialmente no campo da Educação Física, a dança assume um papel fundamental ao promover a humanização dos sujeitos, favorecendo a escuta, a empatia, a criatividade e o reconhecimento do outro por meio do gesto, do ritmo e da presença.

Ao se inserir no cotidiano escolar, a dança cria espaços de pertencimento e expressão, permitindo que estudantes transcendam limites impostos por modelos tradicionais de ensino. Ela mobiliza emoções, constrói vínculos e potencializa processos formativos que articulam corpo, mente e sensibilidade. Mais do que uma prática artística, a dança na escola configura-se como um território de experiências compartilhadas, onde histórias individuais se entrelaçam e ganham sentido coletivo. Nesse cenário, eventos que valorizam a dança tornam-se verdadeiros marcos de memória, pois condensam trajetórias, esforços, descobertas e afetos que permanecem inscritos nos corpos e nas lembranças de quem participa.

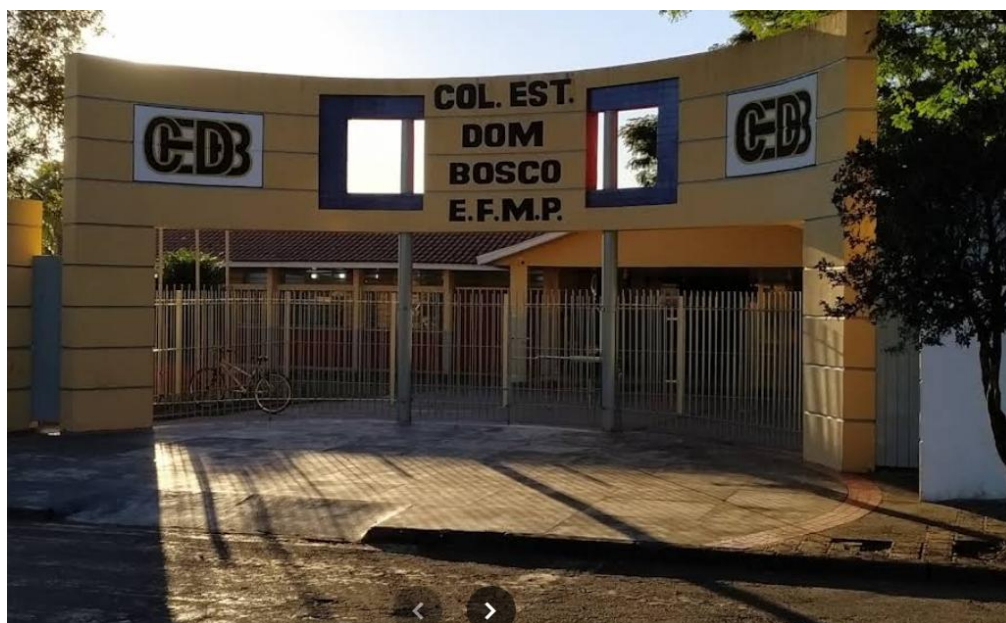
Este trabalho objetivou formar um Centro de Memórias com a intenção de recuperar, guardar, organizar e expor acervos de documentos e objetos relacionados ao Festival Step dance, que acontece no Colégio Estadual Dom Bosco, na cidade Campo Mourão – PR, desde o ano 2000, buscando integrar ações com a comunidade para tornar públicos os arquivos que estejam guardados em lugares tanto públicos quanto privados e, principalmente, compartilhar as memórias.

Figura 1 - Imagem via satélite da cidade de Campo Mourão, com a localização do Colégio Estadual Dom Bosco



Fonte: O autor (2026).

Figura 2 - Frente do Colégio Estadual Dom Bosco em Campo Mourão



Fonte: O autor (2026).

O Colégio Estadual Dom Bosco fica em um bairro mais separado do centro da cidade. É razoavelmente grande, onde possui uma estrutura de 19 salas grandes, contando com refeitório, quadra de esportes e outros ambientes comuns a uma estrutura colegial. A instituição conta com 13 turmas de estudantes no ano de 2026, tendo variabilidade ao longo dos anos. O Colégio fundado nos anos de transição da educação pública estadual na região, em 1972, faz parte da rede de escolas que passaram a implantar a modalidade de ensino integral em Campo Mourão, atendendo, no primeiro ano dessa oferta, cerca de 263 estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio e buscou ampliar a formação dos alunos por meio de atividades complementares, acolhimento e oportunidades de protagonismo estudantil.

O Festival foi criado no ano 2000, como já dito, e vem acontecendo regularmente, com a exceção de 2 anos que ficaram sem edição devido a pandemia global do vírus do Covid-19. No ano de 2026 acontece a 25ª edição.

O objetivo geral do nosso trabalho girou em torno de organizar um Centro de Memória Escolar do Festival do Colégio Dom Bosco. Com isso em mente, objetivamos também integrar ações com a comunidade para recuperar objetos e arquivos escolares, mas principalmente as memórias deles (comunidade). Nesse intuito, visamos recuperar, guardar e expor acervos escolares, tais como documentos, objetos e memórias. A ideia foi construir um catálogo fotográfico das memórias escolares do Festival, consequentemente o tornamos um Centro de Memórias.

Nossa pesquisa se justificou pelo fato de compreendermos que o Colégio Dom Bosco nos deu a oportunidade de buscar investigar o festival e fazer algo pela história e identidade do espaço escolar. Além disso, não só à comunidade escolar, mas também ao bairro e em aspecto mais amplo, ao município. Observamos uma oportunidade de dar ao centro de ensino um Centro Memorial daquilo que virou uma espécie de patrimônio, já que o festival foi criado dentro do colégio e é de sua originalidade. É um ponto de partida para algo novo, uma nova museologia. A Nova Museologia é um movimento teórico e prático que transforma o museu de um mero depósito de objetos de elite em um agente ativo de mudança social. Esse conceito surgiu na Europa a partir dos anos 1960 e consolidou-se na América Latina com a Declaração de Santiago do Chile em 1972, a Nova Museologia rompe com o modelo tradicional do museu contemplativo, elitista e centrado exclusivamente na salvaguarda de acervos materiais sacralizados. Em contraposição, propõe o ecomuseu e o museu comunitário, nos quais o território, a memória coletiva e o patrimônio vivo da própria comunidade assumem o protagonismo.

Como destacam Hugues de Varine (2012) e Mário Chagas (2009), a Nova Museologia não opera para o público, mas com o público. O foco desloca-se do 'objeto estático' para o 'sujeito social e cultural', transformando o espaço museal em uma ferramenta de intervenção social, pertencimento e cidadania. Exemplos emblemáticos dessa abordagem no Brasil e no mundo incluem o Museu da Maré (Rio de Janeiro), que preserva a memória da periferia a partir da voz dos próprios moradores, o Ecomuseu do Quentim (França) e os pontos de memória que valorizam arquivos escolares e comunitários. No Colégio Estadual Dom Bosco, a aplicação desse conceito permite transformar o Festival Step Dance em um patrimônio escolar dinâmico, onde alunos, professores e moradores da periferia deixam de ser meros espectadores e tornam-se curadores de sua própria história.

Se deixássemos passar a oportunidade de estudar esse objeto, talvez demoraria muito para que outros pesquisadores pudessem ver o potencial de todo esse conjunto. Ademais¹, é como se estivéssemos lesando o colégio ao deixar de dar atenção nas potencialidades do festival e de toda a gama que o acompanha. Além do mais, reafirmamos a importância acadêmica dessa pesquisa, para que novos pesquisadores possam ser influenciados pela nossa discussão e descubram o prazer de se enveredar pelo caminho da dança.

O Festival Step Dance foi criado pelo professor Gilmar de Gouvea² e tem sido desenvolvido por outros professores da área de educação física. É um festival que tem um processo relativamente longo, pois começa pela idealização dos alunos com a escolha da música, dos passos, do figurino, ensaio, preparação e apresentação da coreografia no teatro municipal da cidade de Campo Mourão. Foi-nos permitido acompanhar essa trajetória, conversar com os alunos e observar suas expectativas referente a todo esse caminho. É uma jornada extensa, mas também muito simbólica, pois não é só um momento de lazer, de cultura, mas também é um processo formativo para a vida dos estudantes e de preservação da história e da identidade do Colégio Dom Bosco.

O Step Dance é uma modalidade de dança que utiliza steps para a realização da coreografia. No colégio, existe um padrão para a montagem dos passos, o qual deve obedecer a certas regras. Desde muito cedo é explicado aos alunos como funciona e fica a critério deles

¹ Para ilustrar a importância de estudo, convém mencionar e lembrar o Instituto de Educação Caetano Munhoz da Rocha de Paranaguá-PR., que em 2026 sofreu um incêndio e por não ter feito um trabalho de resgate por exemplo, acabou perdendo grande parte de sua história.

² Professor Gilmar de Gouvea é graduado em Educação Física pela FEFI, em 1979, (hoje UNOPAR) em Londrina-PR. Ele é pós-graduado em Educação fundamentada em Arte pela TUIUTI - Curitiba-PR, em 1994, além de bailarino experiente e professor PDE/SEED-PR. em Dança pela UEM-Maringá-PR. Atuou também como professor no Colégio Estadual Dom Bosco por 28 anos e foi o idealizador deste festival.

a maior parte da organização para o festival. O festival em si, é um evento grande e aberto para quem quiser assistir, desde que se tenha o convite, o que ajuda a manter a segurança e a distribuição do evento. A dança faz bem ao ser humano, pois mexe com a parte física e mental de cada um. Ela é necessária e importante para o desenvolvimento corporal, social e profissional. Reforçamos a importância de oferecer isso aos alunos de uma forma que não seja apenas por diversão, mas que contribua para o desenvolvimento amplo deles.

Contudo, para nos orientar nesse processo de pesquisa, colocamos em questionamento as seguintes dúvidas: de que forma um Centro de Memórias contribui para a preservação da história e identidade do Colégio Dom Bosco? Como isso pode ser feito junto com o público? Para responder a esses questionamentos e desenvolver a pesquisa, realizamos algumas ações para que conseguíssemos extrair informações e participações em nosso trabalho. Para tanto, fizemos alguns questionamentos para professores idealizadores do festival, por exemplo, desde quando acontece o festival, quem o criou, como tem sido ao longo dos anos, o que se espera das próximas edições, entre outras. Após, procuramos por todos os materiais disponíveis referentes aos festivais anteriores, bem como realizamos entrevistas com pessoas envolvidas e engajadas com o evento. Nesse entremeio, buscamos uma sala que pudesse servir como Centro de Memórias.

Durante esse processo, realizamos pesquisas bibliográficas e documentais para nutrir o trabalho e dar sustentação as nossas discussões. Portanto, podemos caracterizar como uma pesquisa de cunho exploratório e explicativa, com abordagem qualitativa. Utilizamos questionários para entrevistar alguns participantes, como professores e ex-alunos. Utilizamos também fotografias e outros materiais disponíveis para uso. Essas fotografias, quando os alunos fazem a matrícula na instituição, os responsáveis assinam uma autorização de uso de imagem e som nos eventos escolares.

A inserção no campo de pesquisa foi aprofundada, visto que também houve a atuação enquanto professor no Colégio. Diante desse fato, cabe mencionar que mesmo sendo professor, havia a necessidade e o interesse em explorar além do que se observava entre os muros da escola. Tínhamos e temos a curiosidade de analisar todo o potencial desse processo de dança. Os resultados apontam para o quanto o Centro Memorial significa para o espaço escolar, sendo que o festival já acontece há mais de 10 anos e há muito tempo era necessário um espaço destinado para a salvaguarda de suas memórias.

Dessa maneira, pensar o Festival Step Dance enquanto objeto de pesquisa implica compreender a escola não apenas como espaço de ensino, mas também como lugar de produção de memória, identidade e participação coletiva. A construção do Centro de Memórias evidencia

justamente essa perspectiva, ao valorizar narrativas produzidas pela própria comunidade escolar e ao reconhecer alunos, professores e demais participantes como sujeitos ativos na preservação de sua trajetória histórica. Nesse sentido, torna-se fundamental considerar: “...uma história democrática, política e eticamente responsável, que identificamos como história pública, seja antes o ponto de partida, que o ponto de chegada, da operação historiográfica” (p. 119), reforçando a importância de práticas historiográficas construídas de forma compartilhada e acessível à comunidade.

Além disso, o desenvolvimento do memorial permitiu refletir sobre novas possibilidades de constituição de arquivos e documentos históricos, especialmente quando produzidos a partir das experiências e vivências coletivas. Fotografias, relatos, figurinos, troféus e registros do festival passam, assim, a ocupar um lugar de relevância na construção da memória escolar, dialogando com a ideia da: “...dessacralização do sentido do arquivo, para o qual, um trabalho em história pública abre caminho. Os documentos que servirão de base para esta pesquisa foram produzidos pelo público...” (p. 221). Dessa forma, o trabalho amplia a compreensão tradicional sobre fontes históricas, valorizando elementos produzidos no cotidiano escolar e pelas experiências dos próprios sujeitos envolvidos no festival.

Nessa perspectiva, compreende-se que: “A história não se faz apenas com documentos tradicionais... Que o arquivo, assim como o documento, é sempre algo em construção... visto que são projetos e ações de participação e intervenção pública na sociedade” (p. 232). Assim, o Centro Memorial constitui-se como um espaço dinâmico e em constante transformação, alimentado pelas memórias, narrativas e experiências da comunidade escolar. Mais do que preservar objetos e registros, o memorial busca promover participação, pertencimento e valorização das práticas culturais construídas ao longo da trajetória do Festival Step Dance.

Por fim, a realização deste trabalho também se relaciona à necessidade de preservação das experiências coletivas vividas no ambiente escolar, permitindo que essas memórias permaneçam acessíveis às futuras gerações. Nesse sentido, a construção do memorial contribui para: “... a construção de uma espécie de banco de dados de experiência social que faz com que a dimensão pública do conhecimento histórico seja herdada por novas gerações” (p. 233). Dessa maneira, o projeto reafirma a importância da memória escolar enquanto patrimônio cultural e instrumento de fortalecimento das identidades e das relações construídas dentro da comunidade educativa.

A presente pesquisa emerge de uma trajetória profissional e acadêmica que se consolidou na interseção entre a Educação Física, a Arte e a História. Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2003, minha

aproximação com a linguagem da dança ocorreu ainda no período universitário. Por meio de projetos de extensão voltados a comunidades em situação de vulnerabilidade social, pude observar, pela primeira vez, a potência da dança enquanto instrumento de transformação subjetiva. Essa inquietação inicial culminou no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Os benefícios da Dança quando aplicada de forma lúdica", onde investiguei o lúdico como mediador do aprendizado corporal da dança.

Minha formação foi continuamente aprimorada por meio de especializações em Educação e Arte (Unespar/Campo Mourão-PR) em 2004 quando apresentei o trabalho de conclusão cujo tema foi: "O Teatro do Oprimido como dinâmica na Educação" – O teatro do oprimido (T.O.) é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal - e em Gestão Escolar (Unicentro/Guarapuava-PR) em 2015 com o trabalho de conclusão de curso sob o tema: "A contribuição do Gestor para o Ensino de Leitura em Sala de Aula". Tais formações ofereceram o suporte teórico e administrativo necessário para que, ao ingressar no Colégio Estadual Dom Bosco em 2005, eu pudesse não apenas participar, mas preservar uma prática cultural local: o Festival StepDance.

Ao longo de quase duas décadas de atuação direta, transitei de colaborador a curador e coordenador geral do festival. Sob minha responsabilidade residem a organização do cerimonial, a seleção do corpo de jurados, a curadoria coreográfica e a mediação pedagógica com os estudantes, professores(as) e funcionários(as). Esta experiência enquanto gestor e educador permitiu a compreensão do festival não apenas como um evento isolado, mas como um espaço de memória, identidade e expressão da comunidade escolar.

Portanto, este estudo no campo da História Pública é fruto dessa imersão prática. A transição da atuação técnica para a análise científica justifica-se pela necessidade de documentar, historiar e analisar as transformações sociais e culturais proporcionadas pelo Step Dance, compreendendo o papel do festival na construção da identidade cultural dos sujeitos envolvidos. Assim, o objetivo inicial deste trabalho previa a criação e estruturação de um Centro de Memórias físico dentro do Colégio Estadual Dom Bosco, visando organizar o acervo do Festival Step Dance e integrar a comunidade escolar nesse movimento. Ao longo do percurso metodológico, o que se alcançou extrapolou a dimensão da mera catalogação material: conseguiu-se mobilizar a comunidade, transcrever e valorizar o registro afetivo dos estudantes, além de ressignificar o festival não apenas como uma atividade de Educação Física, mas como um espetáculo de História Pública e intervenção social periférica no palco principal da cidade.

SEÇÃO 1

A HISTÓRIA PÚBLICA E A MEMÓRIA DA DANÇA COMO UM ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES

Inspirados nas propostas da filósofa e feminista espanhola Marina Garcés (2019; 2023) a pergunta que guia nosso trabalho e que nos inspira para pensar a História Pública como um encontro entre gerações são duas: *faz comigo? como poderíamos fazer juntos o que não poderíamos fazer sozinhos?* O “como” neste caso, não faz referência a uma questão de procedimento metodológico nem a uma possível resposta unilateral desde a perspectiva dos historiadores. Ao contrário disso: “implica abandonar a superioridade do planejador e do legislador, também sair da condição supostamente passiva, dirigida e até mesmo clientelista em relação à educação e aos nossos aprendizados” (Garcés, 2023, p. 26).

A primeira pergunta (“faz comigo?”) pretende complementar a perspectiva da história pensada como uma atividade recíproca, uma escola de aprendizes, entre iguais e entre estranhos onde o importante é “aprender a não saber” (Garcés, 2023, p. 126): “com base na aliança daqueles que dependem uns dos outros (estudantes e professores, menores e tutores, gerações diversas, etc.) podemos compreender as opressões que nos atravessam e trabalhar para transformá-las” (Garcés, 2023, p. 126).

A História pública, como um encontro entre estranhos que se colocam na condição de aprendizes e possuem entre eles apreço mútuo, tem a potência de uma forma “de modificar a experiência do espaço e do tempo presentes, assim como de transformar os modos de prestarmos atenção a nós” (Garcés, 2023, p. 174). Aí que reside o apreço mútuo, na ideia de que *aprendo com você, se você aprender comigo*, isto é, “o pacto implícito da aliança dos aprendizes, não define os parâmetros de uma igualdade formal, mas sim a cumplicidade real entre aqueles que sabem não saber e que, por tanto, podem assumir juntos o risco de aprender” (Garcés, 2023, p. 176).

Assim, pensar a relação de história e público ou melhor, o sentido dessa relação visando resultados coerentes e significativos para a sociedade (como contribuição cidadã de uma história que inscreva os conhecimentos disponíveis num tempo vivido entre gerações e formas de vida em transformação) oferecendo olhares que “conectem o tempo dos vivos com o dos que existiram antes e com o dos que estão a caminho, de tal maneira que possam pensar-se uns aos outros, uns dos outros. Esse é o sentido mais profundo e mais necessário do que denominamos o risco de aprender juntos” (Garcés, 2023, p. 187). Um convite de história pública é antes de

tudo um chamado a pensar além do que seríamos capazes de pensar sozinhos tendo como base a hospitalidade.

E este pensar com outros é também o risco de um conflito entre mundos que se colocam em comum, onde o perspectivismo não é a vulgata de uma operação salomônica de que cada um olha o mundo desde seu lugar, mas a exigência de ter de situar o próprio ponto de vista entre outros, ou seja, ali onde se cruza e se compõe com outros não gera uma unidade, mas sim um campo de tensões plural e antagônico ao mesmo tempo.

Por isso a proposta do encontro entre gerações é conversar, tentar superar uma língua acadêmica e burocrática (da história acadêmica e da pedagógica acadêmica) que levam como marca constitutiva ser uma língua que não conversa: “[...] a maioria das vezes tenho a impressão de que aí funciona uma espécie de língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada da qual se apagou qualquer marca subjetiva. Então o que me acontece é que me dá vontade de levantar a mão e de perguntar há alguém aí? Além disso, sinto também que essa língua não se dirige a ninguém, que constrói um leitor ou um ouvinte totalmente abstrato e impessoal” (Larrosa, 2017a, p. 59).

A proposta é impulsionar encontros por meio de um Centro de Memórias do Festival Step Dance, é também uma forma de resistência contra um presente que:

profundiza el distanciamiento intergeneracional, que bloquea las posibilidades de donación y de escucha, que perfila con rasgos cada vez más nítidos la vocación por reducir a peso muerto aquello que proviene de saberes inútiles, a destiempo y muchas veces intraducibles a los nuevos lenguajes de las generaciones más jóvenes. (Forster, 2007, p. 35).

Mais especificamente em nossa jornada, trilhar o caminho da dança com a preservação/resgate da memória e publicizar isso para a sociedade exige uma interação consistente para que não se repita um mero processo de conversa, publicação de dados e arquivamento que posteriormente oculte o realizado. Não queremos que a memória fique guardada em uma sala escura, cheia de umidade e que raramente verá a luz do sol, onde professores e alunos passam longe.

A oportunidade de trabalhar em cima de um projeto como o Festival do Step Dance que é realizado ano após ano na escola Dom Bosco, em Campo Mourão, permitirá observar suas implicações para os atores envolvidos no processo, bem como, já que é um Festival consolidado e esperado todos os anos pelos alunos e comunidade escolar, precisa ser feito algo em torno disso para que não caia no esquecimento, até mesmo durante o período do pós-festival.

Assim, a ideia de ofertar um Centro de Memórias que estará disponível com materiais sobre os festivais anteriores, fotos, vídeos, cartazes etc., é algo que vai além de um simples apanhar e guardar, mas uma ação de resgatar, preservar e publicizar. Pensar na criação de um espaço memorial para a salvaguarda de um patrimônio como o festival, é pensar diversas questões que estão imbricadas e que contribuem para entender os motivos que nos levaram a aceitar um espaço desse porte para comportar objetos, fotografias, roupas, cartazes e outros diversos objetos.

Resgatar, preservar e publicizar a memória é sempre um processo seletivo e nisso radica sua natureza política. Por uma parte, não podemos resgatar, nem preservar, nem publicar tudo e, por outra, sempre é o presente que reconstrói o passado condicionando nosso olhar sobre os acontecimentos, modifica-os, hierarquizando alguns sempre de acordo com um horizonte de expectativas futuras. Florencia Levín (2007, p. 04) sintetiza esta questão do seguinte modo:

... hablar de memoria colectiva es hablar de la existencia de diversos actores que, con sus acciones materiales y simbólicas, elaboran diversas narrativas o, lo que es lo mismo, diversas interpretaciones acerca del pasado. Estas tienen, a su vez, un gran impacto en los mecanismos de creación identitaria de esos grupos, así como en el terreno de la acción política en la medida en que esos grupos llevan adelante reivindicaciones y demandas específicas en relación con ese pasado.

O campo da memória é um território de lutas simbólicas pelos sentidos do passado (2007, p. 4) e quando a estudamos devemos colocar atenção nos distintos/as “empreendedores/as da memória” como os denomina Jelin (2002) que, disputam sua própria versão do passado (Paganini, 2020). O termo “memória” tem a sua origem etimológica no latim e significa a capacidade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões, interpretações e conhecimentos adquiridos anteriormente, reportando-se às lembranças, de fatos e acontecimentos que ficaram no passado. Seja ela individual ou coletiva, pode ser reavivada ou revisitada, “[...] mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (Halbwachs, 1990, p. 26).

As fotografias, por exemplo, são arquivos ornados de significância que ajudam a lembrar evocando as memórias que acabam ficando desprezadas no fundo da mente. Compreendemos a memória como algo que se exterioriza a partir da relação do “outro” com o mundo, ou seja, mais especificamente, é a partir da interação do outro com elementos imateriais ou materiais que surgem as memórias e seu impacto na vida desse ser que vai imprimir-lhe memórias, sejam elas boas, ruins, traumáticas, de nostalgia, etc.

A memória está cheia de lacunas, pois não se trata de registrar tudo à nossa volta. Sua evocação ocorre por meio de palavras, lugares, fotografias, filmes, objetos, gestos, aromas,

sabores, entre outros. Pensar a memória implica na compreensão do significado entre épocas e culturas. Por exemplo, na Grécia Antiga, a memória era considerada uma entidade sobrenatural: era a deusa *Mnemosyne* (Vernant, 1973), mãe das nove musas que protegiam a arte e a história. Sacralizada, *Mnemosyne* foi responsável por uma das formas de reconstrução do passado na perspectiva de um tempo mítico e não cronológico. Foi ela quem revelou ao poeta os segredos do passado e o introduziu nos mistérios do além (Le Goff, 1996, p. 438).

Santo Agostinho foi o fundador da Memória Medieval, em seus escritos relata que a memória vive em um palácio e é como o ventre da alma, espécie de luz dos espaços temporais (*Confissões* X, 9; *De Música*, VI, 8, 12). Santo Agostinho dizia que as suas lembranças eram carregadas de imagens e que o poder da memória é tão grande e que vai além das forças do homem, pois este é mortal e a memória não é (Agostinho, 2008, p. 26).

A memória pode ser reavivada coletivamente, isto é, ao se trazer a memória à tona, instintivamente ela é revivida, revisitada, tudo o que se viveu no momento em que ela foi impressa na mente, é lembrada e consigo traz as emoções guardadas: “[...] mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (Halbwachs, 1990, p. 26). Contudo, constata-se como foi dito anteriormente que a seletividade da memória envolve negociações e conciliações, extrapolando sua dimensão coletiva.

Em outras palavras, a memória, mesmo que vivida por uma única pessoa, nunca envolve apenas ela, pois se a memória existe, existe também um segundo ou terceiro elemento que atuou com grande importância para que ela esteja sendo revivida na atualidade. É por isso que dizemos ser também coletiva, pois existe em função de demais pessoas ou demais espaços que colaboraram para a existência dela.

Quanto à relação entre memória e espaço local, Aleida Assmann (2011) expressa: “Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos (Assmann, 2011, p. 318). Para a autora, os espaços acabam fazendo parte da lembrança, o que ajuda nas horas de recordação, quando a memória vem à tona, geralmente a pessoa lembra do lugar na qual foi vivida aquela memória. O espaço memorial não deve ser uma simples sala com amontoados de documentos e objetos que de certa forma lembram aquilo que se deseja, no nosso caso, o Festival Step Dance.

Cada objeto é importante, cada documento é dotado de história, significações, valores que somados as falas de seus autores ganham vida. Uma foto, não é simplesmente um registro de um festival, mas é uma memória que apresenta um recorte especial para alguém, que evoca sentimentos, lembranças, causa emoção dependendo daquilo que se vê, e traz junto histórias do

dia registrado. Vem à tona diversos acontecimentos que permearam aquele dia, que precisa ser contado, transmitido, para que assim se fixe em novas memórias, novos receptáculos e não se perca. Um memorial é um espaço carregado de sentimentos, de alegrias, de tristezas, de saudades, enfim, é algo para lembrar aquilo que não se deveria esquecer.

Um Centro Memorial tem a pretensão de ser um lugar público que se abre ao encontro entre gerações onde a memória pode resultar algo “indominável”. Nesse sentido, para que não aconteça o esquecimento entre o passado e o futuro, o ato de narrar histórias é um exercício do pensamento em que é possível a representação dos acontecimentos vivenciados pelas gerações anteriores. Isso ocorre por meio da memória de quem se conta, reconstruindo a imaginação, fortalecendo a compreensão em um mundo comum, em que as gerações se comunicam aprendendo sobre as realizações humanas.

Isto resulta em um ponto central para pensar a História Pública num século como o XXI, onde o “conflito” entre gerações transformou-se numa suposta e publicizada “brecha geracional”, em que o choque não se define como uma separação política nem cultural (típico de uma contracultura de metade do século XX) mas tecnológica. A ideia de que existe uma geração radical e totalmente “nova” defendida de forma sensacionalista, com a tese de “nativos digitais” do Marc Prensky em 2001, é um grande problema para a memória e para o mundo comum. Esta pretendida distância entre gerações por meio de aparelhos e consumos que nos separam de forma infranqueável, como se as gerações habitassem mundos distintos, mostram a importância de não abandonar o mundo em comum e nos fazem responsáveis pela transmissão e a renovação da memória.

Desde lugares distintos dos dominantes baseados na ficção de *tecno promessas* que pretendem fabricar e controlar, preferimos olhar para um Centro de Memória como um lugar diferente de outros lugares: generoso, público, que subverte papéis, da atenção, da suspensão, da profanação e convivência entre gerações. Em tempos de individualismo e pragmatismo, a história pública pode se desafiar a proporcionar pontes para que exista um mundo entre as gerações, um “entre” que estabelece ao mesmo tempo uma relação de aproximação, mas que também respeita à diferença.

Colocar o encontro entre gerações como um assunto central busca fugir das “armadilhas” mais difundidas dos estereis debates determinados pela constante contraposição entre tradição e inovação. Isso propõe um pensamento crítico que não é outra coisa a não ser dizerem uns para os outros: “vamos a examinar juntos lo que estamos pensando, a ver si somos capaces de pensarlo de outra forma?” (Garcés, 2019, p. 58).

1.1 Entre gerações: arquivos, história pública e fotografia

Vivemos, conforme Lila Caimari (2020), um "*momento archivos*", marcado pela crescente consciência da importância dos documentos e rastros do passado para a compreensão das práticas sociais e da formação das memórias coletivas. Conforme a autora aponta, esse momento se caracteriza por:

(a) um processo de tomada de consciência em relação à necessidade de cuidado e preservação de arquivos (b) uma reflexão sobre nosso vínculo com o arquivo enquanto pesquisadores. (c), diversas práticas disciplinares, intelectuais, e incluso artísticas para pensar o arquivo como ferramenta teórica, categoria, além de objeto (Caimari, 2020, p. 223-224).

Em sintonia com essa leitura, autores como Bustamante Vismara (2019) propõe olhar os arquivos escolares não apenas como acervos administrativos, mas como patrimônios culturais que merecem ser preservados, lidos e interpretados. Na perspectiva da História Pública propomos pensar o arquivo escolar não como “algo dado”, mas na sua gênese, estrutura e principalmente na sua dimensão pública, olhando a sua construção, preservação e uso para além de uma concepção meramente administrativa. Os “arquivos” são definidos como um conjunto de registros que tem como função a preservação e transmissão da memória em: “espacios de resguardo de documentos ligados a una actividad humana o institución” (Bustamante Vismara, 2019, p. 31). Diferente da concepção burocrática que enxerga o arquivo escolar como um 'depósito de papéis mortos' ou um mero acervo de documentos administrativos empoeirados, defendemos o arquivo escolar como um espaço vivo, dinâmico e ressignificado.

Conforme apontam Bustamante Vismara (2019) e Cruz (2023), o arquivo escolar guarda a pulsação do cotidiano pedagógico e as marcas da experiência humana. Ele não é um fim em si mesmo, nem uma estrutura estática mantida sob chaves; é um patrimônio cultural vibrante que ganha vida à medida que é manuseado, lido, sentido e reeditado pelas novas gerações de estudantes. Ao trazer à tona bilhetes, figurinos, medalhas, fotografias e relatos orais do Festival Step Dance, o arquivo deixa de ser 'morte' para se tornar um território de afeto, identidade e resistência cultural.

Este espaço que abriga e cuida dos rastros documentais, segundo Paul Ricoeur, é principalmente: "um lugar social da memória, da história..." (Ricoeur, 2007, p. 177), colocando ênfase em afirmar que: “antes do arquivo consultado, constituído, há o arquivamento” (2007, p. 176) e esta gênese “não-dita” da prática social do arquivar exige: “uma análise do ato de inserção em arquivo, de arquivamento, do que permite e o que proíbe” (Ricoeur, 2007, p. 178).

No caso específico dos arquivos escolares convivem as regras arquivísticas, no sentido de dizer o que se guarda e que se descarta, regidas pelas normas institucionais legais junto com minoritárias propostas de agentes escolares mais preocupados com a fragilidade e a incompletude da memória que buscam preservar e dar valor a documentos além das obrigações burocráticas.

Bustamante Vismara (2019) afirma que a gestão dos arquivos escolares: “debería estar a cargo de profesionales competentes, capaces de administrar aspectos relacionados con la clasificación, el mantenimiento, la difusión y la puesta en valor de su patrimonio” (Bustamante Vismara, 2019, p. 25). Este ponto permite colocar no centro da questão o papel do historiador e da comunidade como “agentes competentes” em relação aos arquivos escolares sendo que geralmente os responsáveis pelo arquivo escolar privilegiam as determinações burocráticas e consideram o arquivo uma engrenagem da funcionalidade institucional.

Neste trabalho buscamos tencionar a própria ideia de "competência" que considera a ciência como “coisa privada” onde supostamente: “(...) não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro em qualquer ocasião e em qualquer lugar” (Chauí, 1982, p. 02). Esse discurso do "competente" é questionado por Marilena Chauí por considerá-lo o “discurso do instituído” que permite e autoriza somente interlocutores que:

foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência (Chauí, 1982, p. 07).

Para pensar os arquivos escolares e a História Pública resulta de particular importância esta questão da "competência" e principalmente como uma crítica à burocratização “competente”. Nesse sentido, reconhecer o arquivo escolar como campo de disputa implica abandonar uma visão burocrática e pensar sua dimensão instituinte, como propõe Zaia (2005), ou seja, os arquivos não apenas reproduzem estruturas, mas também produzem novas possibilidades de compreensão e organização da memória.

Queremos destacar aqui a relação entre a história pública e a fotografia, uma vez que ela contribui na interpretação e o reavivamento do passado, podendo contribuir na história pública de forma que coloca o público como atuante e construtor da história. Ao olhar para a fotografia, esse público pode trazer suas memórias, lembranças e perspectivas do passado ao presente e ajudar a dar novos significados à forma como os espaços de formação atuam hoje, bem como podem comparar com fotografias atuais e perceber as mudanças sofridas ao longo

do tempo, tanto em níveis físicos quanto níveis subjetivos. Fotografia abrange aspectos objetivos e subjetivos das cenas retratadas, as quais podem ser particulares ou mesmo públicas.

Seus usos são diversificados: se particulares circulam na esfera privada e comportam fortes laços afetivos familiares e de grupos, se públicas são portadoras de função política e atuam no campo das disputas pela memória e pela história, além de atuarem junto à opinião pública e de se constituírem como memória visual da cidade (Mauad, 2013, p. 13).

A fotografia é uma importante aliada para interpretar lugares, pessoas, momentos etc. Acreditamos veementemente no seu potencial pela riqueza de perspectivas e ao mesmo tempo com a sensibilidade que pode demandar ao se analisar uma imagem. Com isso, concordamos com Mauad (2015) que o historiador deve ficar atento às imagens capturadas e aos códigos, sentidos e representações, os quais podem evocar pela memória individual ou coletiva, formas de “ver e pensar” (Mauad, 2015, p. 83). É íntima a relação entre a história pública e a fotografia, uma vez que esta última contribui para auxiliar na interpretação e no reavivamento do passado junto com a comunidade escolar. Entendemos que o historiador público pode colocar o público em contato com as artes e mobilizá-las em torno do conhecimento sobre o passado a partir das relações entre as pessoas e a coletividade.

Ao olhar para as fotografias o público pode transbordar suas memórias, lembranças e perspectivas do passado e ajudar a construir novos significados para os festivais seguintes, que podem ser usados como meios de formação social. Por outro lado, a fotografia abrange aspectos objetivos e subjetivos das cenas retratadas, as quais podem ser particulares ou mesmo públicas. Seus usos são diversificados. Se particulares, circulam na esfera privada e comportam fortes laços afetivos familiares e de grupos. Se públicas são portadoras de função política e atuam no campo das disputas pela memória e pela história, além de atuarem junto à opinião pública e de se constituírem como memória visual da escola (Mauad, 2013, p. 13).

Melissa Miles enfatiza em seu estudo sobre a fotografia; elas estão à nossa volta, representadas nos mais variados formatos, desde imagens impressas em grandes outdoors, até em pequenas telas de aparelhos portáteis, sendo que elas também objetivam aguçar a crítica do público. Neste caso, o público é dinâmico e heterogêneo, possibilitando uma heterogeneidade de diálogos: “Aqui, os públicos são concebidos como reinos dinâmicos de visibilidade, discussão, reflexão e contestação entre estranhos de diferentes raças, idades, sexos, classes sociais e econômicas” (Miles, 1969, p. 25).

Para Miles, o público é visto pela sua dinamicidade e heterogeneidade, pela riqueza de suas experiências e partilhas, pelas possibilidades de contribuir para os mais variados olhares

sobre a arte pública e sobre os espaços públicos.³ Falar do público é falar de sua relação com a cultura pública, com uma cultura emotiva relacionada a lugares, pessoas e atividades: “as emoções são uma parte fundamental da cultura pública porque ajudam a determinar com quem nos relacionamos como próximos e como distantes, em outras palavras, com quais estranhos nos importamos (Miles, 1969, p. 25).

As histórias do lugar e de seu patrimônio nos levam aos conceitos de lugares de memória ou lugares de memória e arte pública. Os lugares de memória englobam inter-relações e coexistência entre os aspectos materiais e imateriais, racionais e sensíveis, elementos funcionais e simbólicos (Pierre Nora, 1993, p. 21-22). Ao mesmo tempo eles representam algo em si mesmos e experiências físicas e mentais. Neste sentido, as lembranças e suas transmissões estão ligadas a uma memória social, às identidades dos sujeitos, as quais podem ser vislumbradas através do contato com uma memória visual. Ludmila da Silva Catela reconhece esta dinâmica, inacabada e conflitiva dos lugares da memória e propõe denominá-los como territórios de memória que possuem como fundamento a transmissão e renovação das experiências passadas para as novas gerações:

[...] frente a la idea estática, unitaria, sustantiva que suele suscitar la idea de lugar, la noción de territorio se refiere a las relaciones o al proceso de articulación entre los diversos espacios marcados y las prácticas de todos aquellos que se involucran en el trabajo de producción de memorias sobre la represión; resalta los vínculos, la jerarquía y la reproducción de un tejido de espacios que potencialmente puede ser representado por un mapa, donde situamos el territorio. Al mismo tiempo, las propiedades metafóricas del territorio nos permiten asociar conceptos tales como conquista, litigio, desplazamiento a lo largo del tiempo, variedad de criterios de demarcación, de disputas, de legitimidades, derechos, ‘soberanías’ (2014, p. 169).

A importância do Festival Step Dance para os alunos vai além de uma participação por nota, já está embrenhado na cultura da comunidade escolar, bem como existem alunos que ao saberem do festival, mesmo não sendo aluno daquele colégio, sentem o desejo de se mudarem e fazer parte do Dom Bosco. Isso emprega um certo orgulho para a equipe da escola, por chamar a atenção da comunidade no geral e fazer com que se sintam atraídos para participar de um festival que já acontece há mais de dez anos.

O arquivo escolar geralmente é aquele que fica em um acervo, em uma sala, na biblioteca, e que fica à disposição para consulta, dependendo do seu teor ou da sua finalidade. Não são meros papéis amontoados e sem sentido apenas fazendo volume. Indo ao encontro do

que propõe Cruz (2023), pensamos no arquivo escolar como um parâmetro dotado de significações e não simplesmente arquivo.

Assim, na perspectiva da História Pública propomos pensar o arquivo escolar não como “algo dado”, mas na sua gênese, estrutura e principalmente na sua dimensão pública, olhando a sua construção, preservação e uso para além de uma concepção meramente administrativa. Os “arquivos” são definidos como um conjunto de registros que tem como função a preservação e transmissão da memória (Cruz, 2023, p. 15).

A autora ainda lembra que é necessário pensar na utilidade do arquivo, o quanto ele pode oferecer de benefícios, memórias e o quanto ele pode atrapalhar ou estar, muitas vezes desatualizado. O arquivo pode ser guardado e esquecido ou pode ser algo que está sempre em evidência. E é justamente o que queremos com essa pesquisa, que o espaço memorial seja algo em evidência, de fácil acesso, pois quanto mais fácil o acesso mais chamará a atenção das pessoas. Quando temos algo, por exemplo, um arquivo que é difícil de consultar as pessoas logo abandonam a procura e partem para meios digitais. O Celular, citando uma das fontes, é um meio extremamente fácil e rápido para se consultar qualquer informação, obra, notícias, eventos. A grande maioria das pessoas tem trocado os livros físicos pelos digitais, o que de certa forma acaba perdendo a magia do que se é antigo, da história que traz consigo cada arquivo, espaço ou objeto. Hoje em dia, é mais fácil e menos trabalhoso pesquisar no smartphone sobre uma pintura do que realmente ir visitá-la em um museu. A autora menciona que,

[...] quando pensamos em preservação de arquivos escolares, normalmente nos remetemos imediatamente a uma visão de documentos antigos “arquivos mortos”, que são pouco ou quase nunca aproveitados e são utilizados apenas para fins burocráticos. Mas os pesquisadores como o público no momento de construir o conhecimento se esbarram dentre outras dificuldades com o acesso às informações seja pela sua estrutura física acolhedora ou assustadora [...] há escolas que preservam fotos, vídeos, materiais e objetos antigos, por exemplo, mas que nem sempre estão disponíveis ao público, pelo contrário, eles ficam no fundo de armários escondidos e empilhados quase sem espaço. É justamente assim que percebemos a necessidade do historiador público em resgatar, preservar e difundir a história escolar valorizando e considerando não só na divulgação de documentos ou repasse de informações formais, mas na construção de uma forma de arquivo, que preserve e transmita documentos históricos, sejam eles: orais, escritas, entre outras (Cruz, 2023, p.18).

Torna-se, assim, imprescindível refletir sobre os critérios que orientam a conservação ou o descarte documental e, igualmente relevante, interrogar quais sujeitos participam dessas decisões e com quais interesses. Nesse movimento, o arquivo se revela novamente como um campo de disputas, e não como uma instância neutra, objetiva ou concluída. Pensar as genealogias do arquivo é reconhecer que ele é constituído por vontades institucionais e por

agentes que, em distintos contextos, optaram por preservar determinados vestígios dotados de valor social e histórico em uma dada comunidade ou sociedade. Afinal, “nada de lo que las familias, los científicos, los hombres de Estado y las instituciones archivan es imparcial o neutro; todo trae la marca de las personas y acciones que los salvaron del olvido [...]” (Catela, 2002, p. 403). Segundo Catela (2002):

La complejidad de las decisiones, disposiciones y oposiciones sobre lo que se guarda y lo que se tira, sobre las limitaciones al acceso y el resguardo de las personas, sobre la necesidad de entender y otorgar unidad a la dispersión de papeles que conforman acervos dentro de los archivos constituye, a mi juicio, un objeto de análisis que amplifica la significación del estudio de los archivos y su mundo (Catela, 2002 p. 389).

A autora (2002, p. 382) evidencia as tensões existentes entre os “donos” dos acervos e os “donos” da memória, bem como os “diversos motivos” que se entrecruzam e entram em disputa nas diferentes e contraditórias “razones de la selección/acumulación/transmisión”. No interior dessas disputas e hierarquias, destaca-se o papel do historiador público, ao lançar um olhar histórico e cultural sobre a construção dos arquivos escolares. Nesse processo,

los documentos, las imágenes, los objetos que constituyen acervos no son restos del pasado, sino que son productos de la sociedad que los ‘fabrica’ según las relaciones de fuerza (entre archiveros, directores de archivos y sus múltiples usuarios y formas de uso), que alrededor de ellos teje poderes [...] (Catela, 2002, p. 402).

Ao trabalhar com essas tensões, Catela (2002) demonstra que os arquivos não são estruturas fixas, definitivas ou instituídas de forma unilateral e vertical. Ao contrário, aquilo que é considerado central ou periférico — se integra: “un archivo general de la nación” ou permanece “localizado en un garaje en una provincia o barrio periférico”, depende da atuação de uma rede de agentes especializados (historiadores e pesquisadores legitimados), que buscam determinar os critérios de seleção, ordenamento e destino dos documentos (Catela, 2002, p. 401). As instituições escolares possuem arquivos, guardam papéis, acumulam objetos; algumas chegam a dispor de um vasto acervo, frequentemente, porém, negligenciado: “Por decirlo de otra manera, todas las escuelas tienen ‘papeles’, pero pocas han llevado adelante políticas de preservación documental de la documentación histórica” (Bustamante, 2019).

Nesse viés, é indubitável pensar na escola como um vai e vem de pessoas que guardam histórias, dotadas de valores e sentimentos múltiplos e que tem conhecimento para difundir, compartilhar e aplicar nas suas relações diárias. Cada um na sua singularidade absorve muito dos outros e partilha muito de si, desenvolvendo uma relação dialógica. Criar esse espaço

memorial dedicado ao Festival Step Dance em nossa escola, representa muito mais do que a simples guarda de documentos e registros.

Trata-se de um gesto profundamente significativo do ponto de vista da *história pública*, sendo uma área que valoriza a construção e a preservação da memória coletiva a partir da participação ativa da comunidade. Nesse contexto, o memorial não é apenas um local físico, mas um espaço simbólico onde experiências, identidades e afetos se encontram e se perpetuam.

Quando refletimos sobre o entorno de uma escola e consideramos o grande número de pessoas que passam longo período da vida nesse ambiente, entendemos que esse espaço guarda muito mais que apenas documentos institucionais arquivados, mas construções identitárias, edificadas através da interação, de conhecimentos adquiridos na construção da individualidade, dos vínculos, da essência de cada indivíduo (Cruz, 2023, p. 23).

Ao preservar os registros do Festival reconhecemos o evento como essencial à trajetória cultural e social da escola. Além disso, mais do que uma apresentação artística, é expressão de diversidade, criatividade, resistência e pertencimento. É um acontecimento que mobiliza alunos, professores, funcionários e famílias em torno de um propósito que também influencia na aprendizagem. Sob a ótica da história pública, esse memorial contribui para que os agentes em torno do processo sejam artistas e protagonistas ajudando a construir/preservar a história que ali se constrói. Os alunos, especialmente, desenvolvem a consciência crítica sobre o papel da cultura e das manifestações coletivas em suas vidas. Ao visitar o memorial, eles verão refletidas suas próprias vozes, suas danças, seus esforços e suas narrativas. Isso fortalece a autoestima, o engajamento e o senso de pertencimento escolar, além de querer que novos alunos comecem a participar (Cruz, 2023).

Portanto, mais do que um repositório, o Centro de Memórias pretende ser um elo vivo entre passado, presente e futuro para a comunidade escolar. A instituição escolar é um campo contemplado por histórias, símbolos, diálogos, mas sobretudo, um campo do saber científico, do fazer ciência e história. Nada mais justo do que esse ambiente ser preparado para isso, bem como precisa ser acolhedor para abrigar as mais diversas etnias e culturas (de toda a equipe e alunos) que perpassam por ela. Contudo, é também um campo que requer cuidado. Cruz (2023) exalta essas qualidades do espaço escolar,

A escola é um espaço de memória com revelação oral e documentos visuais, é também através de fotografias, arquivos históricos que se revelam a construção da identidade local e o resgate dos valores de gerações passadas pertencentes à caracterização contemporânea com os laços declarados pelas lembranças relatada em fonte oral. Este espaço é composto de histórias e valores presentes nas interações entre os sujeitos,

sobre como o sujeito se insere na realidade à sua volta, construindo uma representação subjetiva do mundo (Cruz, 2023, p. 21).

Diante disso, a premissa que levamos enquanto percorremos essa pesquisa é a de que é necessário ter um olhar para o arquivo escolar diante da História Pública que possibilite o resgate, conservação, publicização e a criação de uma interação com o público, nas palavras de Cruz (2023). O que faremos é trazer o que estava deixado de lado, abandonado, para dar vida, restauração, a fim de publicizar e não deixar cair no esquecimento, assim como promoveremos a interação, o diálogo, com o público para que eles revivam a história, sintam tudo aquilo que já foi feito e continuem promovendo para as novas gerações.

Como cada ano é feito o festival, ter um espaço memorial significa mais organização para a escola. Quando os alunos precisarem se organizar e ajudar na organização dele, haverá um ponto de apoio que comporta ali os materiais, a história, o acervo dos festivais anteriores, a fim de conciliar os novos festivais e projetos. Dessa forma, também significa coerência, praticidade, melhor condução para os próximos festivais que acontecerão na instituição.

A publicização do arquivo escolar no contexto da História Pública não significa apenas disponibilizar essas informações, mas torná-las acessíveis e atrativas para o público geral, segundo Cruz (2023). Ao tornar o material acessível e atrativo, as pessoas podem não só aprender sobre o evento, mas também se envolver emocionalmente com a história que ele carrega. Isso aumenta o engajamento do público e garante que a memória cultural seja vivida no presente. Um dos maiores benefícios desse olhar é a possibilidade de criar uma interação dinâmica entre o público e a memória preservada.

Quando um festival, um evento cultural ou uma tradição é inserida no campo da História Pública, o público se torna parte ativa do processo de preservação. A interação com o público, portanto, não pode ser apenas passiva, pois ela envolve os espectadores, levando-os a se engajar ativamente com a história e, ao mesmo tempo, enriquecendo essa história com suas perspectivas pessoais (Cruz, 2023, p. 24).

Além disso, ao integrar o público, a história do Step Dance (e de outros festivais e tradições) deixa de ser um relato distante, tornando-se uma experiência compartilhada que pode fortalecer laços comunitários e promover um sentimento de pertencimento. Ao aplicar o conceito de História Pública e enfatizar o resgate, a conservação e a interatividade, cria-se um espaço em que a memória não é apenas preservada, mas também vivida e transmitida, envolvendo o público em um processo contínuo de reconhecimento e fortalecimento da identidade cultural. Esse olhar contribui para a valorização de práticas artísticas e culturais que,

muitas vezes, poderiam ser esquecidas, garantindo que as gerações futuras possam conhecer e celebrar e questionar essas tradições.

Para isto, é necessário que desde a História Pública possamos propor encontros nas margens da complacência e da arrogância cega da burocracia do conhecimento que impossibilitam a coexistência e a criação de ocasiões e assuntos de atenção compartilhada. A burocracia transfere a autoridade do encontro e do diálogo para os protocolos e as plataformas, que sempre transmitem impotência ao mesmo tempo que exigem resultados desalmados. As “novas autoridades” com seus discursos e suas propostas consideradas atuais e eficientes estão dominadas pela “promessa de transparência, certeza e segurança que mais uma vez, só é possível como uma operação de domínio, baseada na ilusão... do controle” (Garcés, 2023, p. 39). No entanto, estas propostas que buscam controlar tudo são também, e sobretudo, máquinas de produzir impotência perante a rede de interações e incertezas que tecem as relações e as experiências da memória em comum.

Um Centro de Memória, pensado como um território de disputa desde a História Pública, tem a ver com o nascimento, no sentido de que constantemente nascem seres humanos no mundo (Arendt, 2016, p. 243). Esta questão que parece banal é muito bem analisada por Jorge Larrosa num texto intitulado “O enigma da infância” onde reflete sobre: “o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem a chegada de aqueles que nascem. A educação é a forma que o mundo recebe aos que nascem” (Larrosa, 2017, p. 234-235). E aqui gostaríamos de colocar o assunto do medo, voltado a Arendt quando fala que o nascimento de cada ser humano é uma nova voz no mundo e isto causa terror nos que querem produzir e controlar o passado, o presente e o futuro.

Utilizando como metáfora a imagem de Herodes, para simbolizar o poder de quem teme as mudanças, as incertezas e as aberturas do encontro com o novo: “tanto a pretensão de manter a continuidade quanto a pretensão de sua transformação radical” (Larrosa, 2017, p. 238) e tem medo ao encontro entre gerações. Qualquer um dos rostos de Herodes, tanto no passado como no presente, tem medo, transmitem medo, geram medo e buscam sufocar: “O enigma ontológico do novo que vem ao mundo, ocultar a inquietação que todo nascimento produz, eliminar a incerteza de um porvir aberto e indefinido, submeter a alteridade da infância a lógica implacável de nosso mundo, converter as crianças numa projeção de nossos desejos, de nossas ideias e de nossos projetos”. (Larrosa, 2017, p. 239).

Esse medo, leva a desconfiança que muitas vezes cai em um moralismo onde a conversação como gesto básico fica paralisada e impossibilitada num: “conglomerado

repetitivo de leyes, amonestaciones, reproches, advertencias y debilitaciones... lo que asume como transmisión es apenas la orden del orden, entonces el caminar en el vacío sólo puede entenderse como un movimiento genuino en busca de otras leyes, otras conversaciones, otras resonancias, otras palabras para poder substituir” (Skliar, 2007, p. 72).

Bloqueia a possibilidade de imaginar o risco de aprender juntos: “aprender uns com os outros e uns dos outros, a partir da consciência do que sabemos e do que não sabemos” (Garces, 2023, p. 165). Porque no caminho contrário da burocratização, encontrar-se: “não é fabricar nem planejar. É deixar-se encontrar e elaborar a partir daí o sentido de uma situação [...] Não molda objetos, mas sim vincula e liberta vidas em curso” (Garces, 2023, p. 166). Na luta contra a burocracia e o medo, a convivência entre estranhos, o encontro entre aprendizes, o risco e a aventura sempre turbulentos de “estar/ser afectado y el afectar [...]” (Skliar, 2007, p. 73).

Sem protocolos que convertam ao outro em sujeito: “à medida” para ser “fabricado”, o encontro entre gerações deve superar os medos de um: “autêntico cara a cara com o enigma...enfrentar o outro e está disposto a perder o pé e a se deixar tombar e arrastar por aquele que lhe vai ao encontro: “o sujeito da experiência está disposto a se transformar numa direção desconhecida” (Larrosa, 2017, p. 245). Assim, o que muitas vezes é chamado de “crise educativa” que mediante um discurso de inovação tem levado a uma “amnésia planificada” (Skliar, 2007, p. 80) na nossa proposta a consideramos uma crise da “conversación, de la herencia, de la transmisión y de la experiencia como tal? (Skliar, 2007, p. 79). Não se soluciona com mais burocracia e com mais medo, mas assumindo que: “la educación no es una cuestión acerca del otro, ni sobre el otro, ni alrededor de su presencia, ni en el nombre del otro. La educación es, siempre, del otro” (Skliar, 2007, p. 82). Em palavras de Jorge Larrosa:

Talvez a pior tentação a que sucumbiu a Pedagogia tenha sido aquela que lhe oferecia ser a dona do futuro e a construtora do mundo. Porque, para fabricar o futuro e construir o mundo, a Pedagogia tinha de dominar primeiro tecnicamente (pelo saber e pelo poder) [...] Só na espera tranquila do que não sabemos e na acolhida serena do que não temos, podemos habitar na proximidade da presença enigmática da infância e podemos nos deixar transformar pela verdade que cada nascimento traz consigo (Larrosa, 2017. p. 245).

O desafio que supera medos e protocolos desalmados consiste então em iniciar uma conversa, colocar em cima da mesa coisas que se transformam em maravilhas, em matérias de estudo para cuidar e para prestar atenção, algo interessante por si mesmo apresentado de forma pública. Relaciona-se assim com a operação de profanar, no sentido que lhe outorga Agamben (2005, p. 59), ou seja, aquilo: “que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens”, no qual tudo deve perder sua aura de intocável, de sacralidade.

Atribuindo uma perspectiva educacional à esta noção de profanação, os filósofos belgas Jan Masschelein e Maarten Simons afirmam que profanar é “colocar algo sobre a mesa” como um objeto de estudo, transformando algo em matéria de estudo, que exige “nossa atenção, que nos convida a explorá-lo e engajá-lo, independentemente de como ele possa ser colocado em uso” (Masschelein e Simons, 2018, p. 42), além disso, também o afasta do seu uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significativo específico, e, portanto, “algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re)apropriação de significado. É algo, nesse sentido geral (não religioso), que foi corrompido ou expropriado: em outras palavras, algo que se tornou público” (Masschelein; Simons, 2018, p. 39). Então trata-se de superar as “bolhas” particulares criando espaços comuns e habitáveis mudando o isolamento pela cooperação, “e desertar del dogma de la autosuficiencia para incorporar la interdependencia... mancomunar...” (Garcés, 2019, p. 156).

A arte pública diz respeito a arte feita com o público, isto é, aquela em que o público que irá consumir/assistir também irá participar e contribuir para sua feitura. Um lugar sem arte ou um lugar onde a arte não é vista é um lugar sem vida. No entanto, não basta apenas ter uma arte ou algum projeto de arte, é preciso que o público não haja como se ela não estivesse lá, não existisse. As pessoas fogem de lugares em que ela aparece escancarada, como por exemplo em museus, casas de cultura, de música, de pinturas, etc., por não terem conhecimento sobre ela, por isso não se mobilizam a participar e a pedir por mudanças (quando necessárias). Elas se acomodam e se não veem ou não visitam, não vão atrás reivindicar pelos seus direitos. Nisso, a população não percebe a importância de seu papel nos espaços públicos.

Muitas verbas são destinadas para a cultura, no entanto, não vemos tantos projetos culturais acontecendo equivalentes ao tanto de dinheiro público sendo implantado, a cidade continua na mesma e os espaços que deveriam estar sendo revitalizados, renovados, continuam da mesma forma. Isso levanta a dúvida de onde estão sendo empregadas essas verbas destinadas a cultura e por que não há mais projetos sendo desenvolvidos, shows programados, feiras de exposições, de artesanatos, cursos gratuitos de artes, entre outras formas de propagação da arte? As pessoas ignoram a arte por não saberem, agem com ignorância porque sentem vergonha de dizer que não conhecem, que nunca viram.

Além das reminiscências e assim como a fotografia, a arte provoca efeitos estéticos e sensíveis; ela pode causar emoção, incômodo, suscitar a criticidade, entre outros. Por mais que a arte seja acessível em termos práticos, nem sempre os públicos podem acessá-la e interpretá-la. Tornar a arte pública é quebrar essas barreiras e promover o acesso e a inclusão de todos.

Entendemos que a arte pública e a história pública se aproximam. A primeira considera o contexto histórico, social e cultural de seu lugar, sua vinculação com a história da cidade, a problematização de seus componentes estéticos, além de promover sua dimensão ética e a participação do público. Outro argumento para esta aproximação consiste na ideia de que a arte pública prescinde de formas de intervenção, conceituação e conscientização nos espaços públicos (Abreu, 2005, p. 228).

SEÇÃO 2

O FESTIVAL STEP DANCE COMO IDENTIDADE DO COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO EM CAMPO MOURÃO

A arte da dança é algo que exige não só técnica, mas também entrega, concentração e vontade. Todos esses quesitos alinhados podem render uma boa apresentação, bem coreografada, atrelada a uma melodia que exale os sentidos da vida. Começamos esse capítulo falando do quanto a dança é especial e importante. O movimento faz parte dos seres humanos. Dançar é algo ancestral, está no “sangue” dos homens e mulheres. Até mesmo quem diga que não sabe dançar, consegue expressar passos tímidos e descompassados. Uma das situações em que mais acontece das pessoas dançarem é quando estão felizes ou comemorando algo. O corpo fica tão energizado e pronto para exprimir essa felicidade que se arrisca com alguns passos e isso contagia as pessoas a sua volta, fazendo até quem está perto também dançar. O momento da dança é simbólico e é real.

Neste capítulo, pretendemos discorrer, ainda que brevemente, a história da dança mesmo não sendo o nosso foco, para apresentar um panorama sobre seu conceito ao longo do tempo. Além disso, é importante compreender que a dança não é mera movimentação, mas é algo carregado de valores, de simbolismos e de história. Ademais, apresentaremos com afínco sobre o objeto de nossa pesquisa que é o Festival Step Dance, trazendo algumas fotografias que retratam as edições anteriores do festival.

2.1 Uma breve discussão sobre a história da dança de modo geral e especificamente em Campo Mourão

Em Campo Mourão, existem alguns festivais de dança que são projetos da prefeitura, realizados em licitações e concedidos a pessoas que propõem esse projeto, ganhando recursos e subsídios para a promoção. Como exemplo disso, no ano de 2024 tivemos a MOSTRA DE DANÇA DE CAMPO MOURÃO⁴ – 2024, contando com vários workshops de diferentes tipos de dança como Ballet, dança contemporânea, dança do ventre, jazz e danças urbanas. Isso é algo importante de destacar pela necessidade de haver um projeto nesse âmbito social em que

⁴ Disponível em: <<https://campomourao.atende.net/cidadao/pagina/mostra-de-danca-2024>>. Acesso em 13 de mar de 2025.

a comunidade do município pode participar e conta ainda com diversas opções. Abaixo, uma imagem do cartaz de apresentação do projeto,

Figura 3 - Mostra de dança em Campo Mourão



Fonte: Site da prefeitura de Campo Mourão, 2025.

O município estima também por festivais de dança particulares, por colégios e faculdades e ainda instituições privadas de dança. Outro programa que o município dispõe é o Campo Mourão + Ativa, um projeto público e de qualidade que envolve diversas pessoas de diferentes faixas etárias. É um programa realizado pela Fecam, Fundação de Esportes de Campo Mourão. O programa conta com mais de 35 turmas distribuídas em vários bairros da cidade. Tem como objetivo oferecer a atividade física a jovens, adultos e idosos, com o intuito de transformar a população mais ativa e menos sedentária. Nesse projeto, além das atividades físicas, há também festividades promovidas por cada grupo, e uma delas são danças apresentadas, por exemplo, no teatro do município, recebendo até autoridades para o seu prestígio. É uma iniciativa que merece destaque pela preocupação na saúde das pessoas, bem como na acessibilidade para aqueles que não tem condições de pagarem por estúdios, academias, centros esportivos etc. O programa já acontece há alguns anos, contudo, esperamos que se prolongue por vários outros.

Ao discutir sobre dança, como objeto de estudo, não tem como deixar de fora o conceito de arte, já que a primeira está contida na segunda. Nesse trabalho, é fundamental observar como o conceito de arte percorre o estudo, uma vez que a arte é necessária e está presente em nossa vida, em cada canto da sociedade. Segundo a visão do filósofo italiano, Pareyson (1997), discutida por Rosa (2016), a arte tem três perfis, a construção, conhecimento e expressão. A construção se relaciona pela forma como é feita, o equilíbrio e o desequilíbrio. Sobre o conhecimento, refere-se à representação de como é percebida e como o artista subjetiva, e a expressão como se forma e se percebe artisticamente (Rosa, 2016).

O autor ainda menciona a perspectiva simbólica da arte, que além de tudo, é algo subjetivo para cada pessoa que se manifesta por meio da dança, por exemplo. Todos os seus movimentos são únicos, intransferíveis, porque cada pessoa “dança conforme a música”, mas é de acordo com a “sua” música, demonstrando a particularidade de cada ato adquirido, incorporado e expressado. A representação de arte única de cada um para outros, forma novas representações para outras pessoas, e assim sucessivamente, demonstrando o caráter tão excepcional na arte, mas ao mesmo tempo tão complexo (Rosa, 2016).

Segundo Rosa (2016):

A linguagem da dança interconecta o ritmo, o gesto e o movimento e, a partir da modernidade, propõe-se a expressar corporeamente as emoções vitais – a alegria e o prazer, a dor, a raiva e a tristeza, o amor, a coragem ou a desventura, o êxtase ou a embriaguez dos sentidos físicos, assim como a exultação espiritual. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana, consistindo, desta forma, de uma natural e simbólica forma de manifestação (Rosa, 2016, p. 25).

Corroboramos com a ideia de que a dança é algo que envolve todo o corpo, não só pelos movimentos, mas também nos sentidos, na emoção, precisando de toda a atenção e disciplina daquele que dança, além de uma concentração e conhecimento. Isso reforça como a dança pode ser um verdadeiro aliado no processo de formação do aluno, justamente pelo seu caráter formativo,

Um trabalho em dança parte de um texto corporal que passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pelos ouvidos, pela garganta, pelas mãos, corpo que pensa, recorda, sente, observa, escuta, fala, toca e experimenta, de forma pessoal e intransferível. Um processo que desenvolve um campo de conhecimento tão importante quanto inatingíveis pela linguagem lógica e científica (Rosa, 2016, p. 29).

Em estudos recentes na área da Neurociência, em relação a dança, essa ciência demonstra os benefícios que ela traz para aquele que pratica, revelando que a dança prolonga a

saúde mental, atrasando o aparecimento de doenças, como o Alzheimer, Parkinson etc. Uma outra questão que ronda os estudos sobre a dança seria no âmbito de sua recepção, pensando que se temos alguém que dança, que se apresenta, temos também aquele que assiste, que vê o espetáculo. Parece uma relação simples de observância. No entanto, essa relação tem estreita ligação com a forma como uma acontece com a outra. A relação do artista com o público é muito importante para determinar os eventos futuros. É claro que não deve ser absoluto, mas deve haver uma confluência e dinamismo para que simplesmente aconteça. Segundo Faro (1986):

O ideal seria que o apreciador possuísse conhecimentos históricos e técnicos que lhe permitissem usufruir plenamente o espetáculo representado à sua frente. Como todos os ideais, porém, este é também inatingível. Na verdade, se atingido, negaria a própria existência da arte da dança como manifestação popular, dirigida a todas as camadas de público possíveis. A melhor solução é aquela que traz maior número de pessoas para dentro do teatro sem que para isso seja necessário baixar a qualidade do espetáculo e, ao mesmo tempo, oferecendo ao público a maior gama possível de propostas, fazendo-o ver que todas são válidas e que em todas existe uma beleza a ser usufruída. No entanto, gosto não se discute. Do mesmo modo que cada um de nós pode preferir filmes de amor ou de terror, contos policiais ou clássicos, Bach, Chopin ou Stravinsky, todos temos o direito de eleger a forma de dança que mais nos agrada e a ela dar o nosso patrocínio [...] Não gostar de uma coisa não nos dá o direito de chamá-la de “droga” ou de “horrível”, principalmente porque há outras pessoas para quem o inverso é a verdade. Melhor seria se todos aprendêssemos a colocar cada coisa no seu lugar e na sua época, desfrutando-a dentro do seu plano histórico (Faro, 1986, p. 131).

Escolher a dança dentre várias formas de arte é escolher o seu valor singular e dimensional, e o que ela pode atingir. Além disso, é difícil a pessoa que não se deixe levar por um ritmo, um movimento: “A dança, como todas as artes, deve ser repetitiva, no sentido de que uma boa obra deve despertar a vontade de revê-la sempre” (Faro, 1986, p. 134). Como referencial teórico, consideramos as discussões em torno do movimento artístico, visto que corroboramos com a ideia de ser uma forma de expressão que transcende as barreiras físicas e emocionais, conforme Magalhães (2005) pois a dança proporciona uma experiência única de conexão consigo mesmo e com o mundo ao redor.

No contexto educacional, a inserção da dança, especialmente por meio de projetos como a dança no step, pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes da escola pública. Ao incentivar práticas artísticas e culturais no Colégio, esses projetos não apenas enriquecem o ambiente escolar, mas também contribuem para elevar a qualidade da educação.

De acordo ainda com Magalhães (2005), a dança é uma forma de expressão que permite aos alunos explorarem e desenvolverem suas habilidades físicas, emocionais e sociais. Através

do movimento corporal, os estudantes podem expressar suas emoções, fortalecerem sua autoestima e aumentarem sua autoconfiança. Além disso, a dança promove a integração social, incentivando a cooperação, o trabalho em equipe e o respeito mútuo entre os participantes. A dança também está presente, quando tratamos de eventos sagrados. Alguns historiadores datam as primeiras práticas já no período pré-histórico, mas somente no século XX seu significado começou a ser pesquisado, segundo o autor,

A dança, como um ato sagrado, como um rito, era manifestada em lugares definidos como os templos, por exemplo, e também em manifestações específicas em que os sacerdotes a praticavam para invocar o auxílio dos deuses ou para lhes agradecer. Os deuses eram invocados pelas danças nas situações mais diversas como nascimentos, casamentos, mortes, guerras, colheitas e muitos outros (Magalhães, 2005, p. 3).

Outros autores como Pereira et al (2001, p. 61) afirmam que: “a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem”. Assim, a ideia de um sistema de ensino eficaz, ou de um bom aluno, majoritariamente, é vista pelos resultados de alunos quietos, obedientes e que reproduzem de forma teórica tudo o que os professores pedem e incentivam a fazer, de forma a replicar ou a seguir um modelo de ensino muitas vezes engessado e tradicional, desconsiderando o movimento corporal e as expressões artísticas como eixo importante do desenvolvimento.

Ademais, esse tipo de abordagem e prática pedagógica é pouca ou de forma alguma utilizada concomitantemente com outros componentes curriculares. Requerer uma visão interdisciplinar e integradora é o que torna de extrema importância a apresentação e inclusão a comunidade escolar nesse tipo de discussão sobre as diferentes faces da arte através do movimento corporificado, como apresenta os autores Gaio e Patrício:

O importante é trazer o universo da dança para a escola e mostrar para os/as alunos/as que o corpo fala, para além das palavras, expressa sentimentos, características e necessidades, que se modificam de acordo com o tempo, espaço e realidades social, econômica, política, cultural e outras” (Gaio, Patrício, 2021, p. 45).

No projeto Step Dance desenvolvido no ambiente escolar, os alunos têm a oportunidade de explorar diferentes estilos de dança, aprender coreografias e criar suas próprias produções artísticas, vivenciando a dança como prática cultural, educativa e expressiva. Essa experiência contribui para o desenvolvimento das habilidades motoras, da coordenação, da criatividade e da imaginação, ao mesmo tempo em que possibilita a participação em apresentações e eventos

culturais, ampliando o repertório artístico dos estudantes e fortalecendo sua relação com a comunidade escolar.

Nesse contexto, a história pública apresenta-se como uma perspectiva fundamental para compreender e analisar essas práticas, ao propor um olhar mais dinâmico, participativo e plural sobre a produção do conhecimento histórico. Conforme destaca Parrela (2021), a história pública amplia as formas de fazer história ao valorizar diferentes sujeitos, linguagens e espaços de produção de memória. Assim, a fotografia e a história oral serão discutidas neste trabalho como instrumentos centrais da história pública, pois permitem registrar, preservar e compartilhar as narrativas visuais e orais produzidas no âmbito do Festival Step Dance, contribuindo para a construção do Centro de Memórias e para a valorização das experiências vividas pelos alunos e demais participantes.

A história pública oferece ao historiador de arquivo a possibilidade de ir além, subsidiando a descrição com elementos da história do acervo e de seus usos; ao jovem e inexperiente pesquisador ou ao pesquisador de outras áreas, de enriquecer as suas análises pela melhor compreensão do contexto de produção documental (Parrela, 2021, p. 163).

Dessa forma, esses autores apresentam uma visão sobre o objeto que para nós, historiadores que queremos promover o debate social e manter a história conservada juntamente com o público, tem estreita relação da História Pública com o movimento artístico da dança, mais especificamente o uso do aparelho step para a promoção da educação e cultura.

A relação da nossa pesquisa com a História Pública é embasada pelos pilares do fazer e o agir social, visto que quando temos um público engajado em participar de um debate social com vistas ao desenvolvimento, temos protagonistas que querem mostrar uma ação diferenciada para sua vida e contribuir para fazer a diferença em outras vidas, dentro do espaço escolar. Com isso, nos colocamos numa posição de conselheiro, de orientador, pois não vamos apenas instruir, mas apontar o caminho para que os alunos consigam alcançar seu desenvolvimento e seu espaço na sociedade com um olhar mais crítico e maduro sobre todo o processo. Isso vai ao encontro do que propõe Nicolazzi (2018),

O historiador público, enquanto conselheiro (disciplinar ou motivacional), está não apenas oferecendo sábios conselhos, mas também entregando um produto (seja ele remunerado ou não). Além disso, está entregando-se ele mesmo como um produto que pode servir de modelo de conduta para aqueles que o ouvem com atenção ou simplesmente consomem o que tem a dizer (Nicolazzi, 2018, p. 31).

Assim, como o historiador público entrega seu conhecimento não apenas como um conselho, mas como um produto que influencia e modela comportamentos, a dança, através do step dance, também é um produto cultural que pode motivar e disciplinar. No contexto educacional, ela não apenas ensina habilidades físicas e técnicas, mas também transmite valores culturais e promove disciplina pessoal e coletiva entre os praticantes. A prática do step dance como objeto de estudo pode levantar questões sobre como formas culturais, como a dança, são produzidas, circulam e são recebidas na sociedade.

Da mesma forma que a historiografia enfrenta desafios éticos e políticos em sua interação com o público, a dança também enfrenta questões similares. Por exemplo, como a dança é representada na educação formal e como suas práticas são integradas no currículo podem refletir escolhas éticas e políticas sobre quais conhecimentos são valorizados e ensinados.

O exemplo de atuação do historiador público aqui analisado coloca para a reflexão sobre o estatuto social da historiografia, considerado a partir das suas variadas formas de produção, circulação e recepção, uma série de questionamentos que atravessam não apenas o campo disciplinar da história, mas avançam em temas que dizem respeito à ética e à dimensão política dos saberes socialmente constituídos. Creio que se tornam particularmente sensíveis justamente em um momento em que as relações entre historiadores, historiadoras e seus públicos são situadas diante de um contexto de crise que põe em risco os princípios mais básicos para a existência de formas de educação democráticas e plurais: a liberdade de ensinar e as condições materiais para isso (Nicolazzi, 2018, p. 32).

Em um contexto em que a educação democrática e plural está sob ameaça, como mencionado na crise que afeta os princípios fundamentais da liberdade de ensinar, a dança, incluindo o step dance, pode ser vista como uma forma de resistência e de preservação de expressões culturais diversas. A inclusão de práticas como o step dance no ensino não apenas diversifica o currículo, mas também promove uma educação que respeita e celebra a pluralidade cultural, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e críticos e considerando seu papel na formação cultural, ética e política dos indivíduos e da sociedade como um todo.

Com isso, também emergiu um novo sujeito: o historiador público que atua em espaços públicos e privados variados, como museus, arquivos, memoriais e secretarias de turismo; ou gerenciando websites e blogs; ou assessorando produtoras de cinema e editoras. Sujeito esse que busca espaço, voz e, sobretudo, reconhecimento profissional (Schmidt, 2018, p. 18).

A discussão de Schmidt (2018) sobre o surgimento do historiador público como um novo sujeito que atua em diversos espaços além da academia tradicional pode ser relacionada ao campo da História Pública ao analisar como o step dance interfere no ensino e aprendizagem.

Assim como o historiador público se envolve em museus, arquivos, e outros espaços além da academia, a dança, propositalmente desenvolvida através do step dance, também transcende os limites tradicionais do ensino formal. Ela pode ser praticada e ensinada em escolas, comunidades e eventos culturais diversos, tornando-se uma forma de educação não convencional que alcança diferentes públicos.

Como historiador público, reitero que a busca pelo reconhecimento profissional e espaço para soltar a voz fora do ambiente acadêmico padrão é essencial. Assim, com o step dance podemos mostrar uma forma de expressão que permite aos praticantes e coreógrafos ocuparem espaços de visibilidade e reconhecimento, especialmente quando integrada em programas educacionais que valorizam a diversidade cultural e a expressão artística. Além disso, o desenvolvimento educacional pode ser melhorado através do projeto, por meio da disciplina, do foco, do desejo de querer aprender, querer ser melhor do que antes, seja no desempenho escolar ou na dança. Podemos orientar os alunos a alcançarem tais objetivos, visto que, conforme Kelley (1978): “O historiador tem um modo especial de olhar para os negócios humanos, e um modo especial de explicá-los”.

Contudo, para nós, a arte pública deve ser aquela longe das câmeras, longe dos holofotes e de quaisquer meios que querem se promover, promover marcas, interesses particulares, mas aquela que dá voz às minorias, aos marginalizados, aqueles que muitas vezes não tem espaço para representar suas pinturas, expor seus artesanatos, cantar e tocar, levar sua arte para os demais cidadãos.

Essa construção de uma história de um novo gênero de arte pública não se baseia em uma tipologia de materiais, espaços ou mídias artísticas, mas sim em conceitos de público, relacionamento, comunicação e intenção política. É minha premissa que a verdadeira herança do momento atual na arte pública veio dos discursos de artistas amplamente marginalizados (Kelley, 1978, p. 28).

Para ela, o conceito de arte pública não se baseia em quais materiais, espaços ou mídias utilizáveis para propagar a arte, mas o que realmente interessa é o público que a arte irá atingir e a intenção que ela pretende carregar em seu âmbito. Em outras palavras, se trata de estabelecer uma comunicação entre o público e o que essa comunicação pretende, quais intenções ela carrega, pois não basta apenas ser uma pintura, uma escultura ou afins, mas sim uma pintura que tem um objetivo, assim como uma escultura que carrega um objetivo, e que na tentativa de alcançar esse objetivo a comunicação com o público seja eficaz.

2.2 Verve Cia de Dança

Em 1995, surgiu em Curitiba a Verve Cia de Dança, idealizada por Fernando Nunes e tendo como seus primeiros intérpretes alguns jovens estudantes de Dança da Faculdade de Artes do Paraná. O grupo utilizava diversos elementos como a capoeira, o cinema mudo, teatro e as artes plásticas para compor um corpo híbrido. Em 1998, houve um convite da prefeitura de Campo Mourão para que o projeto se estabelecesse na cidade.

No ano posterior, 1999, a Verve estreou o espetáculo *Trujeja pra Nós Chorá*, que foi visto como uma “homenagem ao interior do Brasil”, essa montagem foi premiada pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) o que ajudou a provocar curiosidade sobre a cia. Esse espetáculo que estreou em junho de 1999 percorreu diversos estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí e DF, além de países como a Argentina, Colômbia, Venezuela, México e Espanha. O projeto foi estabelecido através da recém-criada lei de incentivo a cultura de Campo Mourão, onde a Verve tinha mais de 50 patrocinadores, o que ajudava na manutenção do grupo.

Depois desse espetáculo, a Verve lançou *Gambiarra* (2001), *Plástico* (2002) e *Feique* (2005). O grupo tinha agenda intensa por todo território nacional e em diversos países da América Latina e Europa. Via Lei Rouanet o grupo teve patrocínios da Petrobrás e da Brasil Telecom, além de uma produtora sediada no Rio de Janeiro, que era a responsável pela agenda nacional e internacional.

Figura 4 - Trujeja pra Nós Chorá – Valdir Rocha, Moacir Coletto e Austin Andrade



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 5 - Feique - Diego Oliveira, Ryan Lebrão, Peter Abudi e Austin Andrade



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 6 - Cena de Plástico



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 7 - Truveja - Moacir Coletto e Mariusa Bregoli



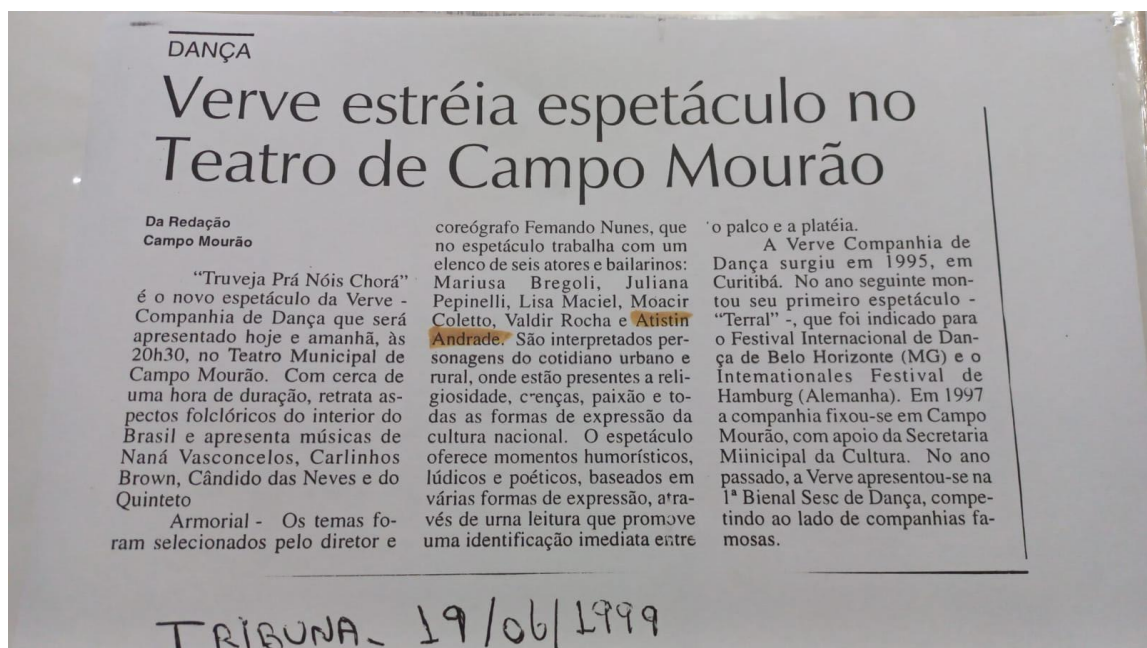
Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 8 - Dançarino Austin⁵



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 9 - Notícia no jornal sobre a companhia

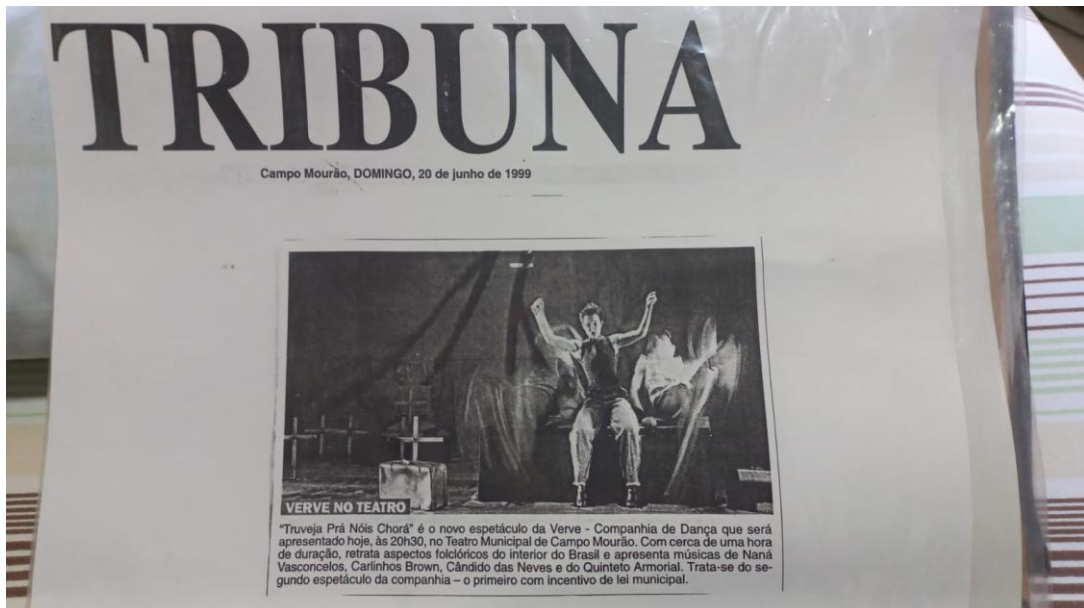


Fonte: Acervo do autor (2026).

⁵ Austin de Assis Andrade.

- formado em dança clássica pela Academia Municipal de Ballet em Campo Mourão e História pela Unespar.
- atuou como bailarino e professor de dança clássica e contemporânea.
- atua como professor de história e história da arte no colégio Integrado, de Campo Mourão.

Figura 10 - Jornal Tribuna com notícia da Verve



Fonte: Acervo do autor (2026).

2.3 Sobre o Festival Step Dance

O Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino Fundamental em Tempo Integral, Médio e Profissional, está localizado em um bairro localizado a aproximadamente 4 km do centro da cidade de Campo Mourão, o grande Lar Paraná, porém possui uma localização de fácil acesso. É um Colégio de estrutura ampla, possui diversas salas de aulas, biblioteca, laboratórios de informática, de ciências e quadra poliesportiva. Possui acessibilidade no pátio, nos banheiros e cozinha. Abaixo, apresentamos a planta do colégio a fim de se ter uma dimensão da disposição das salas e instalações do Colégio.

Figura 11 - Planta do Colégio estadual Dom Bosco



Fonte: Acervo da escola (2026).

A instituição oferta Ensino Fundamental atualmente (2026) em Tempo Integral, Ensino Médio parcial/regular e Ensino Técnico/Profissionalizante com grade curricular em consonância com os documentos orientadores do ensino. Na inauguração do Colégio Dom Bosco, foi produzida uma placa comemorativa, apresentada na imagem a seguir, que registra oficialmente a criação da instituição no ano de 1972 com o nome de “Grupo Escolar Dom Bosco”. Anteriormente a esta data e posteriormente a ela, a instituição apresenta os seguintes registros históricos: 1959 à 1961 – Escola Jardim Lar Paraná, 1962 à 1969 – Grupo Escolar Lar Paraná, 1970 à 1971 – Grupo Escolar Jardim Lar Paraná, 1972 – Grupo Escolar Dom Bosco do Lar Paraná, 1973 à 1974 – Unidade Integrada do Primeiro Grau Dom Bosco, 1975 à 1982 – Escola Dom Bosco, Ensino de Primeiro Grau, 1983 à 1998 – Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino de Primeiro e de Segundo Graus, 1999 – Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino Fundamental e Médio, 2005 – Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino Fundamental, Médio e Profissional e em 2026 a nomenclatura mudou para “Colégio Estadual Dom Bosco, Ensino Fundamental em Tempo Integral, Médio e Profissional”.

Figura 12 - Placa de fundação da escola



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 13 - Placa que marca a visita do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso ao Colégio



Fonte: Acervo do autor (2026).

A presença do nome do então presidente na placa demonstra o prestígio do Colégio por ser escolhido entre todas as demais instituições da cidade em uma visita presidencial, nos anos posteriores a sua fundação. O festival teve seu início no ano 2000, e neste mesmo ano o evento aconteceu na própria quadra esportiva do Colégio sendo um dia destinado às apresentações do Ensino Fundamental e um dia para o Ensino Médio, neste caso o professor Gilmar computou dois eventos no mesmo ano, ou seja, as edições número 01 e número 02 ocorreram em 2000. Somente a partir do ano 2011 o festival computou apenas uma edição por ano, independentemente de serem dois dias de apresentações. Entretanto, os anos de 2020 e 2021 ficaram sem evento, devido a pandemia de Covid-19. Após esses anos, vêm acontecendo regularmente, ano após ano. Cabe mencionar que houve uma falha de contagem nos anos de

2012 e 2013 quando foi computado edição número 14 do festival para ambos os anos, tanto é que em 2026 acontecerá a 25ª edição. Nos três primeiros anos de criação, o evento se chamava “Show Step Dance”, o qual foi realizado na quadra poliesportiva da instituição (2000, 2001 e 2002), e nos demais anos o festival ocorreu no Teatro Municipal de Campo Mourão-PR, exceção do local de execução também no ano de 2009, quando o surto da gripe H1N1 – Influenza A – obrigou a organização a realizar o evento na quadra do Colégio mais uma vez.

O festival surgiu da necessidade de se trabalhar os conteúdos programáticos do componente curricular educação física de ginástica e dança, entretanto como não existia uma boa aceitação destas práticas, pensou-se no aparelho de academia Step como uma forma de “armadilha” para obtenção dos resultados. O idealizador do projeto, o professor Gilmar de Gouvea é da área de educação física, já aposentado. Já não contribui mais diretamente ao festival, porém quando tem a oportunidade incentiva alunos e alunas a participarem do evento, pois lembra do grande potencial da dança.

Figura 14 - Professor Gilmar de Gouvea, idealizador e executor do FESTIVAL STEP DANCE



Fonte: Acervo do autor (2026).

Ele resolveu juntar ginástica com dança, por isso se teve a ideia de fazer um festival, já que outros professores foram aderindo a modalidade, gostando e adaptando. No começo do projeto, tudo era muito restrito, havia um “pé atrás” e o trabalho era incerto, visto que não havia muito espaço destinado a se desenvolver uma dança. O espaço liberado era o da quadra de esportes, onde o professor riscava o chão com giz e fazia as marcações para dançar com o step.

O professor Gilmar precisava convencer seus colegas de trabalho que aquela ideia da dança no step poderia ser significativa para os alunos(as). Ele não contava com inúmeros obstáculos burocráticos, além de que precisava do apoio da direção do Colégio. No início do projeto, como não havia muito crédito ao Step Dance, o professor encontrava certa resistência de alguns professores(as), pois como precisava retirar os alunos da sala em outras matérias (componentes curriculares), alguns dos colegas profissionais acabavam não gostando já que os alunos iriam perder parte da aula. Um dos pontos positivos que foram observados no festival, foi a interação dos pais com os alunos. Os pais faziam questão de ajudar os filhos com os figurinos, maquiagem ou no que pudessem.

Os alunos tinham e têm a liberdade de escolher a música que vai apresentar no festival, desde que seja condizente com o ambiente escolar. Ela não pode ter palavrões, letra vulgar, que faça apologia a arma, sexo, que contenha discriminação de religião, raça, gênero, etc. ou bullying, até mesmo se forem internacionais. Cada turma que vai se apresentar tem dez passos obrigatórios, cada passo contém oito ou dezesseis tempos para se encaixarem em uma frase musical. Os alunos precisam se organizar em torno disso e cuidar da coreografia. Eles podem criar ou solicitar auxílio de um(a) coreógrafo para a construção de sua apresentação. O figurino fica a critério deles para decidirem e providenciarem. No final do festival, é feita a premiação das turmas, escolhendo um aluno e uma aluna revelação do ensino fundamental, e mais dois alunos do ensino médio.

É fundamental destacar que o evento não se reduz a uma simples competição interna ou a uma aula prática de Educação Física. Trata-se do Espetáculo Step Dance, um verdadeiro fenômeno sociocultural de ocupação periférica. Todos os anos, estudantes de um colégio público de um bairro periférico (o Lar Paraná) saem dos muros da escola e ocupam o palco profissional do Teatro Municipal de Campo Mourão. Essa transição da quadra escolar para o teatro profissional representa a conquista do direito à cidade, à arte e à voz. A periferia não apenas assiste, mas protagoniza, produz e dita a estética cultural da cidade no palco mais nobre do município.

No quesito da inclusão, o festival era aberto para quem quisesse participar sem limitação e adaptando sempre que possível. Pessoas em cadeira de rodas, por exemplo, participavam

realizando os movimentos da forma como podiam, mesmo que fossem mexendo os braços ou a cabeça. Pelo tamanho do festival, pela proporção que teve, o seu idealizador espera que ainda ganhe uma proporção maior, chegando a se destacar em um festival do Paraná, tendo premiações para aqueles que melhor representassem o seu objetivo de dança. É importante destacar que o próprio idealizador sugere uma historicização do festival por meio de fotos, ou seja, a fotografia é um meio de salvaguarda do projeto, ao longo dos anos.

A dança atua como o elemento catalisador e estruturante de todo o festival. Ela interfere diretamente na dinâmica escolar ao exigir dos alunos trabalho em equipe, ritmo, disciplina corporal, escuta sensível e expressão de sentimentos não verbalizáveis. Mais do que o exercício físico no aparelho step, a dança transforma a relação do estudante com o seu próprio corpo e com o espaço, convertendo o ensaio exaustivo na quadra em uma narrativa artística coletiva que culmina na expressão cênica sobre o palco.

Segundo Ana Mauad e Fernando Dumas (2006) compreendem que interpretações e formas de contar histórias coletivas que não seriam possíveis de serem registradas com a simples transcrição das falas, poderiam ser melhor captadas pela câmera. A lente da câmera pode captar a subjetividade das pessoas, pegar elas despercebidas, em um momento totalmente descontraído e sincero, o que torna a fotografia muito mais singular. Não é que a fala não carregue valor e história, mas para certos caminhos a serem trilhados a fotografia cabe melhor como forma de objeto de estudo.

A relação da História oral e História Pública orienta o nosso trajeto de desenvolvimento do memorial, pelos seus preceitos estimados e produzidos nas relações de poder. Nos guiamos pelo conceito de memória de Michael Pollak (1989), em que a: “memória em disputa, ao ser selecionada, torna-se fala na atitude da construção da narrativa, o que nos conduz a potencialidade da história oral e da história pública nos processos de estabelecimento de memórias significativas no espaço público” (Pollak, 1989, p. 28).

A fotografia é um material que auxilia na escolha de memórias, pois é o registro de momentos escolhidos pelo olhar do fotógrafo. O que passa e o que fica é subjetivo, é uma escolha consciente, mas também inconsciente do autor. Geralmente aquele que captura momentos tenta acolher o que parece mais significativo do evento ou até mesmo particular da pessoa.

No caso do festival, o momento da dança em si deve ser registrado, pois importa-nos visualizar o evento, compreender a dinâmica, observar os detalhes e se emocionar mesmo depois de ter passado a euforia do espetáculo. A essência da fotografia é reviver o momento, suscitar as emoções, ainda que em proporção menor, do dia em que aconteceu. Se pararmos

para pensar, os detalhes que evocamos na memória quando conversamos com uma pessoa sobre determinado acontecimento é muito diferente de quando olhamos para fotografias, já que a memória seleciona o que vai lembrar e o que vai excluir.

Há detalhes que passam despercebidos na memória, enquanto a fotografia capta uma série de detalhes muito maiores do que a nossa mente pode escolher guardar. Por isso é fundamental o uso de fotografias para uma captação maior de sentidos e significados.

Identificamo-nos com os preceitos da História Pública, a partir de sua proposta de lançar o historiador público a pesquisa compromissada socialmente, fomentando as possibilidades de trazer à tona o papel da História em seus questionamentos sobre os usos do passado, o estabelecimento de sentidos conscientes sobre a produção da verdade, e, principalmente, a reflexão sobre as disputas pela memória coletiva num espaço: amplo, público, de produção compartilhada do conhecimento, de estabelecimento de memórias significativas para os colaboradores e de construção de um debate público a partir do trabalho de pesquisa (Santhiago, 2016, p. 28).

Segundo os autores, Mauad, De Almeida e Santhiago (2016) os caminhos que a História Pública potencialmente tem de traçar as possibilidades no desvendamento e reflexão da história do tempo presente permitem que a fotografia seja um meio para isso. Não há como negar, as fotografias em um centro memorial compõem os objetivos de uma história pública: definida como uma história para o público baseada em metas de amplificação da audiência e da ampliação no espaço territorial (Santhiago, 2016, p. 29).

As possibilidades metodológicas da História Pública, Arte Pública e História Oral nos permitem modular a prática aplicada dentro do contexto do festival, como por exemplo, pedir aos alunos que registrem as fotos enquanto o festival estiver acontecendo, as próximas gerações, bem como as famílias, precisam ter noção da grandeza deste festival.

[...] indagar o passado como uma das dimensões do terreno poroso do presente onde residem as tradições, os comportamentos residuais, mas de onde, quando problematizado, emerge um conhecimento crítico que nos impele para a ação. [...] Anacronicamente o passado torna-se objeto de vanguarda quando enfrentamos a percepção de que a matéria pretérita pode ser continuamente reapropriada como matéria de imaginação. Assim, ao se assumir uma atitude historiadora nos lançamos ao passado e [...] reconhecemos nele as possibilidades de futuro, num movimento de distanciamento e aproximação (Mauad, 2016, p. 234).

A História Pública abre um leque de trilhas para se representar a história, principalmente observando a performance. Atualmente, a oportunidade de se usar meios digitais, inteligências artificiais, entre outros aspectos devem estar a nosso favor, para desenvolver um trabalho dialógico, centrado, mas atualizado com a sociedade, isto é, acompanhando a evolução. A linguagem performática, por exemplo, pode operar, segundo Rovai e Kobelinski (2024), como

potencializadores na comunicação de narrativas históricas que não se restringem ao meio acadêmico e não são somente produzidas por ele, potenciais que podem ser dialógicos, sócio-políticos, educativos e estéticos e sobretudo reflexivo.

Outra visão que nos faz questionar a importância de manter a tradição do festival realizado no colégio, é a apresentada por Nogueira (2014), um sociólogo que estuda as tradições populares. Com razão, o autor menciona sobre a capacidade de transformação e da atualidade pela cultura popular. Não só as instituições ou saberes formalizados agregam conhecimento a nós, mas as performances culturais, as tradições populares tem muito a ensinar, até por isso que se mantém por anos, eventos culturais, visto que suas programações contam com as mais variadas formas de entretenimentos. Todos com um objetivo em comum, a transmissão das culturas, a preservação da história popular, de um povo, de um lugar.

Um saber local não precisa mais continuar restrito se contamos com a ajuda de tecnologias, redes sociais que podem ser usadas a favor do conhecimento. O crescimento e popularização de um festival pode ser expandido se seus idealizadores quiserem atrair um público maior, um público distinto, conseguir verbas para melhorias, concorrer a prêmios nacionais, etc. Contudo, Silveira e Nakanome (2021) lembra que a esfera pública não é um espaço neutro e tranquilo. O espaço público também possui diversos conflitos de interesse, recheados de intervenções carregadas de poder político. Para os autores:

Ao contrário, ela é recortada por enfiamentos, disputas e tensões, que dizem respeito também ao campo das artes, uma vez que elas não mais se enquadram apenas nas realizações do espírito, desencarnadas da realidade social, mas como elementos comprometidos com a própria constituição das racionalidades (econômicas, culturais, políticas...) (Silveira, Nakanome, 2021, p. 135).

Ainda que carregado de interesses o espaço público é importante e carrega a necessidade de promover a arte. O cidadão precisa ter seu espaço e lugar ao sol. O cidadão que representa os interesses dos mais fracos, dos que não tem voz, dos que não tem vez.

Para amarrarmos toda essa ideia com o centro memorial, indagamos: Por que não colocar as forças todas no festival? Por que não direcionar o olhar apenas para ele? Por mais que o festival seja um momento simbólico e ativo, ainda assim passa. Ele cai na seleção de memórias. Cada memória em cada sujeito escolhe o que fica guardado ou não, isto é, o que vale a pena guardar e o que vale a pena lembrar. Os autores reforçam:

Ademais, tudo o que integra o espetáculo não fica restrito ao momento da apresentação. Para além dos debates que suscita (ver Silveira 2019a; 2020), as toadas permanecem sendo cantadas por anos e as alegorias tomam as ruas da cidade; antes e depois da festa ficam expostas na “praça dos Bois”, um local central, de grande fluxo

de pessoas, sob os olhares encantados e curiosos de pessoas de diferentes grupos sociais e gerações. Arte, portanto, que se faz pública e que convida, de formas diversas, ao debate (Silveira, Nakanome, 2021, p. 136).

Por mais que o contexto que os autores mencionam seja outro, ainda cabe fazer uma ponte com o nosso, justamente, pela ideia de tradição, de avivamento da cultura e da arte. A arte deve estar sempre viva, chama acesa, e não esquecida e amontoada. O Festival Step Dance do Colégio Dom Bosco é um evento grande que acontece no teatro municipal de Campo Mourão, contando com a presença não só da comunidade escolar do colégio, mas com os pais e outros convidados. É um dia de prestígio aos alunos que tanto se empenharam para montar suas coreografias e figurinos, demonstrando o empenho e dedicação ao evento.

Nos últimos anos, é perceptível o entrecruzamento entre História Pública e patrimônio cultural. A elasticidade do conceito abriu novas possibilidades, como a incursão de outros patrimônios (e, com eles, de outros sujeitos) até então colocados à margem daquilo tradicionalmente tido como digno de ser oficialmente protegido. Mais que isso, práticas colaborativas avançam como possibilidade em processos de patrimonialização, remetendo à noção de autoria compartilhada, tão cara à área. A dimensão pública do patrimônio, como plataforma de encaminhamento de embates e discussões, tem na História Pública um campo de ação que permite que as questões sociais e políticas ganhem uma dimensão pública. O patrimônio abriga signos de identificação entendidos muitas vezes como intrínsecos e coletivos.

Sobre História Pública e Patrimônio cultural, Bauer (2019) menciona,

Nos últimos anos, é perceptível o entrecruzamento entre História Pública e patrimônio cultural. A elasticidade do conceito abriu novas possibilidades, como a incursão de outros patrimônios (e, com eles, de outros sujeitos) até então colocados à margem daquilo tradicionalmente tido como digno de ser oficialmente protegido. Mais que isso, práticas colaborativas avançam como possibilidade em processos de patrimonialização, remetendo à noção de autoria compartilhada, tão cara à área. A dimensão pública do patrimônio, como plataforma de encaminhamento de embates e discussões, tem na História Pública um campo de ação que permite questões sociais e políticas ganhem uma dimensão pública. O patrimônio abriga signos de identificação entendidos muitas vezes como intrínsecos e coletivos (Bauer, 2019, p. 50).

Segundo a autora, o conceito de patrimônio cultural deixou de ser restrito apenas ao que é monumental ou oficialmente reconhecido, abrindo espaço para práticas e experiências comunitárias. No caso do Festival Step Dance, trata-se justamente de um patrimônio escolar e coletivo, que carrega a memória de alunos, professores e da própria instituição. O memorial a ser criado no colégio funciona como um dispositivo de História Pública, pois amplia a

participação da comunidade escolar na preservação, legitima diferentes vozes e ressignifica o festival como um patrimônio digno de ser registrado e transmitido.

Além disso, a referência à “autoria compartilhada” encontra plena coerência no projeto. A construção do memorial não é apenas uma iniciativa administrativa, mas um processo colaborativo em que professores, estudantes e ex-alunos tornam-se coautores da narrativa histórica. O colégio, ao assumir a salvaguarda dos arquivos do festival, garante que a memória não fique restrita a uma geração, mas seja acessível a todos, funcionando como espaço de debate, identidade e reconhecimento cultural dentro da comunidade escolar.

Sobre a problematização da História Pública e patrimônio, Bauer (2019) percebe que,

A História Pública permite problematizar o papel do patrimônio como mediador do passado e seu alcance nesta difícil e tortuosa tarefa, bem como os embates que cercam a participação do público nesse processo. Frente a obsessão pelo passado podemos pensar que as ações de patrimonialização deveriam preservar "para tornar mais habitável o presente e preservá-lo por ele mesmo: primeiro para seu próprio uso" (Hartog, 2017, p. 44). Mas quais seriam os limites desse uso? Uso este controlado por quem? (Bauer, 2019, p. 50-51).

A reflexão da autora chama atenção para o fato de que o patrimônio não deve ser encarado como mera repetição ou fetiche do passado, mas como recurso para dar sentido ao presente. O memorial do Festival Step Dance cumpre exatamente esse papel, já que não apenas congela a memória dos eventos passados, mas os reinsere no cotidiano escolar, tornando-os ferramentas de identidade, pertencimento e inspiração para novas práticas. Preservar os registros do festival é garantir que o colégio possa reinterpretar continuamente essa experiência cultural, fortalecendo seu papel educativo e comunitário.

O questionamento sobre “uso controlado por quem?” também dialoga diretamente com o projeto. Ao criar um espaço de acesso aberto, o colégio democratiza a história do festival e rompe com a ideia de que apenas especialistas ou autoridades definem o que deve ser lembrado. A participação dos alunos e professores na construção e manutenção do memorial assegura que a memória do festival seja coletiva, plural e dinâmica, evitando apropriações excludentes e reforçando o caráter público do patrimônio cultural escolar.

O autor Marcellino (2002) apresenta o conceito de lazer olhando pela perspectiva que nem sempre é só a vida produtiva ou de trabalho que tem significado, mas também a vida cotidiana. Em sua obra *Estudos do Lazer*, o autor traz uma crítica e ao mesmo tempo uma ruptura em relação ao cotidiano marcado pelo tempo linear da produtividade e da disciplina capitalista. Nessa visão do autor, o lazer não deve ser entendido apenas como entretenimento ou evasão, mas como uma prática que possibilita ao sujeito vivenciar experiências que não

encontram lugar na organização rígida do trabalho e da vida privada. Trata-se, portanto, segundo os pressupostos da obra, de um campo de expressão em que a subjetividade, a coletividade e a ludicidade se entrelaçam, abrindo margem para o questionamento e para novas formas de vivência social.

Quando relacionado ao memorial do Festival Step Dance no colégio, esse entendimento do lazer ganha relevância. O festival, enquanto prática lúdica e cultural, representa não apenas um momento de descontração, mas também de construção de identidades, de pertencimento e de memória coletiva. Ele rompe, ainda que temporariamente, com a linearidade do tempo escolar voltado ao rendimento, à disciplina e à rotina das atividades curriculares. No espaço do festival, alunos, professores e comunidade escolar vivenciam outras formas de interação, ressignificando o cotidiano e registrando experiências que merecem ser preservadas. O que justifica a realização do memorial.

Assim, o Centro de Memórias do Festival Step Dance não é apenas um repositório de lembranças, mas se configura como um dispositivo que evidencia a função crítica e criadora do lazer. Ele permite reconhecer como práticas culturais e lúdicas podem instaurar momentos de ruptura com a cotidianidade, dando visibilidade ao modo como a comunidade escolar constrói sentidos para além da produtividade acadêmica estrita. A relação dialética entre lazer e cotidiano, mencionada na obra, encontra no memorial um reflexo concreto: ao mesmo tempo em que rompe com o tempo linear da vida escolar, o festival também se inscreve na história do colégio, perpetuando a memória de um espaço-tempo de experimentação e de liberdade que ressignifica a vida cotidiana.

Ainda, o autor ressalta que o lúdico aparece como um “outro”, isto é, um elemento de resistência e contraposição dentro da própria cotidianidade, capaz de revelar contradições e abrir espaços de criação. Diante disso, práticas lúdicas, como brincadeiras, cantos, jogos e manifestações culturais, emergem como experiências que devolvem voz, visibilidade e lugar a sujeitos marginalizados pelas representações dominantes.

Ao relacionar essa reflexão com o evento de step dance e o memorial que dele se constituiu, é possível observar a força do lúdico como espaço de recomposição de vínculos comunitários e de afirmação da pluralidade. O festival, ao reunir diferentes gerações e grupos em torno da dança, recupera exatamente essa dimensão de uma vida partilhada que vai além das fragmentações impostas pelo cotidiano escolar e social. Mais do que uma simples atividade de lazer, o evento se torna um momento de reconhecimento da diferença, cada grupo com seu estilo, ritmo e expressão, mas também da igualdade, ao colocar todos em condição de partilhar o mesmo espaço e de serem protagonistas da experiência.

Nesse sentido, o memorial do Festival Step Dance se apresenta como lugar simbólico de resistência contra a alienação e o esquecimento, pois preserva registros de uma prática cultural que alimenta a seiva comunitária mencionada pelo autor. Ele guarda não apenas documentos ou lembranças, mas a materialidade de uma experiência coletiva que reaproxima as pessoas e reforça valores de pertencimento e igualdade. Assim, a dimensão crítica do lúdico pode manter viva a possibilidade de reorganizar as relações na escola em direção a uma vida mais partilhada, criativa e solidária.

Marcellino (2002) destaca também que o lazer, longe de ser apenas um espaço de descanso, precisa ser repensado como prática educativa e cultural, aproximando-se da educação não formal, mas mantendo vínculos com a realidade concreta dos sujeitos. Duarte Jr. reforça essa ideia ao salientar que a aprendizagem significativa só ocorre quando a educação se ancora na realidade existencial dos educandos, articulando cultura, ludicidade e formação.

Quando observamos o Festival Step Dance sob essa ótica, ele se contrapõe a essa visão funcionalista do lazer. O festival não se limita a um tempo de recuperação ou evasão, mas se inscreve como prática cultural significativa, conectada às realidades e experiências dos alunos. Ele permite que o tempo seja ressignificado. Não mais o tempo fragmentado e disciplinador do relógio, como aquele instaurado pela Revolução Industrial, mas um tempo vivido coletivamente, em que a criatividade e a expressão prevalecem sobre a lógica da produtividade. No espaço do festival, o tempo não é gasto ou consumido, mas experimentado em sua plenitude, permitindo que a ludicidade seja protagonista.

Nesse sentido, o memorial do festival assume um papel fundamental. Ele preserva os registros de uma experiência que rompe com a mercantilização do tempo e com sua redução a instrumento de controle, destacando o valor do lazer enquanto espaço formativo, cultural e comunitário. Ao guardar a memória do step dance, o memorial não apenas arquiva momentos festivos, mas reafirma a importância de uma prática que articula educação, cultura e lazer em oposição à alienação do cotidiano funcionalista.

O lazer aparece também, segundo o autor, como um campo de livre escolha, no qual o indivíduo se realiza não de modo isolado, mas em constante interação com significados sociais e culturais. Ao considerar as três dimensões temporais, presente, passado e futuro, evidencia-se que o lazer se inscreve em uma temporalidade mais ampla, que conecta o sujeito às suas experiências de vida e às expectativas projetadas.

O memorial, nesse contexto, desempenha papel essencial ao conservar registros dessas experiências de alegria e coletividade, assegurando que elas não se percam na fragmentação da vida cotidiana. Mais do que apenas recordar, ele funciona como lugar de valorização de uma

dimensão da vida que frequentemente é invisibilizada tanto pela ciência quanto pelas estruturas sociais: a capacidade humana de celebrar, criar e encontrar sentido no prazer compartilhado. Ao resguardar os momentos de lazer e felicidade do festival, o memorial contribui para reafirmar a importância desses instantes no processo de formação e de construção comunitária dentro do espaço escolar.

2.4 O acervo do Festival Step Dance: algumas considerações

As imagens que compõem este trabalho registram mais do que coreografias ou apresentações artísticas: elas revelam trajetórias, corpos em movimento e experiências juvenis marcadas por diferentes realidades sociais. Nos momentos captados durante o Festival Step DANCE, observam-se adolescentes que, ao ocuparem o palco, ressignificam seus cotidianos e constroem espaços de expressão, pertencimento e visibilidade. Para muitos desses jovens, a dança não se limita a uma atividade extracurricular, mas constitui uma possibilidade de enfrentamento de realidades por vezes duras, atravessadas por desafios sociais, familiares e econômicos. Nesse sentido, cada apresentação registrada fotograficamente carrega histórias individuais e coletivas que se entrelaçam com a vivência escolar e comunitária.

Ao reunir imagens de diferentes grupos, estilos e performances, o Festival Step Dance evidencia a diversidade dos sujeitos envolvidos e a pluralidade de experiências que compõem o projeto. A participação dos adolescentes, provenientes de distintas turmas e faixas etárias, demonstra como a escola se consolida como espaço de acolhimento, criação e circulação de práticas culturais.

Assim, as fotografias funcionam como dispositivos de memória e de história pública, permitindo que essas vivências extrapolem o momento efêmero da apresentação e passem a integrar um registro permanente. A partir dessa contextualização, torna-se possível compreender quem são esses jovens, quais turmas integram o projeto e de que maneira o Step Dance se organiza no ambiente escolar, aspectos que serão apresentados a seguir.

Assim, nesse item, apresentaremos algumas imagens que foram tiradas do festival ao longo dos anos. As imagens escolhidas para compor nossa pesquisa, entre todas que são importantes, escolhemos as que apresentavam melhor captura ou qualidade na imagem.

Figura 15 - Apresentação de um grupo



Fonte: Fotografia do autor (2025).

A partir da primeira imagem podemos perceber o empenho dos alunos ao escolherem o seu figurino, pois cada detalhe é pensado por eles em conjunto. Observamos também a desenvoltura, a criatividade e a descontração deles. O semblante dos seus rostos e a alegria destacam esse momento, visto que geralmente em uma apresentação os alunos acabam ficando retraídos e envergonhados na frente de uma plateia e câmeras.

Figura 16 - Apresentação de um grupo 2



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Essa imagem destaca a sincronia e o preparo dos alunos ao apresentarem a dança. O figurino também é algo a se comentar, pois a escolha das roupas demonstra a preocupação e o carinho com um momento tão importante e rico, principalmente para a história do Colégio.

Figura 17 - Apresentação de um grupo 3

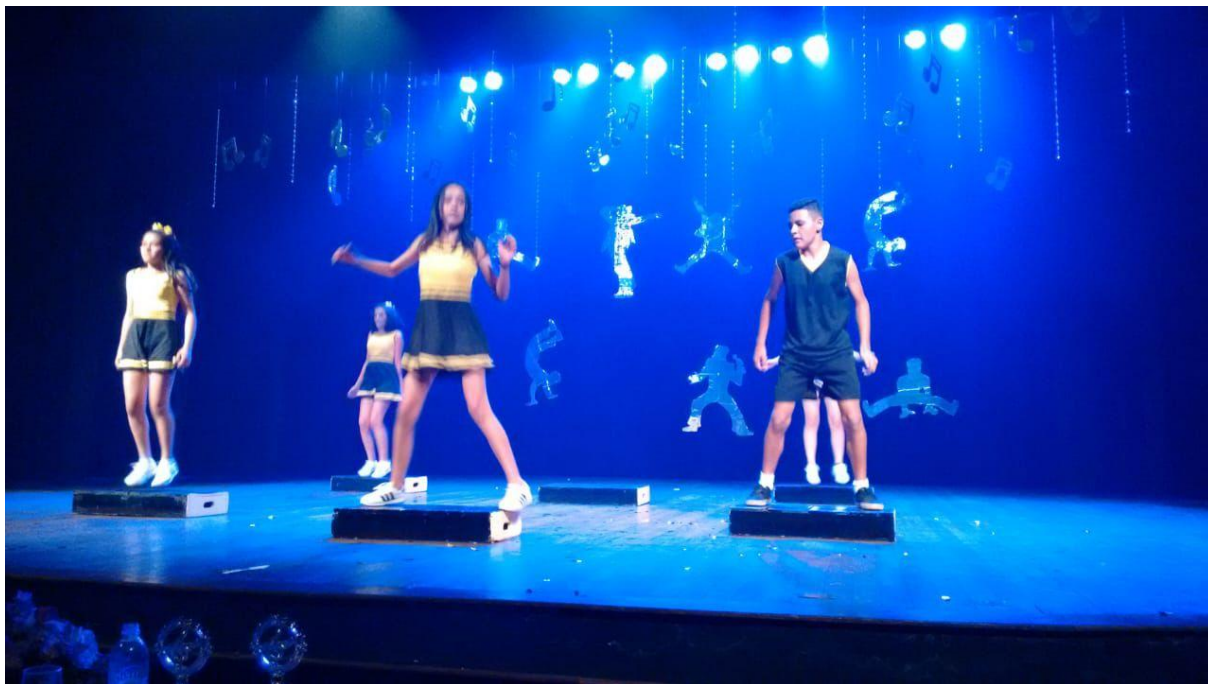


Fonte: Fotografia do autor (2025).

Essa outra imagem destaca uma turma se apresentando com figurino mais simples. Provavelmente a turma optou pela escolha de figurinos diferentes dada as condições de cada um, visto que nem sempre é fácil conseguir investimento para as roupas. Essa escolha deve ser de consenso de cada turma, pois na escola encontramos as mais diversas realidades. Existem alunos de classe média, mas também existem alunos que são de uma realidade mais dura, que nem sempre conseguem acompanhar as situações que exigem apoio financeiro.

Isso é algo importante de se observar, pois mostra a atenção que a equipe ajudante no desenvolvimento do festival presta aos alunos. Não é algo estanque e inflexível, mas é um festival circundado de realidades, de pessoas, de ideias, de culturas, o que evidencia a complexidade do todo, mas que no final sempre se adequa e acontece de uma forma majestosa todos os anos.

Figura 18 - Apresentação de um grupo 4



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Nessa imagem, podemos observar os steps de madeiras, que eram usados nos festivais mais antigos. Atualmente houve a troca por steps de EVA (Etileno Vinil Acetato), que é um tipo de espuma absorvível, adequada para impactos. Mesmo sem muitos recursos, o Colégio não deixava de manter sua marca, já que o festival foi criado por ele. Agora com steps melhores, os alunos podem ter uma variedade nos passos, impactando menos suas articulações e possibilitando mais coreografias com a manipulação deles.

Figura 19 - Apresentação de um grupo 5



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Nessa imagem, observamos um figurino com estilo dos anos 50, por exemplo, o jovem que está de camisa, colete, gravata, boina e sapato. É observado uma variação nas escolhas, assim como na próxima imagem, em que as alunas optaram por um figurino mais ousado e despojado. Aliás, sua coreografia é realizada na cadeira, diferente do step.

Figura 20 – Apresentação de um grupo 6



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Nessa outra imagem, vemos os alunos ensaiando na quadra esportiva do colégio. O número de alunos que participam do festival é surpreendente. Isso revela o quanto é importante a manutenção do evento.

Figura 21 - Ensaio na quadra da Escola



Fonte: Fotografia do autor (2025).

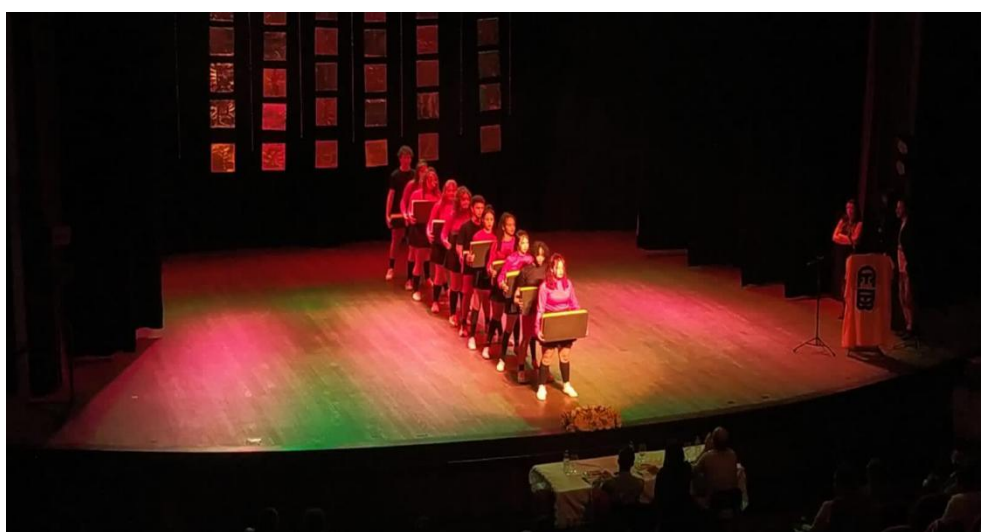
A seguir, as próximas imagens foram tiradas de espetáculos já realizados. Veremos uma sequência de fotos das quais se destacam, cores, movimentos e simbolismo. São como peças de jogo em que cada imagem compõe algo maior. Não é apenas um festival, é um momento importante e muito esperado na vida dos estudantes. É algo cheio de expectativas, de encantos, de emoções, e retrata os movimentos corpóreos que os estudantes exalam no seu dançar.

Figura 22 - Apresentação de um grupo 7



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 23 - Apresentação de um grupo 8



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 24 - Apresentação de um grupo 9



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 25 - Todos os grupos que se apresentaram no ano de 2025



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Por fim, compactuamos com Michael Frisch: “a história publica deve ser inclusiva, interativa, colaborativa, aberta e dialógica, com a síntese de autoridade compartilhada como máxima central da história pública”. A edição do step dance desse ano poderia focar no resgate e transmissão das culturas enquanto herança, ou seja, pensar as culturas regionais como forma de conhecimento e de legado. Cada estado é um amontoado de culturas que, às vezes, tenta se fundir em uma cultura só, querendo fazer sua própria cultura se encaixar em um lugar comum. Na verdade, cada cultura é singular e pode ser expressa sem medo de ter seu lugar revogado.

O centro memorial encontrava-se, a princípio, abandonado, uma sala com mesas e cadeiras esquecidas e de luzes apagadas.

Figura 26 - Sala cedida para o espaço do memorial



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 27 - Sala cedida para o memorial



Fonte: Fotografia do autor (2025).

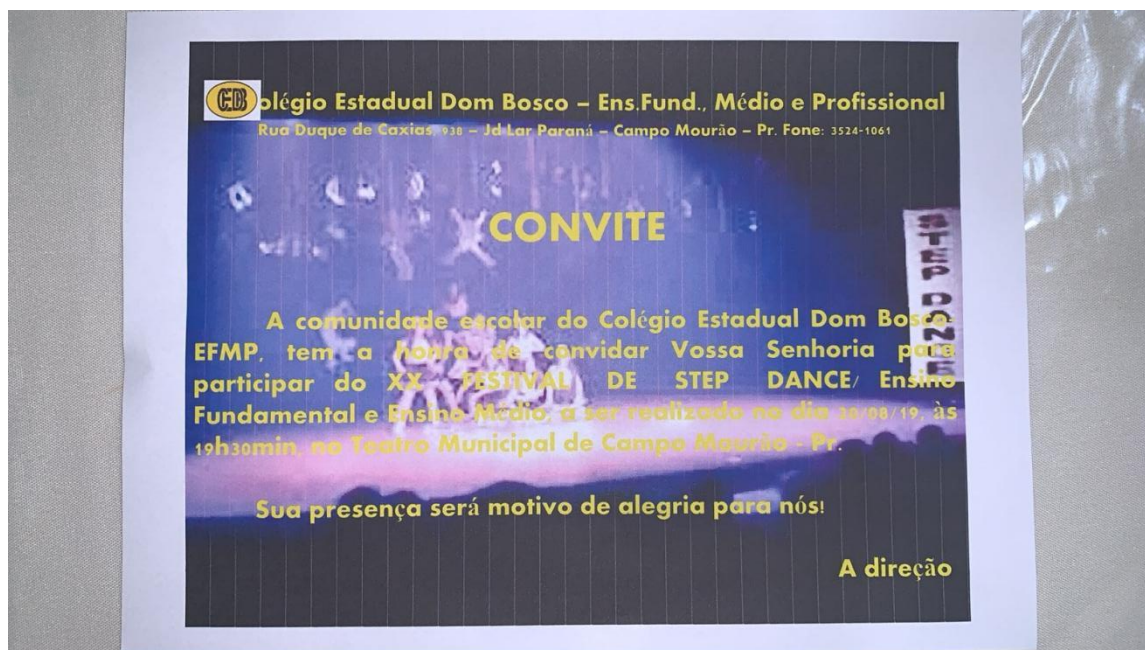
Figura 28 - Entrada da sala cedida para o memorial



Fonte: Fotografia do autor (2025).

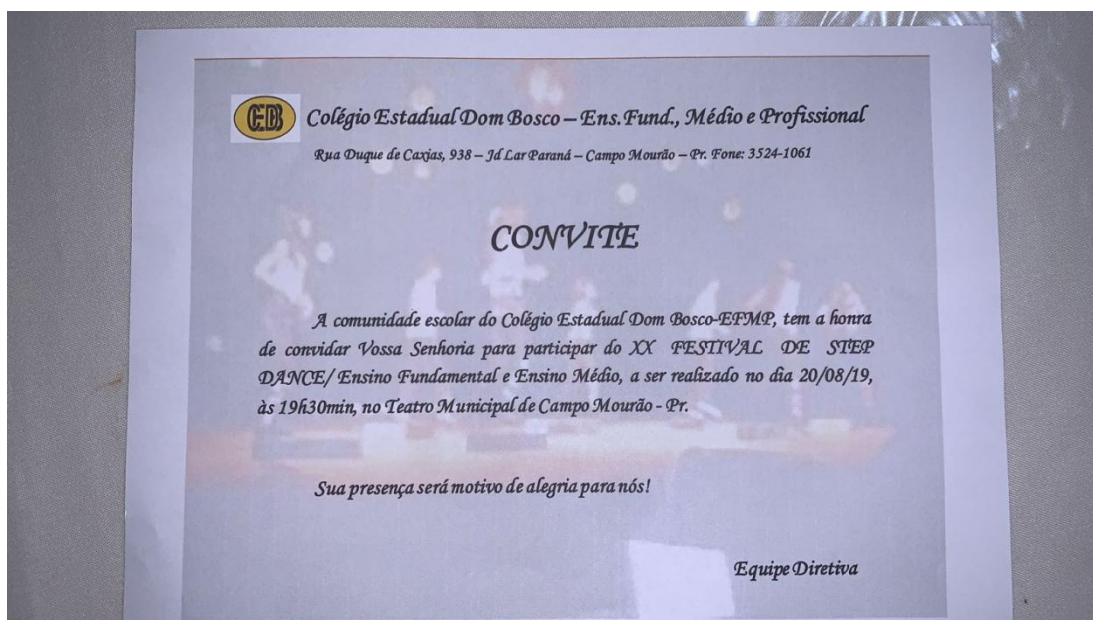
As próximas imagens mostram os convites produzidos para a 20ª edição do festival.

Figura 29 - Convite elaborado para o festival de 2019



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 30 - Convite elaborado para o festival de 2019



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Figura 31 - Steps utilizados para a dança



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Já essa outra imagem mostra os steps utilizados para a dança no festival. São steps comuns utilizados também no espaço de academias, para atividades físicas em geral. Em nosso Colégio o aparelho Step faz parte do cotidiano dos(as) estudantes, sendo lembrado e utilizado em todos os eventos, inclusive nas montagens de painéis e cenários.

Figura 32 - Alunos utilizando os steps no dia a dia na escola



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 33 - Alunos dançando no festival utilizando steps antigos, que eram de madeira



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 34 - Medalhas distribuídas aos participantes do festival nos anos de 2014, 2022 e 2024.



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Essas medalhas foram disponibilizadas para registro fotográfico, porém são uma relíquia do Colégio Bom Bosco, visto que simbolizam o festival. Elas são passadas àqueles que participam do evento e recebem o título de melhor coreografia, tendo o 1º, 2º e 3º lugar.

Figura 35 - Medalhas das premiações dos projetos Interclasse e Step Dance 2014, 2022 e 2024.



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Os DVDs encontrados mostram algumas edições do festival, inclusive observa-se uma tentativa de mudança do nome do evento em 2010 para “Festival Step by Step Dance”, mas a mudança não teve uma boa aceitação pela comunidade escolar, o nome não “emplacou”, fazendo com que no ano seguinte retornasse para Festival Step Dance, ficando desta forma até a atualidade. Este relato foi dado pelas funcionárias da secretaria do Colégio que trabalhavam no ano de 2010 e atuam na instituição até os dias atuais. Importante destacar aqui o protagonismo da sociedade e dos membros da comunidade escolar/bairro no evento, eles (comunidade) já “compraram” a ideia, e “vestiram a camisa” do espetáculo, o que mostra o quanto este projeto está enraizado na vida do Colégio Dom Bosco.

Figura 36 - DVDs das edições dos festivais dos anos de 2010/2011



Fonte: Acervo do autor (2026).

A seguir, o quadro demonstra as datas em que foram realizados os festivais desde a sua primeira edição.

Quadro 1 – Edições anteriores do festival

Edição	Ano	Data	Coordenação do Evento	Local de Realização	O porquê do Local escolhido
1 e 2	2000		Gilmar de Gouvea	Quadra do Colégio	Início do projeto – Festival ainda pequeno
3	2001		Gilmar de Gouvea	Quadra do Colégio	Início do projeto – Estruturação do evento
4	2002		Gilmar de Gouvea	Quadra do Colégio	Início do projeto – Inseguranças para mudar de local
5	2003		Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Necessidade de um local maior

6	2004	17/10/2004	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Necessidade de conservar a beleza do evento
7	2005	16/10/2005	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Evento grande com a necessidade de preservar a beleza do espetáculo
8	2006	21/10/2006	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
9	2007	20/10/2007	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
10	2008	19/10/2008	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
11	2009	18/10/2009	Gilmar de Gouvea	Quadra do Colégio	Surto Gripe H1N1-Influenza A-
12	2010	23/10/2010	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Ousadia para preservar o projeto com o mesmo ânimo após a realização na própria escola
13	2011	22/10/2011	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
14	2012	21/10/2012	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
14	2013	20/10/2013	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
15	2014	18/10/2014	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
16	2015	17/10/2015	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
17	2016	29/08/2016	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso

18	2017	30/09/2017 e 01/10/2017	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Participação maciça das turmas, necessidade de local espaçoso
19	2018	12/09/2018	Gilmar de Gouvea	Teatro Municipal	Local adequado para homenagens de despedida ao professor Gilmar pela chegada de sua aposentadoria.
20	2019	05/08/2019	Hérico F. Maião	Teatro Municipal	Desejo de prosseguir com a mesma qualidade e brilhantismo no primeiro ano da nova coordenação do festival.
XXX	2020	COVID-19	XXX	XXX	XXX
XXX	2021	COVID-19	XXX	XXX	XXX
21	2022	31/08/2022	Hérico F. Maião	Teatro Municipal	Esforço ousado para dar continuidade ao projeto com a mesma magnitude após a parada de dois anos.
22	2023	14/10/2023	Hérico F. Maião	Teatro Municipal de Campo Mourão	Adesão em nível bom dos estudantes ao evento
23	2024	29/07/2024	Hérico F. Maião	Teatro Municipal de Campo Mourão	Adesão em nível bom dos estudantes ao evento e necessidade de espaço adequado
24	2025	02/10/2025	Hérico F. Maião	Teatro Municipal de Campo Mourão	Adesão em nível bom dos estudantes ao evento e necessidade de espaço adequado
25	2026	25/08/2026	Hérico F. Maião	Teatro Municipal de Campo Mourão	Expectativa de adesão em nível bom dos estudantes ao evento e necessidade de espaço adequado

Fonte: O autor (2026).

As lacunas presentes na tabela ao longo desta pesquisa evidenciam a dificuldade encontrada na localização de informações precisas e devidamente registradas sobre as edições

anteriores do festival. Embora tenham sido realizadas buscas em documentos institucionais, registros escolares e relatos orais, muitas informações não puderam ser confirmadas com segurança, o que impossibilitou sua inserção de maneira definitiva no trabalho. Essa ausência documental revelou não apenas uma limitação para a reconstrução histórica do evento, mas também a importância da preservação da memória institucional.

Foi justamente diante dessas lacunas que surgiu a necessidade da criação de um centro de memórias no Colégio Dom Bosco, com o objetivo de reunir, organizar e preservar registros relacionados aos festivais e às demais atividades escolares. Dessa forma, a ausência de informações tornou-se um elemento significativo para repensar as próximas organizações do festival, incentivando a construção de arquivos mais completos, acessíveis e permanentes para as futuras gerações.

O Teatro Municipal de Campo Mourão (PR) é um dos principais lugares culturais da cidade e um espaço de referência para a cena artística local e regional. Inaugurado em 13 de fevereiro de 1995, o teatro foi concebido como um espaço moderno para apresentações de teatro, dança, música e outras manifestações culturais, contando com estrutura de cerca de 1.500 m², palco amplo, camarins e sistema de som e luz adequados à recepção de produções profissionais e amadoras.

A capacidade do teatro situa-se na faixa de 470 a 524 lugares, conforme diferentes fontes e adequações realizadas ao longo de sua trajetória, o que coloca o equipamento como um espaço de médio porte, porém significativo para a dinâmica cultural da cidade e da região. Essa capacidade é relevante para entender o público presencial dos eventos, sobretudo em festivais artísticos como o Festival de Teatro de Campo Mourão (FETACAM), uma das maiores mostras culturais realizadas na cidade, que reúne espetáculos nacionais e atividades formativas ao longo de diversas semanas.

No contexto do festival, o teatro tem sido palco de apresentações que atraem um público diversificado, composto por moradores de Campo Mourão e cidades vizinhas, estudantes, artistas, famílias e entusiastas das artes cênicas. A presença de um público expressivo em muitas edições do festival (que, em outras historicizações do evento, reuniu mais de 10 mil espectadores ao longo de sua programação) indica a capacidade de mobilização cultural da comunidade em torno das artes performativas, mesmo que não seja possível lotar o teatro em todas as sessões.

Observa-se, tanto nas imagens quanto nas atividades correlatas, a presença de crianças e adolescentes acompanhados de familiares ou docentes, estudantes do Ensino Médio, profissionais da educação física e artes, além de moradores de diferentes faixas etárias que se

deslocam até o teatro não apenas por curiosidade, mas por um interesse consolidado nas linguagens artísticas. Essa diversidade reforça a ideia de que o festival e o teatro atuam como espaços de encontro comunitário, formação de repertório cultural e mediação de experiências estéticas compartilhadas.

Ao destacar o perfil e a composição do público, este capítulo contribui para compreender como o Festival (seja por meio de dança, teatro ou outras expressões) não é um evento meramente artístico isolado, mas uma prática cultural que dialoga com a vida cotidiana dos participantes, dinamiza as experiências escolares e reforça a presença da arte como elemento de identidade social no município de Campo Mourão.

SEÇÃO 3

A CONEXÃO COM A HISTÓRIA PÚBLICA, AS MUDANÇAS NO APRENDIZADO DOS ESTUDANTES DO COLÉGIO E A CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE POR MEIO DO MEMORIAL

3.1 Da escolha da sala a abertura do Centro de Memórias

Para a construção do memorial, nós conversamos com a equipe diretiva do Colégio Dom Bosco questionando se já havia alguma parte da escola destinada a guardar materiais advindos do Festival Step Dance, já que ele é um evento exclusivo da escola. “... en la escuela se ponen en juego no solo la disciplina academica, sino distintas historias queson reconvertidas, repensadas y escritas por otros actores: los docentes y sus comunidades, que construyen nuevos significados” (Andrade e Paganini, 2024, p. 202).

Ao fazer essa busca pelo espaço e também de materiais que pudesse haver referentes a festividade, não encontramos nada específico. Isso gerou uma insatisfação, dada a importância do festival para o Dom Bosco. Com isso, iniciamos um percurso para achar um lugar na escola em que pudesse ser feito nosso memorial.

la Nueva Museologia, un movimiento que propone sustituir la ecuacio’n del museo (colección-edificio-público) por otra: un patrimonio integral, fruto de una activación en el presente una comunidad , sujeto y legítima propietaria de los bienes a preservar; y un territorio como ámbito de acción museológica más allá de los muros del edificio museo” (Andrade e Paganini, 2024, p. 203).

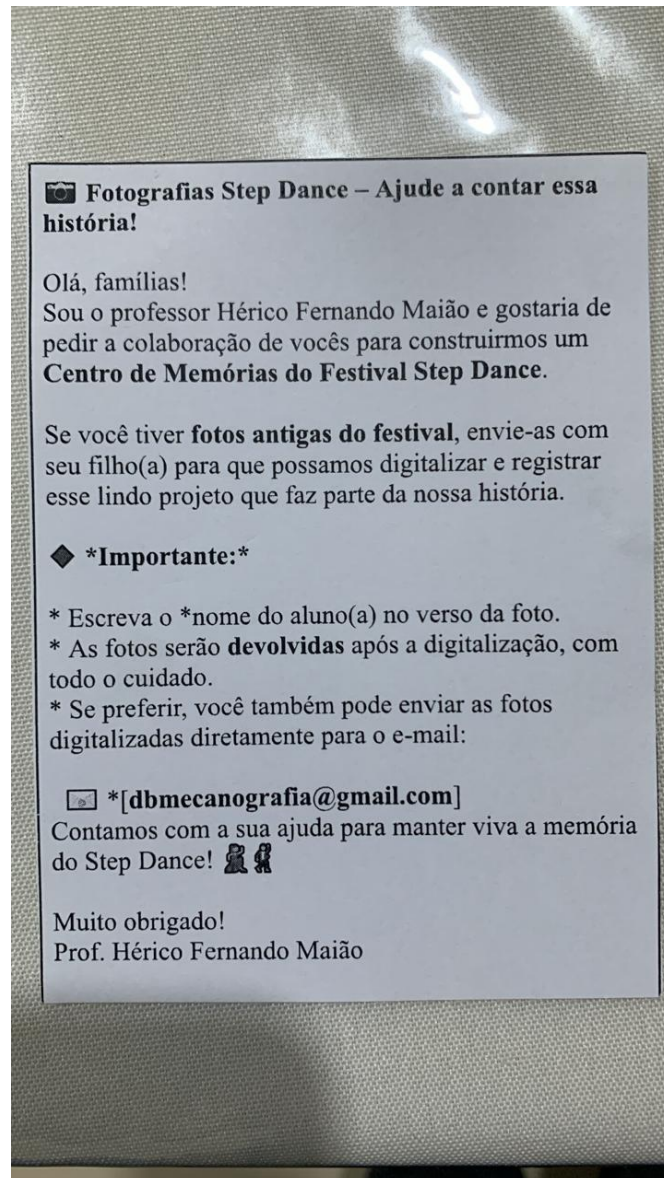
Para sanar a aparente ambiguidade quanto à localização física do Centro de Memórias nas dependências do colégio: o espaço foi oficialmente alocado na antiga sala pedagógica/multimeios. A mesa de montagem com o arranjo floral e os nichos de exposição correspondem à organização expográfica interior dessa mesma sala, pensada para abrigar de forma permanente os troféus, medalhas, steps de madeira, figurinos, registros escritos e mídias do festival. Assim, deram-nos uma sala de aula que não estava sendo usada, na qual havia cadeiras e mesas e que precisavam ser organizadas para que nosso espaço ficasse o mais apresentável possível. Nossa busca por materiais foi longe. Conseguimos resgatar o que já havia de fotos, pendrives e outros itens guardados e, como haveria o festival daquele ano, nos empenhamos para solicitar novos materiais que fossem produzidos ao festival, como fotos, entrevistas etc.

[...] un museo comunitario es un museo de la comunidad, no creado externamente para la comunidad, y presenta las siguientes características : la iniciativa de su elaboración nace de la comunidad para resguardar su patrimonio cultural y fortalecer la memoria; se gestiona mediante la consulta comunitaria; expresa la visión de la comunidad de su historia y son sus integrantes quienes deciden cómo mostrarla; responde a necesidades y derechos de la comunidad y funciona como un punto de partida para generar diversas iniciativas culturales más allá del museo” (Andrade e Paganini, 2024, p. 204).

Tudo o que nós fomos produzindo de materiais ficariam guardados no memorial, principalmente as fotos, pois elas captam a essência de muitos dos momentos das danças. Uma das formas de captar novos registros produzidos pelo festival de 2025 foi a partir do comunicado que fizemos e disponibilizamos para os alunos, o qual solicitava que se alguém tivesse fotos guardadas do festival que emprestassem para digitalizarmos,

“... son los propios vecinos quienes seleccionan los relatos, objetos y fotografías reunidos en las entrevistas, los clasifican y los ordenan a partir de la construcción de una narrativa propia para, finalmente, exhibirlos con el fin de comunicar algo; en otras palabras, conforman una colección” (Andrade e Paganini, 2024, p. 211).

Figura 37 - Convite para o festival do ano de 2025



Fonte: Fotografia do autor (2025).

O Festival Step Dance de 2025 aconteceu no dia 02 de outubro. Após sua realização, nosso trabalho seria coletar todas as fotografias que conseguíssemos, bem como demais outros materiais que pudessem ficar em exposição no memorial, por exemplo figurinos e os steps. As próximas gerações poderiam consultar esse espaço de memória, até mesmo para se inspirarem para os festivais futuros.

O engajamento para que tudo ocorresse da melhor forma tanto no festival quanto para a abertura do memorial foi muito grande, uma vez que os alunos tinham uma expectativa enorme e ficavam o tempo inteiro lembrando e cobrando os professores. Para eles, é um dos momentos mais aguardados do ano na vida escolar. É um festival que faz a diferença na vida de cada um,

sabendo que muitos vêm de uma realidade difícil e seus poucos momentos de descontração se resumem as atividades extras do Colégio. “Em história pública todo começa com o gesto de produzir junto com o público, de saber ouvir suas demandas, em deixar se afetar pelos problemas colocados pela comunidade” (Rodrigues, 2024, p. 219).

Em conversa com os alunos, após a coleta e reunião de todos os documentos e objetos conquistado para o memorial, seriam selecionados alguns deles para que ajudassem a montar o espaço de memórias, para que assim eles pudessem entender a importância do lugar e pudessem dizer que fizeram parte da história do festival. Em outras palavras, os mesmos alunos que participam da festividade são os mesmos que ajudam a construir a identidade do colégio, a preservar um patrimônio tão importante. Eles são protagonistas de uma história que permanecerá fixa e aparente, visto que agora com um local de salvaguarda do evento, será muito mais fácil de entender a grandeza do Festival Step Dance.

3.2 A reinvenção de caminhos

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, deparamo-nos com um importante desafio de ordem institucional. No início do ano letivo de 2026, o Colégio registrou um aumento significativo no número de estudantes matriculados, fato que exigiu a reorganização dos espaços físicos disponíveis para atender às demandas pedagógicas prioritárias. Nesse contexto, a direção da instituição, de forma legítima e necessária, revogou a cessão da sala anteriormente destinada à implantação do memorial do Festival Step Dance.

Tal situação nos convocou a uma reavaliação do projeto inicial, não como um entrave definitivo, mas como um exercício de escuta, diálogo e adequação às dinâmicas reais do espaço escolar. Longe de representar um prejuízo ao desenvolvimento da pesquisa, esse redimensionamento revelou a importância de compreender a escola como um organismo vivo, em constante transformação, no qual as decisões institucionais respondem a necessidades coletivas e urgentes. Além disso, pensar em mais alunos matriculados é pensar que são menos jovens nas ruas ou menos jovens deixando de ficarem analfabetos funcionais.

Ainda assim, o compromisso com a preservação das memórias do Festival Step Dance permaneceu como eixo central do trabalho. Ao longo do processo, foi possível reunir um conjunto significativo de materiais, registros fotográficos, documentos, relatos, narrativas orais e produções diversas, que constituem um acervo relevante para a salvaguarda das memórias do festival. Esse material, fruto de um esforço coletivo e intencional, foi organizado de modo a

permanecer acessível à comunidade escolar, bem como a todos os interessados em conhecer a trajetória histórica e cultural do evento.

Dessa forma, mesmo diante da necessidade de rever a proposta de um espaço físico permanente, a pesquisa reafirma seu compromisso com a democratização do acesso às memórias produzidas. O memorial, ainda que reconfigurado em sua forma, mantém-se vivo em seu propósito: preservar, compartilhar e valorizar as experiências, os saberes e os sentidos construídos ao longo dos anos pelo Festival de Step Dance. Esse processo evidencia que a memória não se limita a um lugar fixo, mas se sustenta na disposição coletiva de lembrar, registrar e transmitir aquilo que dá significado à história do colégio e de sua comunidade.

3.3 A seleção dos materiais para o memorial

Montamos o memorial do Festival Step Dance em uma parte da Biblioteca da instituição, organizando-o sobre uma mesa, já que não havia um espaço exclusivo disponível para o projeto. Essa limitação ocorreu em razão do grande número de alunos e da ocupação total das salas, o que nos levou a adaptar o planejamento inicial. Ainda assim, reunimos todos os materiais que conseguimos localizar referentes às diferentes edições do festival, como fotografias, cartazes, folders, certificados, registros impressos e outros documentos e dispusemos cuidadosamente sobre a mesa, de modo que alunos, professores e demais visitantes pudessem visualizar e reconhecer a trajetória do evento ao longo do tempo.

A construção desse memorial revelou-se uma ação extremamente significativa, pois vai além da simples exposição de materiais: trata-se da preservação da memória cultural e institucional do festival. Ao reunir e organizar esses registros, possibilitamos que as próximas gerações compreendam a evolução do evento, reconheçam os esforços envolvidos em sua realização e valorizem a história construída coletivamente. O memorial funciona, portanto, como um elo entre passado, presente e futuro, contribuindo para o fortalecimento da identidade do festival e incentivando sua continuidade.

Do ponto de vista da pesquisa, essa experiência agregou de maneira expressiva ao nosso processo formativo enquanto pesquisadores. A coleta dos materiais exigiu dedicação, organização e, sobretudo, criatividade, já que muitos registros estavam dispersos, incompletos ou de difícil acesso. Foi necessário entrar em contato com diferentes pessoas, buscar fontes alternativas e nos reinventar diante das limitações encontradas. Esse percurso, embora trabalhoso, foi essencial para desenvolver habilidades como investigação, curadoria de

informações e adaptação metodológica, ampliando nossa compreensão sobre a importância do trabalho empírico na construção do conhecimento.

A montagem do memorial foi realizada de forma cuidadosa e estratégica. Organizamos os materiais em uma sequência que representasse a evolução cronológica do festival, separando-os por edições e destacando elementos visuais que chamassem a atenção do público. Fotografias foram dispostas de maneira acessível, algumas apoiadas em suportes improvisados e outras organizadas em painéis sobre a mesa; os cartazes e folders foram posicionados de modo a permitir a leitura integral; certificados e documentos foram alinhados para facilitar a visualização. Buscamos também criar uma composição harmoniosa, equilibrando cores, formatos e tamanhos, de modo que o conjunto se tornasse atrativo e convidativo, mesmo dentro do espaço reduzido disponível.

A percepção das pessoas em relação ao memorial foi bastante positiva. Estudantes e professores(as) demonstraram interesse e curiosidade ao observar os materiais expostos, frequentemente comentando sobre lembranças despertadas pelas imagens e documentos. Além disso, pessoas externas contribuíram significativamente para a construção do acervo, cedendo registros pessoais, compartilhando informações e auxiliando na identificação de determinados momentos do festival. Essa participação coletiva reforçou o caráter colaborativo do projeto e evidenciou o quanto a memória é construída de forma conjunta, a partir das experiências e contribuições de diferentes sujeitos.

Quadro 2 – Percepção dos participantes

Público	Percepção observada	Contribuição
Alunos	Interesse e identificação	Engajamento com o festival
Professores	Valorização do projeto	Apoio e incentivo
Pessoas externas	Colaboração com materiais	Enriquecimento do acervo

Fonte: O autor (2026).

De modo geral, o memorial não apenas cumpriu seu papel de resgatar e apresentar a história do festival Step Dance, mas também se consolidou como um espaço de interação, aprendizado e valorização cultural. Mesmo diante das limitações estruturais, foi possível desenvolver uma proposta rica e significativa, que ampliou nossa visão sobre a importância de preservar memórias e destacou o potencial transformador de iniciativas simples, quando realizadas com comprometimento e sensibilidade.

Figura 38 - CDs das edições anteriores do festival



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 39 - Medalhas das edições anteriores do festival



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 40 - Convites da edição anterior do festival



Fonte: Acervo do autor (2026).

Para complementar a construção do memorial, realizamos também a seleção de algumas imagens que registram tanto o processo de montagem quanto os objetos expostos. Entre esses registros, destacam-se as medalhas concedidas aos melhores colocados do festival ao longo dos anos, que simbolizam não apenas o reconhecimento dos participantes, mas também a trajetória de dedicação e excelência presente em cada edição. Fotografamos ainda a toalha branca utilizada para revestir a mesa, elemento simples, mas escolhido com o intuito de conferir unidade visual e destacar os materiais expostos. Também incluímos imagens dos convites de diferentes edições, que evidenciam a identidade visual e a divulgação do evento ao longo do tempo, além das fotografias que imprimimos e organizamos sobre a mesa, compondo um panorama visual da história do festival. Por fim, registramos os CDs que reúnem materiais digitais de edições anteriores, como vídeos, músicas e arquivos diversos, os quais representam uma importante fonte de preservação da memória do evento em formato digital. Essas imagens, portanto, não apenas documentam o memorial, mas também ampliam as possibilidades de análise e valorização dos elementos que compõem a história do festival.

Para além da simples seleção de imagens, buscamos construir um registro visual que dialogasse com a própria ideia de preservação da memória, entendendo o memorial não apenas como uma exposição, mas como um espaço de significação cultural. Nesse sentido, foram selecionadas fotografias que retratam tanto o processo de montagem quanto os objetos que compõem o acervo, permitindo uma leitura mais ampla da organização e da intencionalidade

do projeto. Entre esses elementos, destacam-se as medalhas concedidas aos melhores colocados ao longo das edições do festival, que carregam um forte valor simbólico, pois representam conquistas individuais e coletivas. De acordo com Pierre Nora, os chamados “lugares de memória” são formados por objetos, práticas e registros que mantêm viva a história de um grupo, e, nesse contexto, as medalhas funcionam como marcos materiais dessa memória.

Figura 41 – Arranjo floral utilizado em diversos espetáculos no Teatro Municipal ornamentando a mesa de montagem do Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

Além disso, conforme já mencionamos, a utilização da toalha branca que recobria a mesa expositiva, cuja escolha, embora simples, foi pensada para valorizar visualmente os objetos e criar uma unidade estética. Esse cuidado com a apresentação dialoga com princípios museológicos básicos, nos quais a forma de exposição influencia diretamente na forma como o público percebe e interpreta o conteúdo. As fotografias impressas e dispostas sobre a mesa contribuíram para a construção de uma narrativa visual acessível, aproximando os visitantes da história do festival por meio de imagens concretas e facilmente reconhecíveis.

Todos esses suportes evidenciam a transição das formas de armazenamento da memória, do físico ao digital, aspecto amplamente discutido na contemporaneidade. Segundo Lev

Manovich, as mídias digitais ampliam as possibilidades de preservação e acesso à informação, permitindo que registros culturais sejam mantidos e revisitados com maior facilidade. Dessa forma, a presença dos CDs no memorial não apenas complementa o acervo físico, mas também demonstra a adaptação do festival às transformações tecnológicas ao longo dos anos.

Assim, a seleção e o registro dessas imagens ultrapassam o caráter meramente ilustrativo, assumindo um papel fundamental na documentação do processo e na valorização dos elementos que compõem o memorial. Ao integrar objetos simbólicos, escolhas estéticas e diferentes suportes de memória, o conjunto de imagens contribui para a construção de um material mais rico e analítico, capaz de evidenciar não apenas o que foi exposto, mas também o significado e a relevância de cada item dentro da trajetória do Festival Step Dance.

3.4 A abertura do memorial ao público

A abertura do Centro Memorial do Festival Step Dance foi organizada de maneira planejada e gradual, buscando proporcionar à comunidade escolar um primeiro contato significativo com o espaço e com os materiais históricos expostos. A proposta metodológica consistiu em receber os alunos(as) em pequenos grupos, permitindo que cada turma tivesse a oportunidade de observar atentamente os elementos presentes no memorial, interagir com os registros e participar ativamente das discussões e reflexões suscitadas pela experiência.

No momento da entrada na sala, os estudantes demonstraram imediato interesse pelo ambiente organizado especialmente para preservar a memória do festival. Os olhares curiosos direcionavam-se às fotografias, troféus, figurinos, recortes, documentos e demais objetos expostos, evidenciando um movimento espontâneo de identificação e reconhecimento. Muitos alunos aproximavam-se cuidadosamente dos materiais para observar detalhes, comparar diferentes edições do evento e localizar colegas, familiares ou professores presentes nos registros históricos.

Durante a visita, foram frequentes as indagações realizadas pelos estudantes. Perguntas sobre as antigas apresentações, sobre os participantes das fotografias, sobre as transformações ocorridas ao longo dos anos e sobre a história do festival surgiram de forma natural ao longo do percurso pelo memorial. Esse movimento demonstrou não apenas

curiosidade, mas também interesse em compreender o processo histórico e cultural construído dentro da instituição por meio do Step Dance.

A interação dos alunos com o espaço também ocorreu de maneira colaborativa. Em diversos momentos, estudantes chamavam colegas para observar determinados registros, compartilhavam lembranças de edições anteriores e comentavam experiências pessoais relacionadas ao festival. Essa troca de percepções contribuiu para transformar a visita em um momento coletivo de construção de significados, fortalecendo vínculos entre os participantes e ampliando o sentimento de pertencimento em relação à escola.

Metodologicamente, o memorial foi pensado não apenas como uma exposição estática, mas como um instrumento pedagógico de valorização da memória escolar e das experiências culturais vivenciadas pelos estudantes. A organização dos materiais buscou estabelecer uma narrativa histórica acessível e visualmente atrativa, permitindo que os alunos compreendessem a trajetória do festival e percebessem sua importância para a identidade institucional do Colégio Dom Bosco.

Além disso, a observação das reações dos estudantes durante a abertura permitiu identificar o impacto emocional e simbólico provocado pelo memorial. O interesse demonstrado, as perguntas realizadas e o tempo dedicado pelos alunos à observação dos materiais evidenciaram que o espaço conseguiu despertar reflexões sobre pertencimento, tradição, memória e valorização das experiências estudantis. Dessa forma, a abertura do Centro Memorial constituiu-se como um importante momento de aproximação entre os estudantes e a história cultural da escola, reafirmando o papel do Festival Step Dance como elemento significativo na formação da comunidade escolar.

Figura 42 - Alunos visualizando o Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 43 - Professor Hérico demonstrando e falando sobre o Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 44 – Alunos(as) visitando o Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

A visita dos estudantes ao centro de memórias revelou um dos aspectos mais marcantes de todo o projeto: o despertar da curiosidade e do sentimento de pertencimento diante da própria história escolar. Ao percorrerem os materiais expostos, observando fotografias, documentos, figurinos, registros e lembranças de diferentes edições do festival, os alunos demonstraram entusiasmo, surpresa e envolvimento genuíno com cada descoberta. Muitos se aproximavam das imagens tentando reconhecer pessoas, momentos e espaços conhecidos, enquanto outros se encantavam ao perceber a dimensão histórica das atividades desenvolvidas no Colégio Dom Bosco ao longo dos anos. A empolgação presente durante a visita evidenciou como a memória, quando compartilhada e acessível, aproxima os sujeitos de sua própria trajetória coletiva,

fortalecendo vínculos afetivos com a escola e incentivando uma participação mais ativa na preservação dessas histórias para o futuro.

Figura 45 – Alunos visitando o Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 46 - Alunas visitando o Centro de Memórias



Fonte: Acervo do autor (2026).

A construção do Centro Memorial do Festival Step Dance representou muito mais do que a organização de registros históricos sobre o evento; tornou-se um espaço de memória, pertencimento e valorização da identidade escolar. Após sua finalização, foi possível perceber uma participação espontânea e significativa dos alunos, que demonstraram grande curiosidade e interesse pelo memorial. Muitos estudantes paravam para observar os materiais expostos, faziam perguntas sobre as fotografias, troféus, figurinos e registros históricos, além de compartilharem experiências pessoais relacionadas ao festival. Também foi frequente a movimentação de alunos chamando colegas para visitar o espaço, demonstrando entusiasmo em apresentar o memorial e dividir com outros estudantes as histórias e lembranças ali preservadas.

A emoção provocada pela recepção da comunidade escolar evidenciou a importância do projeto. Ver alunos(as), professores(as), funcionários(as) e visitantes dedicando tempo para conhecer o memorial demonstrou que o Festival Step Dance ultrapassa a dimensão de um simples evento artístico, consolidando-se como parte fundamental da memória afetiva e cultural do Colégio Dom Bosco. O interesse despertado pelas exposições reflete o reconhecimento do festival enquanto elemento de identidade coletiva, capaz de conectar diferentes gerações de estudantes por meio de experiências compartilhadas.

Além disso, a participação ativa dos alunos durante as visitas ao memorial revela o fortalecimento do sentimento de pertencimento em relação à escola. Ao observarem registros de anos anteriores, muitos estudantes passaram a compreender o festival como uma tradição construída coletivamente, reconhecendo-se como parte dessa trajetória histórica. Esse movimento evidencia também a valorização da cultura escolar e das manifestações artísticas como instrumentos de formação humana, integração social e preservação da memória institucional.

Outro aspecto relevante foi a superação das expectativas em relação ao alcance do projeto. Inicialmente, imaginava-se que o memorial despertaria interesse apenas entre participantes mais diretamente envolvidos com o festival. Entretanto, o retorno obtido foi muito maior do que o esperado, alcançando alunos de diferentes turmas, professores(as), ex-alunos(as) e familiares. O envolvimento da comunidade escolar demonstrou que havia uma necessidade de preservação dessas memórias e de reconhecimento da importância histórica e cultural do Step Dance para a instituição.

Apesar dos resultados positivos, a construção do Centro Memorial também foi marcada por desafios. O processo exigiu organização, levantamento de registros antigos, seleção de materiais, reconstrução de memórias e superação de dificuldades relacionadas ao acesso a documentos e fotografias de diferentes épocas. Além disso, houve a necessidade de pensar estratégias que tornassem o espaço atrativo, acessível e representativo para toda a comunidade escolar. Ainda assim, cada obstáculo enfrentado reforçou o valor do projeto e a relevância de preservar a história do festival.

Dessa forma, o Centro Memorial consolidou-se como um espaço de valorização da memória, da cultura e das vivências estudantis, evidenciando o impacto que o Festival Step Dance possui na trajetória do Colégio Dom Bosco. Mais do que recordar acontecimentos passados, o memorial permitiu fortalecer vínculos, despertar emoções e reafirmar a importância das experiências culturais no processo de formação dos estudantes e na construção da identidade escolar.

Com o objetivo de ampliar o acesso aos registros do festival e aproximar ainda mais a comunidade escolar das memórias construídas no evento, foi desenvolvido um QR Code que direciona os visitantes para um acervo digital contendo diversas fotografias da edição de 2025 do festival. A utilização dessa ferramenta tecnológica trouxe praticidade e acessibilidade, permitindo que alunos(as), funcionários(as), professores(as) e familiares pudessem acessar os registros de forma rápida e dinâmica por meio de seus próprios celulares.

Figura 47 - QR Code

Fonte: Acervo do autor (2026).

Além de facilitar o compartilhamento das imagens, o QR Code tornou-se um elemento significativo dentro do projeto por representar a união entre memória e tecnologia, mostrando como os recursos digitais podem contribuir para a preservação da história escolar. Dessa maneira, os registros do festival ultrapassam o espaço físico do centro de memórias e passam a permanecer disponíveis de forma contínua, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorização das experiências vividas pela comunidade do Colégio Dom Bosco.

Quadro 3 – Materiais do Memorial

Tipo de material	Descrição	Função no memorial	Origem
Fotografias	Imagens de apresentações e edições anteriores	Resgatar memória visual	Acervo pessoal/institucional
Medalhas	Premiações dos participantes	Representar conquistas	Edições do festival

Convites	Materiais de divulgação	Mostrar identidade visual	Organização do evento
CDs	Arquivos digitais (vídeos, músicas)	Preservação digital	Edições anteriores
Toalha branca	Base da exposição	Organização estética	Materiais do grupo

Fonte: O Autor (2026).

Organizar o memorial do Festival Step Dance foi, antes de tudo, uma experiência marcada por esforço, expectativa e, principalmente, persistência. Desde o início, imaginávamos um espaço mais amplo, uma sala dedicada exclusivamente à exposição, onde todo o material pudesse permanecer disponível continuamente, permitindo que qualquer pessoa, a qualquer momento, pudesse entrar, observar e se conectar com a história do festival. Havia um desejo genuíno de dar a esse acervo o destaque que ele merece. No entanto, a realidade se impôs de forma diferente. Diante da falta de salas disponíveis, consequência do grande número de alunos(as) e da ocupação total dos espaços, tivemos que repensar nossos planos e nos adaptar ao que era possível naquele momento.

Essa limitação, que inicialmente gerou frustração, acabou se tornando parte fundamental da nossa trajetória enquanto pesquisadores. Cada material encontrado carregava uma história, mas também trazia consigo desafios: registros incompletos, objetos dispersos, informações que precisavam ser confirmadas. Houve momentos de cansaço, de dúvidas e de incertezas sobre como conseguiríamos reunir tudo de forma coerente e significativa. Ainda assim, seguimos. Aos poucos, entre tentativas e ajustes, o memorial foi tomando forma, não exatamente como imaginávamos no início, mas talvez até mais significativo por isso. Afinal, cada detalhe ali exposto também representa o caminho percorrido para que ele existisse.

Com o tempo, compreendemos que toda pesquisa é, inevitavelmente, atravessada por percalços. E é justamente nesses momentos que o trabalho ganha profundidade e sentido. A mesa montada na sala cedida, mesmo simples, passou a carregar um valor simbólico muito maior do que apenas um espaço expositivo: ela representava nossa capacidade de adaptação, nossa insistência em não desistir diante das dificuldades e, principalmente, o nosso compromisso em preservar e compartilhar a memória do festival. Ao final, mais do que um conjunto de objetos organizados, construímos uma narrativa viva, marcada por esforço coletivo e dedicação. E é essa trajetória feita de desafios, escolhas e superações que dá sentido ao encerramento deste capítulo, mostrando que, muitas vezes, não é o cenário ideal que define a

importância de um trabalho, mas sim o empenho e a intenção colocados em cada etapa de sua construção.

Quadro 4 – Desafios da pesquisa

Desafio	Impacto	Solução encontrada
Falta de espaço	Limitação da exposição	Uso de mesa em sala cedida
Materiais dispersos	Dificuldade de organização	Busca ativa e colaboração
Falta de registros	Lacunas históricas	Contato com participantes

Fonte: O Autor (2026).

O quadro apresentado evidencia alguns dos principais desafios enfrentados durante a construção do centro de memórias e demonstra como cada obstáculo exigiu adaptações e soluções práticas ao longo do processo. A falta de espaço físico adequado, por exemplo, limitou inicialmente a organização da exposição, sendo necessário utilizar uma mesa em uma sala cedida pela escola para possibilitar a montagem do acervo. Além disso, os materiais encontravam-se dispersos e sem organização sistematizada, o que demandou uma busca ativa por documentos, fotografias e objetos, contando também com a colaboração de docentes, alunos(as) e antigos participantes do festival.

Outro desafio significativo foi a ausência de registros completos sobre determinadas edições, gerando lacunas históricas que precisaram ser parcialmente supridas por meio do contato com pessoas que participaram dos eventos em diferentes períodos. A apresentação dessa tabela é importante porque permite visualizar de maneira objetiva as dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas para superá-las, evidenciando que a construção da memória institucional envolve não apenas preservação, mas também pesquisa, mobilização coletiva e comprometimento com a valorização da história do Colégio Dom Bosco.

Quadro 5 – Possibilidades futuras

Proposta	Objetivo	Impacto esperado
Espaço permanente	Exposição contínua	Maior acesso
Digitalização	Preservação	Acesso ampliado
Expansão do acervo	Completar registros	Fortalecer memória

Fonte: O Autor (2026).

O quadro de possibilidades futuras demonstra que o centro de memórias não se limita apenas ao resgate do passado, mas também representa um projeto em constante construção e desenvolvimento dentro do Colégio Dom Bosco. Entre as propostas apresentadas, destaca-se a criação de um espaço permanente para a exposição do acervo, permitindo que a comunidade escolar tenha maior acesso contínuo aos materiais históricos do festival e das atividades da escola.

Além disso, a digitalização dos documentos, fotografias e registros surge como uma alternativa fundamental para garantir a preservação desses materiais ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de acesso por meios digitais. A expansão do acervo também aparece como uma meta importante, buscando completar registros ainda ausentes e fortalecer cada vez mais a memória institucional. Dessa forma, a tabela evidencia que o projeto possui potencial para crescer e se consolidar como um espaço de preservação histórica, valorização cultural e construção coletiva da identidade escolar.

3.5 Questionário aplicado aos estudantes

Para compreender de forma mais aprofundada a percepção dos estudantes em relação ao Festival Step Dança, foi elaborado e aplicado um questionário direcionado aos alunos(as) do colégio, composto por questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa. A construção do instrumento buscou contemplar tanto aspectos objetivos quanto subjetivos, permitindo identificar não apenas o nível de conhecimento e participação dos alunos(as) no evento, mas também suas opiniões, sentimentos e interpretações sobre sua importância no contexto escolar. A aplicação ocorreu de maneira organizada, garantindo que os participantes compreendessem as perguntas e tivessem liberdade para expressar suas respostas, especialmente na questão aberta, que possibilitou uma análise mais qualitativa. Os alunos(as) eram do oitavo, nono e terceiro ano, sendo de idades variadas, entre 13 a 17 anos.

O questionário é formado por seis questões, sendo 5 de múltipla escolha e a última dissertativa. A primeira questão pergunta como o aluno avalia o festival de dança do Colégio, sendo as opções: excelente, muito bom, bom, regular e precisa melhorar. A segunda questão pede para comparar com as edições anteriores do festival, se: melhorou muito, melhorou um pouco, permaneceu igual, piorou ou se é a primeira participação. Já na questão 3, é questionado o que o festival representa para o aluno, se: é um momento de diversão e integração, uma

oportunidade de expressão artística, um evento importante para a escola, se é apenas uma atividade escolar comum ou se não considera relevante.

A questão 4 interroga se o estudante mudaria ou acrescentaria algo no festival de dança, se mudaria a organização, acrescentaria novos estilos de dança, aumentaria o tempo de preparação, se não mudaria nada e se não sabe opinar. A penúltima questão, questiona quanto a participar ou assistir ao festival de dança impacta sua vida escolar de que forma, se: aumenta o sentimento de pertencimento à escola, melhora autoestima e confiança, fortalece amizades, não gera impacto significativo ou se nunca participou. Por fim, a última, pede que o aluno se imagine como diretor responsável pela avaliação do Festival de dança, e pensar no que diria sobre o evento, sugestões, elogios ou críticas.

A partir da coleta dos dados, realizou-se a tabulação e interpretação das respostas, considerando tanto a frequência das alternativas marcadas quanto o conteúdo apresentado nas respostas discursivas. Observou-se, de forma geral, uma avaliação amplamente positiva por parte dos alunos(as) em relação ao Festival Step Dance. A maioria dos respondentes demonstrou apreço pelo evento, destacando-o como um momento de integração, expressão cultural e valorização dos talentos presentes no ambiente escolar. As respostas indicaram que os estudantes reconhecem o festival como uma atividade significativa dentro do calendário da instituição, não apenas como entretenimento, mas também como um espaço de socialização e fortalecimento dos vínculos entre os colegas.

1. Tabulação dos dados

Questões	Respostas
1	1 resposta que é bom, 3 excelente e o restante muito bom;
2	3 respostas que melhorou muito, 1 que piorou, 2 permaneceu igual e o restante é a primeira participação;
3	3 que é importante para a escola, 2 que é uma oportunidade de expressão artística e o restante que é um momento de diversão e integração;
4	1 que não mudaria nada, 2 que acrescentaria novos estilos, 2 que mudaria a organização, restante que aumentaria o tempo de preparação;
5	2 que aumenta o sentimento de pertencimento à escola, 2 que não gera impacto significativo, 2 que fortalece amizades, restante que melhora minha autoestima e confiança;

6

Não há muitas diferenças, só acho que mereçamos mais notas, é uma campanha

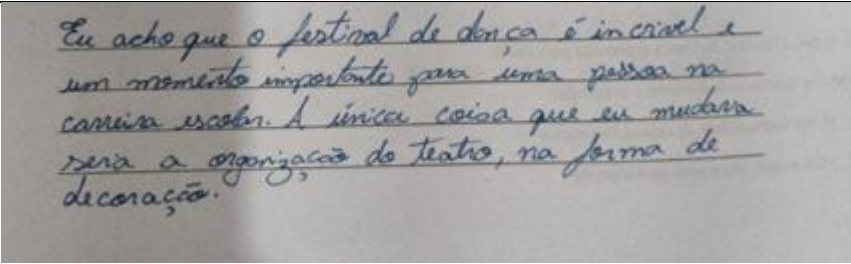
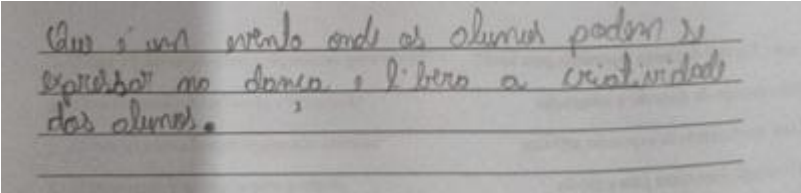
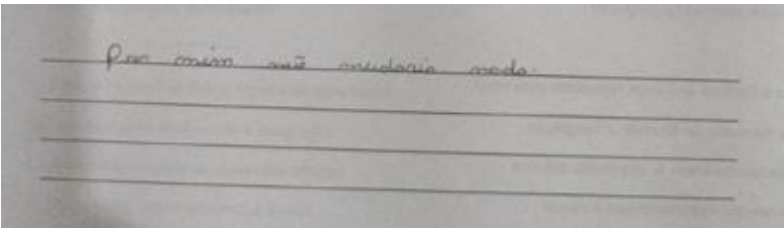
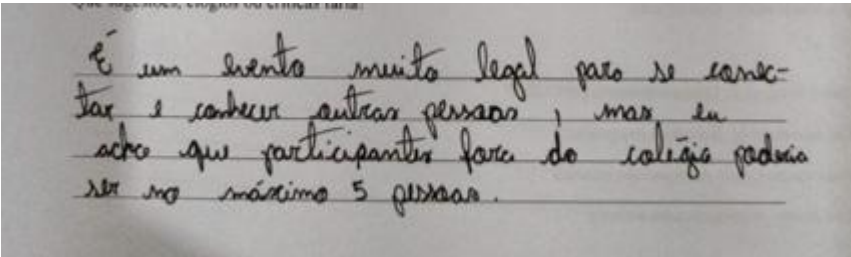
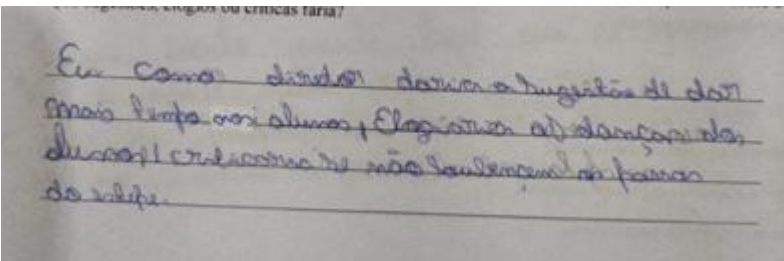
Eu deixarei fazer uma comprovação no ensaio geral, ter mais ensaio Pantel nos

Bem des de 6 anos eu portei a do estipe aqui
em dentro e que ele e magro e de muito peso
que nos se gatas por todo mundo se dentro
quidem os pães a fígura nos amigos por
agente perder a vergonha e entro no palco
do coque erguido. Por mim o Paulist de dança e muito
especial por mim

O festival de São Paulo é um momento mágico, único, maravilhoso, três dimensões únicas e momentos que não ficam na memória de todos que já participaram ou já assistiram. Que ajuda os alunos a conseguirem se expressar através da dança, com amigos, se saltar mais e descobrir uma nova paixão. Ajuda a superar o medo e o chafreio, mostra que não todas as coisas podem ser conseguidas, ganhar, mostra diferentes estilos de dança, ritmo e cultura.

(Lina e Stip)

Eu diria que o Festival é ótimo, porém
 essas campanhas de vacinação de
 gripes, e também pediram mais
 no posto de doação de sangue.

	    
7	1 Não faria muita diferença, só acho que merecíamos mais notas, é uma confraternização. 2 Eu deixaria fazer uma confraternização no ensaio geral, ter mais ensaio. 3 Bem desde os 6 anos eu participo do estepe o que eu diria é que ele é mágico, ele junta pessoas que não se gostam, faz todo mundo se divertir, ajudam as pessoas a fazerem mais amigos, faz a gente perder a vergonha e entrar no palco de cabeça erguida. Pra mim o festival de dança é muito especial pra mim. 4 O festival de step dance é um momento mágico, único, maravilhoso, traz sensações únicas e momentos que vão ficar na memória de todos que já participam ou já assistiram. Que ajuda os alunos a conseguirem se expressar

	através da dança, criar amizades, se soltam mais e descobrem uma nova paixão. Ajuda enfrentar o medo e os desafios, mostra que nem todas as vezes vamos conseguir ganhar, mostra diferentes estilos da dança, ritmo e cultura (amo o step). 5 Eu diria que o festival é ótimo, porém falta competição ou vontade da galera, e também poderia melhorar na parte da decoração. 6 Eu acho que o festival de dança é incrível e um momento importante para uma pessoa na carreira escolar. A única coisa que eu mudaria a organização do teatro, na forma de decoração. 7 Que é um evento onde os alunos podem se expressar na dança e libera a criatividade dos alunos. 8 Por mim não mudaria nada. 9 É um evento muito legal para se conectar e conhecer outras pessoas, mas eu acho que participantes fora do colégio poderiam ser no máximo 5 pessoas. 10 Eu como diretor daria a sugestão de dar mais tempo aos alunos, elogiaria as danças dos alunos e criticaria se não soubessem os passos do estepe.
--	---

Fonte: O Autor (2026).

No que se refere às respostas dissertativas, foi possível identificar elementos recorrentes, como o entusiasmo pela participação, a valorização da diversidade de estilos de dança e o reconhecimento do esforço coletivo envolvido na organização e nas apresentações. Muitos alunos(as) ressaltaram a importância do festival para o desenvolvimento da confiança, da criatividade e do trabalho em equipe, evidenciando que o evento ultrapassa a dimensão artística e contribui para a formação pessoal dos participantes. Além disso, houve menções à expectativa gerada em torno do festival, o que reforça seu papel como um dos momentos mais aguardados do ano letivo.

Dessa forma, a análise dos questionários permite inferir que o Festival Step Dance possui um impacto positivo significativo no contexto escolar. Para o colégio, isso representa a consolidação de uma prática que promove a cultura, o engajamento estudantil e a construção de um ambiente mais dinâmico e participativo. Para o presente trabalho, os resultados obtidos reforçam a relevância do estudo, evidenciando que iniciativas como essa contribuem de maneira efetiva para o desenvolvimento social e emocional dos alunos, além de fortalecerem a identidade institucional. Assim, o conjunto das respostas analisadas não apenas confirma a aceitação do festival, mas também evidencia seu valor como instrumento pedagógico e cultural dentro da escola.

Cabe aqui mencionar, que um dos aspectos que contribuem para o engajamento dos estudantes no Festival Step Dance é a expectativa em torno do reconhecimento individual daqueles que demonstram destaque ao longo do processo de preparação e realização do evento. Além da competição entre as turmas, o festival valoriza o empenho, a dedicação e o desenvolvimento de habilidades dos participantes, incentivando o comprometimento com os ensaios e a participação ativa nas apresentações. Nesse contexto, instituiu-se a premiação denominada “Aluno Revelação”, destinada a reconhecer estudantes que se destacam não apenas pelo desempenho técnico, mas também pela postura colaborativa e pelo envolvimento com o festival.

Além da premiação destinada às turmas classificadas em primeiro, segundo e terceiro lugares do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, o Festival Step Dance também reconhece individualmente estudantes que se destacam durante os ensaios e nas apresentações. A escolha dos alunos-revelação considera diferentes critérios, entre eles o desempenho apresentado, a aceitação da proposta do festival, a facilidade na aprendizagem dos passos, a técnica, a coordenação motora, o senso de liderança, o ritmo, a dedicação aos ensaios, a participação na construção das coreografias, a destreza e o envolvimento com todas as etapas do evento. Ao final, são selecionados um aluno e uma aluna do Ensino Fundamental e um aluno e uma aluna do Ensino Médio, que recebem medalha ou troféu como forma de reconhecimento e agradecimento pela contribuição e pelo êxito demonstrados ao longo de todo o Festival Step Dance.

3.6 O que falam alguns professores sobre o festival e suas contribuições

Nesse item, apresentaremos professores que participaram do Festival Step Dance, que ajudaram a promover, organizar, disseminar e, entre tudo, contribuíram grandemente para o que temos hoje de herança do festival. Fizemos um questionário com perguntas que pudessem obter um feedback significativo sobre nosso objeto de pesquisa. Todos os participantes foram solícitos, característica que configurou ser fundamental para o desenvolvimento do festival quando participaram. Cabe elucidar que o objetivo com as pesquisas foi o de demonstrar toda a logística por trás da preparação e desenvolvimento do festival, bem como a dimensão que ele abrange e o público que é atingido. Ademais, podemos dizer que ele deixou e continua deixando uma herança positiva na formação de todos esses professores, visto que muitos deles continuam a desenvolver projetos de dança nas instituições que trabalham atualmente ou abriram a própria instituição onde perpetuam a dança como forma de arte.

3.6.1 Entrevista com o professor Gilmar de Gouvea, idealizador do Festival Step Dance

A fala do professor Gilmar, idealizador do festival do Step Dance, revela como um projeto que nasceu de forma simples se transformou em um evento cultural e educacional de grande impacto para o Colégio Dom Bosco e para a comunidade. Ele recorda que a ideia surgiu da própria prática pedagógica: “como eu trabalhava já com a ginástica localizada com eles e precisava usar o ritmo da dança, aí eu comecei a trabalhar o workshop cada 8 tempos em 1 música... depois unifiquei a dança e o step”. Essa explicação mostra que o festival nasceu de uma vontade de articular conteúdos da Educação Física com a linguagem da dança, aproveitando recursos já disponíveis na escola.

Os primeiros passos para tornar o festival realidade foram simples, mas significativos. As apresentações começaram na quadra de vôlei até avançarem para o palco da escola. Esse detalhe evidencia como o evento foi crescendo de forma gradual, consolidando-se a partir de espaços pequenos até chegar ao teatro municipal. Outro ponto destacado é o envolvimento de colegas e da direção escolar. O professor relata que precisou convencer outros professores e contar com o apoio da gestão, além de treinar alunos para que multiplicassem os passos aprendidos. Fica evidente que o festival nasceu de um esforço colaborativo, ainda que marcado por resistências e dificuldades de aceitação. O professor relembra que havia reclamações de barulho e limitações de tempo, mas que, mesmo assim, a persistência permitiu dar continuidade ao projeto. Esse aspecto mostra o quanto a resiliência e a negociação foram centrais para a consolidação do festival.

No planejamento, Gilmar ressalta que a escolha das músicas e coreografias exigiu cuidado, já que os alunos buscavam repertórios mais ousados e foi necessário orientar o que era ou não adequado dentro do contexto escolar. Essa fala ilustra a dimensão educativa do evento, que não apenas promoveu a arte, mas também trabalhou valores éticos e limites culturais, importantes de serem marcados, pois os alunos estão se desenvolvendo e aprendendo.

O professor Gilmar também destaca que houve apoio, mas também resistência, inclusive até os dias de hoje, segundo o professor. Alguns viam o projeto como “enrolação”, enquanto outros colaboravam com figurino, palco e ensaios. Essa situação revela como o festival não foi unanimidade, mas justamente por isso mostra sua força visto que mesmo diante de críticas, cresceu, envolveu a comunidade e se consolidou como prática legítima.

O impacto do festival não se restringiu aos alunos, mas atingiu toda a comunidade escolar. Pais, costureiras, maquiadores, profissionais de dança e até empresas locais se engajaram com doações e apoio, reforçando o caráter coletivo e comunitário do evento. Além disso, o professor destaca a inclusão, já que cadeirantes, alunos com sobrepeso, tímidos ou considerados “diferentes” encontraram espaço no palco, ainda que fosse em papéis de figuração. Esse relato é fundamental porque mostra que, desde sua origem, o festival foi inclusivo e democrático, valorizando todos os perfis de estudantes.

O entusiasmo dos alunos também foi destacado. O professor lembrou que havia disputas saudáveis nas salas para garantir uma vaga entre os doze selecionados que compunham cada coreografia. Do ponto de vista pedagógico, o festival proporcionou desenvolvimento de competências sociais, responsabilidade e comportamento, como destaca Gilmar ao mencionar a participação ativa das famílias nos ensaios. Aqui, percebe-se que o festival atuou como um espaço de formação integral, em que disciplina, convivência e arte se entrelaçaram.

Mesmo enfrentando dificuldades, como logística de ensaios, fantasias, maquiagem, decoração e resistência de parte do corpo docente. O professor considera que tudo se tornou gratificante pela dimensão que o festival alcançou. Quando questionado sobre um possível memorial, Gilmar disse que sonha com um painel fixo no pátio da escola, com edições anteriores e até mesmo um step em exposição, simbolizando a história do projeto. Para ele, isso seria importante não apenas como registro, mas como reconhecimento de um evento que marcou gerações e que se tornou identidade da escola.

Além disso, o professor reconhece que o festival poderia dialogar com outras formas artísticas, lembrando experiências em que a dança se uniu à música regional e até à poesia de Paulo Leminski. Essa fala revela a flexibilidade e o potencial expansivo do projeto, que pode se renovar sem perder sua essência. Por fim, Gilmar afirma que, mesmo aposentado, acredita que o festival deve continuar: “a escola é conhecida como festival de step... os pais, os avós, os alunos sabem disso e viveram esse momento”. Esse depoimento mostra como o festival ultrapassou a condição de atividade extracurricular e se tornou parte da memória coletiva da comunidade escolar.

A entrevista realizada com o professor permitiu compreender que as ações desenvolvidas em torno do Festival Step Dance extrapolaram os limites da apresentação artística, promovendo o envolvimento de diferentes sujeitos e fortalecendo os vínculos entre a escola e a comunidade. As memórias compartilhadas pelo entrevistado evidenciaram a importância da participação coletiva na construção e na preservação da história escolar, destacando como estudantes, professores, familiares e demais membros da comunidade

contribuíram para a consolidação do festival como um patrimônio cultural significativo. Nesse contexto, o depoimento de forma geral reforçou a ideia de que a preservação da memória não ocorre de forma isolada, mas depende do engajamento e da colaboração de diversos atores sociais que atribuem significado às experiências vividas e aos registros produzidos ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, o Centro de Memórias consolidou-se como um importante espaço de encontro, diálogo e valorização da história escolar, promovendo a aproximação entre a comunidade interna e a comunidade externa. Sua atuação ultrapassou a função de guardar documentos e objetos, constituindo-se como um ambiente de socialização do conhecimento e de compartilhamento de experiências relacionadas à trajetória da instituição. Durante a realização da mostra, a participação voluntária de alunos, professores, funcionários, familiares e representantes de instituições públicas e culturais do município possibilitou a ampliação das ações de preservação e difusão da memória escolar, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade coletiva.

A presença de diferentes segmentos da sociedade no Festival Step Dance demonstra que a construção da memória é um processo participativo e coletivo, no qual múltiplas vozes contribuem para a interpretação e a valorização do passado. Ao incentivar o envolvimento da comunidade, conforme o professor suscitou, favorece não apenas a preservação de documentos, fotografias e relatos, mas também a criação de espaços de diálogo intergeracional, nos quais experiências e lembranças puderam ser compartilhadas e ressignificadas. Dessa forma, a narrativa apresentada pelo entrevistado corrobora a relevância de iniciativas dessa natureza, evidenciando que a memória escolar se fortalece quando é vivenciada, discutida e apropriada pela própria comunidade que a produz e a mantém viva ao longo do tempo.

3.6.2 Entrevista com a ex-aluna e atual proprietária de academia de dança, Letícia Batista Rodrigues⁶

⁶ Letícia Batista Rodrigues, 26 anos, foi estudante do Colégio Estadual Dom Bosco durante todo o seu ensino fundamental 2, ou seja, do sexto ao nono ano - possui formação em Magistério – Formação de Docentes para os Anos Iniciais, é graduada em Educação Física – Bacharelado e Licenciatura – pelo Centro Universitário Integrado, além de possuir cursos técnicos teóricos e práticos em dança, realizados principalmente nas cidades de Curitiba e São Paulo. Atualmente, é acadêmica de Gestão Comercial pela UniCesumar. Atua como professora, coreógrafa, diretora artística e produtora cultural, desenvolvendo projetos voltados à formação artística e ao fortalecimento da dança como ferramenta de expressão e transformação social. É fundadora do Studio Leh Dance, que possui quatro anos de formalização institucional e três anos de espaço físico em funcionamento, dedicando-se ao ensino da dança para crianças, jovens e adultos. Sua trajetória profissional é marcada pela união entre arte, educação e gestão, buscando constantemente inovação, desenvolvimento técnico e impacto cultural por meio da dança.

A entrevista com a ex-aluna do colégio e atual proprietária de academia, nos levaram a observar algumas questões para se repensar o evento.

Figura 48 - Ex-aluna do colégio Dom Bosco



Fonte: Acervo do autor (2026).

De modo geral, a entrevista evidencia de maneira clara como o Festival Step Dance se consolidou não apenas como um evento artístico, mas como um espaço de formação humana, educacional e profissional. Ao relembrar sua trajetória, a entrevistada destaca que: “foi uma experiência incrível, vivenciar os ensaios e a apresentação em si me fizeram crescer como pessoa e bailarina”. Essa fala demonstra como o festival ultrapassa a dimensão estética da dança, atuando como um campo de amadurecimento pessoal e de fortalecimento da identidade dos participantes.

Entre as memórias mais marcantes, Letícia destaca o troféu como símbolo de reconhecimento e motivação. A entrevistada enfatiza a emoção do momento: “foi um momento de muita emoção, pois percebi que todo o esforço dos ensaios e a paixão pela dança estavam sendo reconhecidos”. Esse relato mostra a importância do reconhecimento artístico e social dentro do contexto escolar, reforçando a valorização do esforço coletivo e individual. O prêmio não foi apenas uma conquista material, mas um marco que impulsionou a continuidade de sua trajetória na dança.

O festival aparece também como divisor de águas na escolha profissional. A entrevistada afirma que a vivência dos ensaios e apresentações despertou nela a consciência sobre o corpo, a disciplina e a expressão artística, elementos que a direcionaram para a Educação Física. Esse depoimento reforça como a escola, por meio de eventos culturais, pode se tornar uma ponte entre experiências formativas e escolhas de carreira. Assim, é importante haver a participação de toda a equipe escolar para planejar cada detalhe com atenção.

Letícia também lembra dos valores como a disciplina, a responsabilidade, o trabalho em equipe e autoconfiança, ressaltando que todos esses aspectos foram incorporados não só na dança, mas em diferentes áreas de sua trajetória pessoal. Essa fala é significativa, pois confirma o caráter educativo integral do evento, que contribui para a formação de sujeitos críticos, resilientes e preparados para enfrentar desafios diversos.

Outro ponto relevante foi a transição profissional. Ela recorda que foi no festival que enfrentou seus primeiros desafios, aprendeu a lidar com responsabilidades e viveu a emoção de estar no palco. Além disso, recebeu uma bolsa de estudos em artes, o que confirma o papel transformador do evento, capaz de abrir portas e gerar oportunidades reais para os participantes. As lembranças afetivas também reforçam a dimensão comunitária do festival. Ao relatar a emoção de ouvir seu nome sendo gritado pelo público no momento da premiação, a entrevistada demonstra como a experiência vai além da performance, pois cria vínculos, desperta pertencimento e fortalece a autoestima dos jovens, além é claro de solidificar algumas amizades que ficam para vida.

Hoje, na posição de professora, a entrevistada percebe o festival sob outra ótica. Ela observa um evento cada vez mais organizado, grandioso e tecnicamente sofisticado, refletindo a evolução ao longo dos anos. Ressalta ainda que, para seus alunos, o festival simboliza inspiração, dedicação e superação, servindo como exemplo vivo de que a arte é também um caminho de aprendizagem e transformação.

Ao aconselhar as novas gerações, sua fala traz um tom motivacional: “meu conselho seria se dedicar aos ensaios, acreditar no próprio potencial e aproveitar cada momento do festival”. Por fim, sua visão de futuro sobre o festival reafirma sua relevância no contexto escolar e comunitário. Ela acredita que continuará sendo uma fonte de inspiração para novas gerações, incentivando jovens a acreditarem em si mesmos, se dedicarem à dança e transformarem suas vidas. Essa perspectiva mostra que o festival transcende a condição de espetáculo para se consolidar como um patrimônio cultural e educativo da comunidade, com impactos que atravessam gerações.

As narrativas apresentadas na entrevista evidenciam que as experiências vividas no Festival Step Dance contribuíram significativamente para a construção das identidades dos participantes, tanto em nível individual quanto coletivo. Ao rememorar suas vivências, a entrevistada não apenas relata acontecimentos passados, mas também atribui significados a essas experiências a partir de suas trajetórias atuais. O depoimento de Letícia revelou sentimentos de pertencimento, reconhecimento e valorização da história compartilhada, demonstrando como as memórias construídas no ambiente escolar permanecem presentes na formação dos sujeitos e na maneira como estes compreendem sua relação com a instituição. Dessa forma, as falas convergem com as discussões teóricas que compreendem a memória como um elemento essencial na constituição das identidades e dos vínculos sociais.

A memória constitui um dos pilares fundamentais na construção das identidades individuais e coletivas, uma vez que possibilita aos sujeitos estabelecer conexões entre passado e presente, atribuindo sentido às experiências vividas ao longo de suas trajetórias. Por meio das lembranças, os indivíduos reconhecem suas origens, fortalecem sentimentos de pertencimento e constroem referências que orientam sua compreensão sobre si mesmos e sobre os grupos dos quais fazem parte. Nesse sentido, a memória não se limita à preservação de fatos ou acontecimentos, mas atua como um mecanismo de interpretação e ressignificação das experiências humanas, influenciando a forma como as pessoas percebem sua história e sua inserção no mundo social.

Conforme afirma Bosi (1994), lembrar não significa simplesmente recuperar acontecimentos passados de maneira fiel e imutável, mas reconstruí-los a partir das experiências, percepções e valores do presente. A memória, portanto, caracteriza-se como um processo dinâmico e contínuo, no qual as lembranças são constantemente reinterpretadas e reorganizadas à luz de novas vivências. Essa condição evidencia seu caráter ativo, tornando-a um elemento fundamental para a elaboração das identidades individuais e coletivas, bem como para a manutenção dos laços sociais e culturais que unem diferentes gerações.

Além disso, a memória individual desenvolve-se no interior das relações sociais, culturais e afetivas estabelecidas pelos sujeitos ao longo da vida. As lembranças são produzidas e compartilhadas em contextos coletivos, sendo influenciadas pelos grupos de convivência, pelas experiências comuns e pelos valores socialmente construídos. Nesse aspecto, as entrevistas analisadas demonstram como as vivências relacionadas ao Festival Step Dance permanecem significativas para seus participantes, contribuindo para a formação de identidades e para o fortalecimento dos vínculos com a comunidade escolar. Os relatos evidenciam que a memória se constitui como um importante instrumento de preservação da história e da cultura

institucional, permitindo que experiências individuais se integrem a uma narrativa coletiva que fortalece o sentimento de pertencimento e a valorização do patrimônio histórico-cultural da escola.

3.6.3 Entrevista com a professora Irma Pereira Lima⁷

A professora entrevistada destacou a relevância do Festival Step Dance para a história e identidade do Colégio Estadual Dom Bosco.

Figura 49 - Professora Irma



Fonte: Acervo do autor (2026).

Segundo ela, ao longo de décadas, o evento consolidou-se como um marco cultural da instituição, sendo reconhecido não apenas dentro da escola, mas também na cidade e na região.

⁷ Irma Pereira Lima - Graduada em Licenciatura plena em Educação Física pela UMC - Universidade de Mogi das Cruzes - SP em 1987 - Pós-graduada em Natação pela Faculdade de Educação Física de Santo André -SP em 1993 - Pós-graduada em Psicopedagogia pela UFU - Universidade Federal de Uberlândia - MG em 2000. Professora de Educação Física no Colégio Estadual Dom Bosco desde 2008, atuando na organização do FESTIVAL STEP DANCE desde então.

O festival encanta tanto a comunidade escolar quanto o público externo, tornando-se uma prática valorizada pelos professores e uma oportunidade de integração e pertencimento para os alunos, especialmente os que chegam à escola e entram em contato com essa modalidade.

Além do aspecto cultural e identitário, a professora ressaltou os múltiplos objetivos pedagógicos e formativos do festival. Do ponto de vista educacional, a atividade favorece o desenvolvimento da coordenação motora, da percepção rítmica e da musicalidade dos estudantes, além de estimular a interdisciplinaridade, já que conecta diferentes componentes curriculares à prática esportiva. Também promove a valorização da cultura corporal do movimento e se alinha às propostas da educação em tempo integral, priorizando aprendizagens ativas.

No campo formativo, a prática do Step Dance estimula a socialização, a cooperação e a organização entre os alunos, fortalecendo a autoestima e a autoconfiança à medida que eles se descobrem capazes de realizar a atividade com sucesso. O exercício da disciplina e da concentração também se faz essencial, já que a precisão rítmica é indispensável para a execução. Para além disso, o festival expressa e celebra a diversidade presente na escola, acolhendo estudantes de diferentes perfis, físicos e comportamentais, tornando-se um espaço inclusivo e integrador.

Outro ponto ressaltado pela professora diz respeito à organização do Festival Step Dance, que se estrutura de forma bastante planejada e colaborativa. A escola conta com um coordenador geral responsável pelas diretrizes do evento, e cada turma escolhe seus representantes para compor os grupos de dança. Entre os próprios alunos, define-se um coreógrafo que tem a função de selecionar a música, montar a sequência de movimentos, pensar no figurino e estruturar a coreografia, sempre seguindo regras previamente estabelecidas pela coordenação. Essas orientações buscam preservar o caráter educativo do festival, evitando músicas ou gestos que façam alusão à violência, à discriminação ou a mensagens depreciativas.

Além da parte criativa, há também uma dimensão pedagógica comum a todos: os professores ensinam os dez passos obrigatórios do step dance, que são aprendidos por todos os estudantes da turma, independentemente de quem vá ou não se apresentar no teatro. Dessa forma, o festival não se limita aos participantes diretos, mas envolve todo o corpo discente em um processo de aprendizagem coletiva.

A realização do festival, conforme a professora destacou, é fruto de um trabalho colaborativo que mobiliza toda a comunidade escolar. A equipe diretiva é responsável pela logística, como a locação e a definição da data do teatro, além do apoio na organização do espaço, escolha dos cerimonialistas e preparação da estrutura necessária para o evento. Os

professores, por sua vez, têm papel ativo tanto no incentivo aos estudantes quanto no auxílio à prática dos passos — em alguns casos, chegando inclusive a formar grupos próprios para apresentações especiais. Já os alunos, protagonistas do festival, assumem a criação artística e a execução das coreografias, fortalecendo sua autonomia e protagonismo.

O apoio das famílias e da comunidade também se revela essencial, consolidando o festival como uma experiência coletiva que ultrapassa os limites da sala de aula. Nesse sentido, o evento se transforma em um verdadeiro projeto comunitário, no qual a parceria entre direção, professores, alunos e famílias garante não apenas a realização do espetáculo, mas também a afirmação do colégio como espaço de integração cultural e social.

Ao refletir sobre os desafios do festival, a professora apontou que a maior dificuldade está relacionada à organização dos ensaios. A rotina escolar, repleta de componentes curriculares obrigatórios, exige flexibilidade e empenho tanto dos professores quanto dos alunos para que os treinos possam acontecer. Nesse processo, os docentes de Educação Física desempenham um papel fundamental, cedendo parte de suas aulas para os ensaios, enquanto outros professores, principalmente no final do ano letivo, também contribuem oferecendo apoio aos grupos.

O coordenador geral assume uma responsabilidade central, sendo o responsável por organizar os horários de ensaio extracurriculares e acompanhar de perto a evolução das coreografias. Em alguns momentos, até mesmo finais de semana são mobilizados para garantir que todos estejam preparados para o evento. Assim, o festival se confirma como um trabalho colaborativo e coletivo, no qual toda a comunidade escolar se engaja para que a apresentação se concretize. A superação das dificuldades logísticas reforça o comprometimento de professores, alunos e direção, evidenciando que o valor do evento vai além do espetáculo final: ele reside no esforço conjunto e na união em torno de um projeto comum.

A professora também destacou o engajamento dos estudantes como um dos aspectos mais marcantes do festival. Segundo ela, desde o início do ano letivo, os alunos já demonstram entusiasmo e começam a questionar sobre a data do evento, trazendo ideias de coreografias e de movimentos. Esse envolvimento é ainda mais forte entre aqueles que acompanham o festival desde o sexto ano e chegam ao ensino médio, pois reconhecem o evento como parte da história e da identidade escolar. Os estudantes mais experientes, inclusive, orientam os mais novos, compartilhando seus conhecimentos durante intervalos e horários livres, o que evidencia a força do aprendizado coletivo e do espírito de cooperação.

Para além do entusiasmo, o festival contribui para o desenvolvimento de habilidades e valores fundamentais na formação dos alunos. A participação na construção das coreografias,

escolha de músicas, definição de figurinos e ensaios fortalece a autonomia, a organização, a disciplina, a concentração e o foco. Além disso, a prática proporciona benefícios ao condicionamento físico, à saúde e ao bem-estar, ao mesmo tempo em que eleva a autoestima e a autoconfiança dos participantes. O processo criativo e colaborativo promove ainda a socialização e a cooperação, valores que ganham centralidade no contexto da educação em tempo integral.

Nesse sentido, o Festival Step Dance não é apenas um evento cultural, mas um projeto pedagógico integrado, alinhado aos princípios da escola em tempo integral. Ele potencializa o protagonismo estudantil, estimulando que cada aluno se perceba como sujeito ativo de sua formação e como parte essencial da vida escolar. Para a professora, trata-se de uma experiência transformadora, que agrega valor à instituição e fortalece os laços entre educação, cultura e comunidade.

Apesar do sucesso consolidado, a professora destacou que o festival ainda enfrenta dificuldades financeiras. Segundo ela, a escola não dispõe de verbas específicas para custear a realização do evento, que envolve despesas não apenas com a locação do teatro, mas também com decoração e demais aspectos organizacionais. Sem cantina ou meios próprios de arrecadação, a instituição depende quase exclusivamente dos repasses do Estado, o que por vezes limita o alcance do festival. Para a docente, seria fundamental que houvesse uma política de incentivo governamental destinada a projetos culturais escolares, de modo a valorizar iniciativas que fortalecem a identidade e a formação dos estudantes.

Entre os muitos momentos marcantes vividos ao longo da trajetória do festival, a professora relembrou especialmente o ano da aposentadoria do professor Gilmar de Correia, criador e coordenador da iniciativa. Para a comunidade escolar, foi uma ocasião de grande emoção e simbolismo, pois representou a passagem do bastão para outros professores comprometidos em dar continuidade ao projeto. Atualmente, o professor Hérico ocupa a coordenação e mantém viva a essência do festival, conduzindo-o com dedicação e competência. Esse processo de continuidade reafirma a importância do evento e garante que seu legado siga inspirando novas gerações de estudantes.

Por fim, a professora compartilhou suas expectativas e preocupações quanto ao futuro do festival. Ela reconhece que, a cada ano, as expectativas crescem, mas também aumenta a responsabilidade de manter o evento vivo diante dos desafios contemporâneos, como a forte influência das redes sociais e da tecnologia, que por vezes diminuem o interesse dos jovens pelas atividades escolares. Para ela, é fundamental que os professores mantenham uma postura

firme, mas equilibrada, transmitindo valores que ajudem os estudantes a compreenderem a importância do festival.

Embora manifeste certo receio quanto à continuidade do projeto em gerações futuras, a professora acredita que, enquanto ela e o professor Hérico estiverem na escola, o festival seguirá acontecendo, pois já faz parte da história, da identidade e das conquistas do Colégio Estadual Dom Bosco. Ainda assim, ressalta que será necessário que os novos professores e estudantes também reconheçam e valorizem essa iniciativa para que sua trajetória não se perca com o tempo. Seu desejo, porém, é de que o festival siga se renovando e resistindo, mantendo-se como um espaço significativo de expressão, cultura e identidade escolar.

A entrevista realizada com a professora revela a riqueza da memória oral como instrumento para a compreensão da trajetória do Festival de Step Dance e de sua relevância para a comunidade escolar. Ao compartilhar suas lembranças, a entrevistada recupera não apenas acontecimentos e datas, mas também sentimentos, percepções, experiências e significados construídos ao longo de sua participação no evento. Esses relatos permitem acessar dimensões da história que dificilmente seriam identificadas apenas por meio de documentos oficiais, evidenciando aspectos do cotidiano escolar, das relações interpessoais e dos processos de construção de identidade e pertencimento. Nesse sentido, as narrativas apresentadas convergem com as discussões da História Pública e dos estudos da memória, ao valorizar as vozes dos sujeitos que vivenciaram diretamente os acontecimentos e que, por meio de seus testemunhos, contribuem para a preservação e interpretação da história da instituição.

A História Pública tem contribuído significativamente para a ampliação das fontes e perspectivas utilizadas na produção do conhecimento histórico, promovendo a valorização de narrativas tradicionalmente marginalizadas pelos modelos historiográficos mais convencionais. Nesse contexto, a crônica, a tradição oral e os testemunhos pessoais passam a ocupar lugar de destaque, pois possibilitam registrar experiências cotidianas, práticas culturais, relações sociais e memórias construídas por sujeitos que, muitas vezes, permaneceram ausentes dos registros oficiais. A memória oral constitui, assim, uma fonte de grande relevância para a compreensão das múltiplas dimensões da experiência humana, permitindo uma aproximação mais sensível com os modos de vida, os sentimentos e as percepções dos indivíduos sobre os acontecimentos históricos.

Entretanto, conforme alerta Bosi (2004), a valorização da memória oral não deve ocorrer de forma acrítica. Embora represente uma importante ferramenta para a democratização da produção histórica, existe o risco de idealizar os relatos do cotidiano, tratando-os como se constituíssem automaticamente uma versão mais autêntica ou verdadeira da história. A autora

adverte que a memória oral pode sofrer processos de ideologização quando é desvinculada da análise histórica mais ampla, ignorando os contextos sociais, políticos e econômicos que influenciam tanto os acontecimentos quanto as próprias lembranças dos sujeitos. Dessa forma, a memória oral deve ser compreendida como uma fonte valiosa, mas que necessita dialogar com outras evidências e interpretações para contribuir efetivamente com a construção do conhecimento histórico.

Ao mesmo tempo, Bosi destaca que a memória oral possui um papel fundamental ao permitir que grupos historicamente excluídos dos registros oficiais, como trabalhadores, mulheres, negros e outros segmentos sociais, assumam o protagonismo de suas próprias narrativas. Por meio dos relatos orais, esses sujeitos deixam de ocupar uma posição passiva na história para se tornarem agentes de sua construção, trazendo à tona experiências, emoções e sensibilidades frequentemente ausentes da documentação institucional. Assim, a memória oral não substitui a história política ou documental, mas amplia suas possibilidades interpretativas ao incorporar elementos da vida cotidiana que ajudam a compreender de forma mais completa a complexidade das experiências humanas.

Nesse sentido, a professora demonstrou precisamente essa potencialidade da memória oral. Seu depoimento revelou diferentes perspectivas sobre um mesmo acontecimento, evidenciando emoções, desafios, expectativas, aprendizagens e relações construídas ao longo da trajetória do evento. Essas narrativas permitem compreender aspectos da cultura escolar que não se encontram registrados em atas, fotografias ou documentos administrativos, contribuindo para a construção de uma história mais plural e sensível às experiências dos sujeitos. Como afirma Bosi (2004), a memória enraíza-se nos espaços, nos gestos, nas imagens e nos objetos, preservando dimensões da vida social que frequentemente escapam aos registros formais. Dessa forma, seu relato constitui fontes fundamentais para a compreensão do significado histórico e cultural do Festival de Step Dance, reafirmando a importância da memória oral como instrumento de preservação, interpretação e valorização do patrimônio histórico-cultural escolar.

3.6.4 Entrevista com o professor Fábio Vedovato⁸ do componente curricular de História

⁸ Atualmente é mestre em História Pública, no Programa de Pós-Graduação em História, com área de concentração em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Graduado em História na Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR Graduado em Geografia, na Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, Fecilcam(Unespar). Pesquisador de Iniciação científica com foco no estudo de memória e

O professor Fábio Vedovato, da área de História demonstrou-se extremamente receptivo, solícito e aberto ao diálogo desde o primeiro contato, evidenciando uma postura comprometida com a construção coletiva do conhecimento e com a valorização de iniciativas que articulam educação, cultura e memória.

Figura 50 - Professor de História, Fábio



Fonte: Acervo do autor (2026).

Sua atuação em uma área central para a formação crítica e cidadã dos estudantes reflete um engajamento constante com práticas pedagógicas que ultrapassam os limites da sala de aula, envolvendo-se ativamente em projetos, programas e ações voltadas à ampliação do acesso ao conhecimento histórico e cultural. Trata-se de um profissional reconhecido pelo envolvimento com a comunidade escolar, pela sensibilidade às questões sociais contemporâneas e pela

políticas ambientais foi bolsista da CAPES, no programa PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência que visa o incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial, atualmente é professor de história vinculado à rede pública do estado do Paraná. Graduando em Direito pelo Centro Universitário Integrado.

disposição em contribuir com pesquisas que buscam compreender e fortalecer experiências culturais significativas no contexto educacional.

A fala do professor revela uma compreensão ampla do Festival Step Dance enquanto fenômeno histórico-cultural, deslocando-o de uma leitura meramente estética ou comemorativa para situá-lo no campo da história pública, da cultura e das experiências sociais vividas. Ao mobilizar o pensamento de Edward Palmer Thompson, o entrevistado enfatiza que a história se constrói a partir das experiências concretas de homens e mulheres, compreendidas não apenas como fatos, mas como vivências carregadas de sentimentos, significados e relações.

Nesse sentido, o festival é interpretado como uma manifestação histórica de seu tempo justamente por expressar experiências coletivas vividas no cotidiano escolar e comunitário. A dança, os encontros, os ensaios, as apresentações e os afetos envolvidos constituem um campo de experiências no qual sujeitos se formam e são formados, revelando a cultura como um processo dinâmico, relacional e compartilhado, e não como algo estático ou cristalizado. Essa leitura contribui diretamente para a proposta de um Centro de Memórias, pois desloca o foco da simples guarda de registros para a valorização das experiências e sentidos atribuídos pelos sujeitos participantes.

Na segunda resposta, o entrevistado amplia essa reflexão ao afirmar que os elementos do festival, como temas, estilos, figurinos e músicas, não operam como representações fixas de épocas ou culturas, mas como processos criativos que se transformam a partir das relações estabelecidas no presente. Ao citar a perspectiva de Júnia Sales Pereira, destaca-se a noção de que preservar a cultura não significa apenas conservar objetos ou registros materiais, mas sobretudo valorizar os saberes, práticas, sonoridades, celebrações e modos de fazer que lhes dão origem. Essa concepção é fundamental para pensar o Centro de Memórias do festival como um espaço vivo, no qual as memórias não sejam apenas arquivadas, mas reatualizadas e reinterpretadas continuamente.

Ao caracterizar o Festival Step Dance como um “fragmento cultural” existente no Colégio Dom Bosco e em sua comunidade escolar, Fábio reforça sua singularidade e relevância enquanto patrimônio cultural local. Essa afirmação evidencia o festival como uma experiência identitária específica, que articula escola, comunidade e cultura juvenil, justificando plenamente sua documentação, preservação e difusão por meio de um Centro de Memórias.

Em sua terceira resposta, o entrevistado adota uma postura ética e reflexiva ao evitar uma avaliação normativa do festival, reconhecendo os limites de sua posição e do arcabouço

teórico necessário para tal análise. Ainda assim, oferece uma contribuição conceitual relevante ao compreender a memória como um campo marcado por lembranças e esquecimentos, carregado de sentidos, sensibilidades e conhecimentos vinculados ao vivido. Essa concepção dialoga diretamente com a proposta do Centro de Memórias, ao indicar que preservar não é apenas registrar o que se lembra, mas também refletir criticamente sobre o que se esquece, por que se esquece e quem escolhe lembrar.

Ao apontar o viés cultural como um caminho para fortalecer a preservação das memórias do festival, o entrevistado reconhece o diálogo fértil, ainda que teoricamente distinto, entre memória, cultura e narrativa histórica. Essa distinção, longe de fragilizar a proposta, amplia suas possibilidades analíticas, permitindo que o Centro de Memórias do Festival de Step Dance seja pensado como um espaço interdisciplinar, capaz de articular história, memória, cultura e educação.

Em conjunto, as respostas do professor agregam densidade teórica e sensibilidade interpretativa ao trabalho, reforçando a importância de compreender o festival não apenas como evento artístico, mas como prática cultural significativa, produtora de memórias, identidades e narrativas históricas, plenamente justificável como objeto de preservação e reflexão no âmbito da história pública.

Na resposta à quarta questão, o docente compreende a dança apresentada no festival como uma linguagem histórica, capaz de narrar experiências sociais, conflitos e identidades a partir da realidade concreta da comunidade escolar. Ao propor a historicização da vida social dos estudantes e moradores do entorno, o entrevistado desloca o olhar da dança enquanto expressão abstrata para situá-la como prática social enraizada em um território específico, marcado por condições históricas, sociais e culturais próprias.

A referência à periferia como espaço de “vida pulsante” evidencia uma leitura sensível e crítica da cidade, compreendida não apenas como cenário, mas como espaço vivido, atravessado por alegrias, contradições, desigualdades e formas próprias de pertencimento. Nesse sentido, a dança do festival torna-se um meio de narrar essas experiências coletivas, permitindo que sujeitos historicamente invisibilizados expressem suas vivências e interrogações, como a provocação central apresentada pelo entrevistado: *o que a cidade oferece cotidianamente a esses moradores?* Tal questionamento amplia o potencial do Centro de Memórias, que pode assumir também um papel crítico, ao registrar não apenas celebrações, mas tensões e disputas inscritas na experiência urbana.

Na quinta resposta, Fábio relativiza a tentativa de identificar influências culturais isoladas no festival, propondo, em vez disso, uma leitura da cultura como processo plural e relacional, construído ao longo do tempo. Ao situar a cidade de Campo Mourão como espaço de constantes transformações, ele mobiliza uma perspectiva histórica que compreende o urbano como resultado de diálogos e conflitos entre diferentes segmentos sociais. Essa concepção, ancorada nas reflexões de Déa Ribeiro Fenelon, reforça a ideia de que o cotidiano, a experiência social e a luta cultural configuram valores, hábitos e crenças.

O festival, nessa perspectiva, não deve ser lido apenas como repositório de influências culturais locais, regionais ou nacionais, mas como espaço de inquietações, sensibilidades e incompletudes, capaz de tensionar formas culturais já institucionalizadas. Para o Centro de Memórias, essa leitura é fundamental, pois sugere que o registro do festival não deve buscar classificações rígidas, mas evidenciar os processos de criação, apropriação e ressignificação cultural produzidos pelos sujeitos envolvidos.

A sexta resposta aprofunda essa reflexão ao inserir o festival no campo da História Pública, destacando seu diálogo com questões contemporâneas como identidade, disputas de memória, saberes e fazeres culturais. O entrevistado ressalta que o festival promove uma forma de produção do conhecimento histórico que ultrapassa os limites do espaço acadêmico, buscando torná-lo acessível, democrático e socialmente útil. Esse aspecto é central para a concepção de um Centro de Memórias, que pode funcionar como espaço de mediação entre diferentes públicos, permitindo usos diversos do passado no âmbito da vida prática.

Ao enfatizar que essa produção de conhecimento contribui para a formação histórica e cidadã, o professor atribui ao festival um papel político e educativo, no sentido de estimular leituras críticas do mundo vivido e fomentar relações sociais mais solidárias e humanas. Assim, o Festival de Step Dance é compreendido não apenas como evento artístico, mas como prática cultural de resistência, diálogo e construção de identidades, plenamente alinhada aos pressupostos da história pública.

Ademais, na sétima resposta, participante explicita o papel educativo do festival ao destacar o trabalho “com” os sujeitos envolvidos, estudantes, professores e comunidade, reconhecendo-os como portadores de saberes diversos. Ao retomar a perspectiva dialógica de Edward Palmer Thompson, reforça-se a ideia de que a história pública se constrói no encontro entre múltiplos públicos e conhecimentos: acadêmicos, experienciais, populares, docentes e discentes, sem abdicar do exercício crítico e dialético.

Essa concepção rompe com a noção de que o ensino de História e a produção de narrativas históricas se restringem a espaços formais ou a fatos previamente legitimados. O festival, nesse contexto, emerge como espaço pedagógico ampliado, no qual experiências vividas, memórias e narrativas se tornam fontes legítimas de aprendizagem histórica. Para o Centro de Memórias, essa leitura é especialmente potente, pois o legitima como espaço educativo aberto à escuta, ao diálogo e à pluralidade de narrativas.

Em conjunto, as respostas analisadas reforçam o Festival de Step Dance como um lugar de produção de linguagem histórica, capaz de articular território, cultura, memória, educação e cidadania. A fala de Fábio contribui significativamente para fundamentar o Centro de Memórias não apenas como arquivo do passado, mas como espaço vivo de reflexão, diálogo e construção coletiva de sentidos históricos.

Na oitava questão, é chamada a atenção para aspectos históricos e culturais ainda pouco explorados nas edições atuais do festival, sobretudo no que se refere à participação de antigos estudantes que integraram festivais anteriores. Ao propor o entrelaçamento das experiências passadas com as vivências do presente, ele destaca a importância das narrativas de experiência como fonte privilegiada para a compreensão dos sentidos atribuídos ao festival em diferentes tempos e contextos.

Essa perspectiva reforça a ideia de que a memória do Festival de Step Dance não se constrói apenas por meio de registros oficiais ou cronológicos, mas fundamentalmente a partir das falas dos sujeitos que viveram essas experiências. A inserção ativa desses participantes na construção da narrativa histórica amplia o caráter democrático da memória, permitindo que múltiplas vozes contribuam para a compreensão do festival como prática cultural contínua. Para o Centro de Memórias, essa proposta aponta para a valorização de depoimentos, relatos orais e testemunhos como elementos estruturantes, capazes de conectar gerações e produzir uma memória coletiva mais plural.

Na nona resposta, o docente aprofunda a reflexão ao sugerir que o fortalecimento do vínculo entre dança, história e memória coletiva passa necessariamente pela escuta atenta dos sujeitos que participaram do festival. A memória, nesse sentido, não visa apenas reconstruir o que foi vivido, mas possibilitar, a partir do presente, a projeção de novos horizontes e futuros possíveis. Incorporar essa perspectiva ao festival e ao Centro de Memórias significa reconhecer o valor das experiências singulares e das narrativas que, muitas vezes, permanecem à margem da história oficial.

Por fim, na décima resposta, Fábio apresenta uma sugestão concreta e altamente significativa: a criação de um espaço físico no colégio destinado a narrar a história dos festivais anteriores, articulando-a às experiências vividas por todos os envolvidos. Essa proposta dialoga diretamente com os princípios da história pública, ao conceber a produção do conhecimento histórico como um processo construído em diálogo com as experiências de vida dos sujeitos.

Ao ampliar essa narrativa para além do festival, incluindo a história do colégio, da comunidade escolar e, por consequência, da cidade de Campo Mourão, o professor aponta para o potencial do Centro de Memórias como espaço articulador de múltiplas escalas históricas: do individual ao coletivo, do escolar ao urbano. Assim, o festival deixa de ser apenas um evento artístico pontual e passa a ser compreendido como eixo estruturante de reflexões históricas, sociais e culturais, capaz de produzir pertencimento, identidade e consciência histórica.

A escuta e o diálogo com o professor de História revelaram-se fundamentais para a compreensão do Festival de Step Dance como uma prática cultural dotada de densidade histórica, social e educativa. Sua contribuição agregou ao trabalho um olhar teórico sensível, ancorado na história social, na história cultural e na história pública, que permitiu interpretar o festival para além de sua dimensão artística, reconhecendo-o como espaço de produção de experiências, memórias, identidades e saberes.

Ao valorizar as narrativas dos sujeitos, as disputas de memória e o caráter coletivo das experiências vividas no âmbito escolar e comunitário, o entrevistado forneceu subsídios conceituais essenciais para pensar o festival como objeto legítimo de reflexão histórica. Dessa forma, sua fala não apenas enriquece a análise do Festival de Step Dance, mas também fundamenta a proposta de criação de um Centro de Memórias como espaço vivo, democrático e formativo, capaz de articular passado, presente e futuro na construção de sentidos históricos compartilhados.

Um outro adendo é que as respostas do entrevistado evidenciam que as lembranças relacionadas ao Festival Step Dance ultrapassam a simples recordação de acontecimentos passados, revelando um conjunto de experiências, sentimentos e significados construídos coletivamente ao longo do tempo. As narrativas do participante demonstraram que o festival se consolidou como um espaço de convivência, aprendizado e pertencimento, no qual as memórias individuais se entrelaçam às memórias do grupo. Sua fala permitiu compreender que a história do evento permanece viva não apenas por meio de registros documentais, mas, sobretudo, pelas experiências compartilhadas e transmitidas entre diferentes gerações de estudantes, professores e membros da comunidade escolar. Nesse sentido, os depoimentos convergem com as reflexões

teóricas acerca da memória social, evidenciando que recordar é um processo dinâmico de reconstrução do passado a partir das vivências e interpretações do presente.

A memória, entendida como uma construção social e continuamente ressignificada, constitui-se a partir das experiências vividas e das relações estabelecidas entre os sujeitos em seus diferentes contextos de interação. Mais do que um simples armazenamento de fatos, ela envolve processos de seleção, interpretação e reconstrução das lembranças, conferindo novos significados aos acontecimentos passados. Conforme destacam Bosi (1994) e Benjamin (1987), a memória é produzida no diálogo entre o indivíduo e a coletividade, sendo constantemente reelaborada à medida que novas experiências são incorporadas à trajetória dos sujeitos. Nessa perspectiva, recordar significa reinterpretar o passado à luz das necessidades, percepções e circunstâncias do presente.

Walter Benjamin enfatiza que a narrativa ocupa papel central nesse processo, uma vez que as experiências humanas ganham sentido quando compartilhadas socialmente. Ao afirmar que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198), o autor evidencia que a memória se fortalece por meio da circulação das histórias, dos relatos e das vivências coletivas. Essa compreensão torna-se particularmente relevante para a análise das entrevistas realizadas, pois os depoimentos revelam como as experiências vividas no Festival Step Dance permanecem presentes na memória dos participantes e continuam sendo transmitidas por meio das narrativas. Assim, cada relato de Fábio contribuiu para a preservação da história do evento, demonstrando que a memória coletiva é construída na interação entre lembranças individuais e experiências compartilhadas, aspecto fundamental para compreender os processos de valorização e preservação do patrimônio histórico-cultural escolar.

3.6.5 Entrevista com a ex-diretora Cláudia Regina Silva da Eira⁹

⁹ Claudia Regina Silva da Eira, Graduada em Licenciatura em Geografia pela Fecilcam (Unespar) - Campo Mourão, PR. em 1994, pós graduada em Educação Especial também pela Unespar em 1998, professora PDE 2012/2013, com produção didático pedagógica sobre bacias hidrográficas, especificamente sobre a Microbacia do Rio Km 119 de Campo Mourão - PR, professora da rede estadual de ensino desde 1991 na educação básica, possui experiência como coordenadora profissionalizante, como coordenadora de área e Diretora Escolar por 10 anos. Atua no Colégio Estadual Dom Bosco por 33 anos. Selecionada para o Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores da Educação Básica no Canadá, pela CAPES/MEC em 2023, por meio do projeto Leitura, Interpretação e Escrita no Componente Curricular de Geografia, alcançando o primeiro lugar da Região Sul na modalidade “Ensino Médio”.

A ex-diretora do Colégio Dom Bosco, professora Cláudia, destacou que o Festival de Step Dance representa um projeto de longa trajetória dentro da instituição, sendo reconhecido como uma iniciativa de grande relevância para a dinamização do ambiente escolar e para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Figura 51 - Ex-diretora do colégio Dom Bosco



Fonte: Acervo do autor (2026).

Segundo sua percepção, o festival contribui significativamente para as dimensões cognitiva, física e socioemocional dos discentes, além de fortalecer a integração entre a escola e a comunidade familiar. Durante sua gestão, a diretora priorizou a viabilização de recursos, parcerias e espaços que garantissem a continuidade do projeto, entendendo-o como uma importante prática pedagógica e cultural da instituição.

Em seu relato, a professora Cláudia enfatizou que as mudanças implementadas ao longo dos anos proporcionaram avanços qualitativos expressivos para o evento. Entre as melhorias observadas, destacou-se o aprimoramento logístico, especialmente no que se refere à organização dos horários de ensaios e à formalização das autorizações dos responsáveis. A ex-diretora também atribuiu grande relevância à minha atuação, ressaltando que minha gestão conferiu características singulares ao festival, abrangendo desde o planejamento e organização dos bastidores até o acompanhamento de ensaios, coreografias, escolha de músicas, figurinos, elaboração do cerimonial, seleção dos jurados e construção da identidade visual do evento.

A entrevistada afirmou ainda que o festival contribui diretamente para o crescimento intelectual e para o amadurecimento pessoal dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de valores importantes para a formação cidadã. Segundo ela, foi possível perceber um aumento no comprometimento e na responsabilidade dos estudantes em relação às obrigações acadêmicas, bem como a consolidação de vínculos pautados no respeito, na afetividade e no zelo pelo espaço escolar.

Além disso, a professora Cláudia ressaltou que o Festival Step Dance possui um papel fundamental na trajetória do colégio, sendo amplamente reconhecido pela comunidade externa e consolidando-se como parte da identidade e da tradição do Colégio Dom Bosco. De acordo com a ex-diretora, a continuidade do evento tornou-se natural dentro da instituição, justamente por já estar incorporado à cultura escolar.

Ao abordar os desafios enfrentados durante sua gestão, a entrevistada relatou que houve diversas dificuldades ao longo da realização do projeto, porém destacou que as conquistas alcançadas foram resultado de um trabalho marcado pela resiliência, determinação e otimismo, aliados ao comprometimento de uma equipe competente e engajada. Apesar dos resultados positivos, reconheceu que o período também foi marcado por intenso desgaste profissional, tanto para ela quanto para mim, devido à sobrecarga de responsabilidades administrativas e pedagógicas, motivo pelo qual afirmou que delegaria mais funções caso pudesse reviver aquela experiência.

Por fim, a ex-diretora concluiu que o festival deixou um legado significativo para os alunos e para a instituição, constituindo-se como um referencial positivo na memória dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos pelo Colégio Dom Bosco, além de representar motivo de prestígio e valorização para toda a comunidade escolar.

A fala da professora evidenciou que as memórias relacionadas ao Festival de Step Dance não se constituem como relatos isolados ou estritamente individuais, mas como narrativas construídas a partir de experiências compartilhadas por diferentes sujeitos ao longo da história do evento. Ao rememorar suas vivências, ela frequentemente retoma acontecimentos, sentimentos e significados que também apareceram nas falas dos outros participantes, demonstrando a existência de referências coletivas que sustentam e fortalecem essas lembranças. Observa-se que a recordação de cada indivíduo encontra respaldo nas experiências do grupo, revelando um processo de construção da memória que ultrapassa a esfera pessoal e se insere no campo das relações sociais e da vida coletiva. Nesse sentido, os depoimentos convergem com as reflexões de Maurice Halbwachs acerca da memória coletiva, evidenciando

que recordar é um ato profundamente social, marcado pelos vínculos de pertencimento e pelas referências compartilhadas entre os membros de uma comunidade.

Para Halbwachs (2006), a memória não pode ser compreendida como um fenômeno exclusivamente individual, uma vez que toda recordação está vinculada aos grupos sociais dos quais os sujeitos participam. Mesmo quando alguém acredita estar recordando sozinho, suas lembranças continuam sendo organizadas por referências, linguagens, valores e significados aprendidos no interior das relações sociais. Família, escola, grupos de amizade, instituições e comunidades constituem quadros de referência que orientam a forma como os indivíduos percebem, interpretam e atribuem sentido às suas experiências. Assim, a memória individual não existe de maneira isolada, mas se apoia continuamente em elementos construídos coletivamente.

Nessa perspectiva, Halbwachs argumenta que a recordação se fortalece quando encontra confirmação nas lembranças de outras pessoas. O compartilhamento das experiências contribui para ampliar a confiança dos indivíduos naquilo que recordam, pois, as memórias passam a ser sustentadas por diferentes testemunhos que se complementam e se reforçam mutuamente. Dessa forma, lembrar não significa reproduzir fielmente um acontecimento passado, mas reconstruí-lo continuamente por meio das interações sociais e das interpretações produzidas no presente. As lembranças são constantemente reorganizadas à medida que os sujeitos dialogam entre si e confrontam suas experiências com novas percepções e contextos.

O autor destaca ainda que a memória coletiva não depende necessariamente da presença física dos outros no momento da recordação. Mesmo quando está sozinho, o indivíduo continua a recordar a partir do ponto de vista dos grupos aos quais pertenceu ou ainda pertence. Isso ocorre porque as experiências vividas permanecem vinculadas a referenciais coletivos que orientam a compreensão do passado. Assim, uma lembrança é considerada coletiva não porque várias pessoas estejam presentes no ato de recordar, mas porque seu significado foi construído socialmente e permanece associado a experiências compartilhadas. Lembrar, portanto, implica reconhecer-se como parte de uma coletividade que continua influenciando a interpretação dos acontecimentos vividos.

A partir dessa compreensão, Halbwachs demonstra que toda memória individual está conectada a múltiplas memórias coletivas. As lembranças pessoais são sustentadas pelas redes sociais que constituem a experiência humana e fornecem os referenciais necessários para sua preservação. Fora desses quadros sociais, as recordações tendem a perder significado, pois deixam de encontrar os elementos que lhes conferem sentido. Mesmo as memórias que parecem estritamente pessoais são atravessadas por imagens, valores, discursos e experiências

compartilhadas com outras pessoas ao longo da vida. Não existem, portanto, lembranças totalmente isoladas ou desvinculadas do contexto social em que foram produzidas.

Dessa forma, as contribuições de Halbwachs permitem compreender que a preservação da memória do Festival de Step Dance depende não apenas dos registros documentais produzidos pela instituição, mas também da permanência dos vínculos sociais que sustentam as lembranças dos participantes. O depoimento da professora demonstrou que recordar o festival significa, simultaneamente, recordar as relações, os valores, as experiências e os sentimentos construídos no interior da comunidade escolar. A memória, nesse contexto, constitui-se como uma expressão do pertencimento coletivo, revelando que as histórias individuais somente encontram pleno significado quando articuladas às experiências compartilhadas pelos grupos sociais dos quais fazem parte.

3.6.6 Entrevista com a ex-professora de história Maria Grazieli de Lima¹⁰ e atuante no festival

¹⁰ Maria Grazieli de Lima possui trajetória marcada pela resiliência e pelo compromisso com a democratização do saber. De origem camponesa e egressa da escola pública, superou limitadores socioeconômicos ao graduar-se em História pela Unespar (Campo Mourão-PR) em 2021. Atualmente, expande sua formação como acadêmica do 3º período do curso de Direito na Uninassau-Petrolina no estado de Pernambuco, visando articular a prática pedagógica às normas e legislações que regem o sistema educacional brasileiro. Com sólida experiência na área de Ciências Humanas, sua prática profissional abrange a docência, a coordenação escolar e a liderança de projetos. Destaca-se pelo domínio de metodologias ativas e pelo foco no desenvolvimento integral do estudante. Suas principais competências incluem: Educação Inclusiva: Especializada na adaptação curricular e integração de alunos com TDAH e Transtorno do Espectro Autista (TEA), utilizando linguagem acessível e conteúdos objetivos. Gestão Escolar e Comunitária: Eficácia na organização da rotina pedagógica e no fortalecimento do vínculo escola-família, promovendo um ambiente equitativo e acolhedor. Inovação Pedagógica: Proponente de projetos interdisciplinares que conectam o currículo ao contexto social dos discentes. Ao longo de sua atuação no Colégio Estadual Dom Bosco, participou e coordenou iniciativas que aliam cultura, esporte e tecnologia à permanência escolar: FESTIVAL STEP DANCE: Integração entre arte e docência por meio da dança (atuou como professora e dançarina nas turmas), Beach Tênis na Escola: Projeto estratégico de combate à evasão e incentivo à frequência escolar. Podcast Dom Bosco: Implementação de ferramentas midiáticas para o protagonismo estudantil.

Figura 52 - Ex-professora de história do Colégio Dom Bosco



Fonte: Acervo do autor (2026).

Na questão um, a ex-professora de História destacou que o Festival Step Dance sempre foi percebido como um projeto extremamente importante dentro do ambiente escolar, principalmente por seu caráter inclusivo e integrador. Segundo ela, o festival ultrapassava a ideia de uma simples apresentação de dança, envolvendo não apenas movimentos, ritmos e coreografias, mas também a união entre professores de diferentes áreas em torno de um objetivo comum: o sucesso do evento. A professora ressaltou ainda que o projeto promovia incentivo e apoio emocional aos alunos, valorizando a diversidade de corpos, gostos, personalidades e níveis de autoestima existentes na comunidade escolar.

Na questão dois, ao relatar sua experiência como participante do festival enquanto dançarina, a entrevistada afirmou que a vivência foi extremamente enriquecedora, audaciosa e contagiante. De acordo com seu depoimento, participar diretamente das apresentações permitiu uma maior aproximação com os estudantes, fazendo com que eles a enxergassem de maneira mais acessível e próxima. Em sua visão, esse contato contribuiu para reduzir momentaneamente a rigidez hierárquica existente na relação entre professor e aluno, fortalecendo vínculos afetivos e de confiança.

Na questão três, a professora afirmou que o envolvimento dos estudantes no festival impactava diretamente o comportamento deles em sala de aula e no convívio escolar. Segundo ela, durante o período do evento, era perceptível um comportamento mais disciplinado e cuidadoso por parte dos alunos, que demonstravam receio de cometer atitudes que pudessem prejudicar sua participação. A entrevistada destacou que o festival era aguardado durante todo

o ano letivo e que perder a oportunidade de participar representava uma grande frustração para muitos estudantes.

Na questão quatro, a ex-professora ressaltou que o Step Dance contribuía significativamente para o engajamento dos alunos com a escola. Ela explicou que o projeto não se limitava ao festival em si, mas também fazia parte do processo pedagógico, sendo trabalhado como conteúdo avaliativo. Dessa maneira, os estudantes precisavam memorizar passos, estudar coreografias e colaborar entre si durante a construção das apresentações, promovendo interação e cooperação entre alunos de diferentes turmas.

Na questão cinco, a entrevistada afirmou acreditar que atividades como o Step Dance despertam nos estudantes um forte sentimento de pertencimento e identidade cultural. Como exemplo, mencionou que muitos ex-alunos, já adultos e com filhos, retornam à instituição matriculando seus próprios filhos devido ao desejo de que eles vivenciem as mesmas experiências proporcionadas pelo festival. Segundo ela, há também casos de estudantes que voltam a estudar na escola motivados pela vontade de participar novamente do movimento cultural promovido pelo evento.

Na questão seis, ao comparar a realidade educacional vivenciada atualmente no Nordeste com sua experiência anterior no colégio, a professora relatou que ainda não possui experiência suficiente como docente naquele contexto para realizar uma análise aprofundada sobre as diferenças na valorização das práticas culturais. Contudo, destacou que as transformações sociais, especialmente o avanço das mídias sociais e da tecnologia, provocaram mudanças significativas na própria cultura nordestina e nas formas de interação cultural das novas gerações.

Na questão sete, a entrevistada explicou que, embora não participe atualmente de um ambiente escolar que desenvolva um projeto semelhante ao Festival Step Dance, existem na região outras práticas culturais que mobilizam fortemente os estudantes, especialmente as festividades juninas. Segundo ela, esses eventos também envolvem preparação intensa, reinvenção artística, criação de letras, músicas, coreografias e danças, tornando-se momentos muito aguardados pelos alunos ao longo do ano.

Na questão oito, a professora afirmou compreender o Step Dance como uma construção cultural consolidada dentro da escola. Em sua percepção, embora o objetivo central do festival permaneça o protagonismo dos estudantes, os significados culturais atribuídos ao evento se transformam constantemente, acompanhando as mudanças sociais. Dessa forma, cada nova geração de alunos contribui para a construção de novos sentidos, perspectivas e formas de expressão cultural dentro do festival.

Na questão nove, a entrevistada destacou diversos benefícios educacionais proporcionados pela participação dos estudantes em atividades como o festival. Segundo ela, considerando a realidade social do bairro e a vulnerabilidade enfrentada por muitos alunos, o evento representa também um espaço de proteção e acolhimento. A professora enfatizou que, durante os ensaios e apresentações, os estudantes permanecem afastados de contextos de violência, vulnerabilidade social e, em alguns casos, de ambientes familiares abusivos. Além disso, ressaltou que os benefícios envolvem desenvolvimento físico, emocional, mental e social, proporcionando aos alunos maior segurança, autoestima e fortalecimento emocional.

Por fim, na questão dez, a ex-professora atribuiu ao Festival Step Dance uma importância extremamente significativa para a formação dos estudantes e para a dinâmica escolar. Em seu relato, destacou que o evento proporciona experiências intensas de aprendizagem e amadurecimento, permitindo aos alunos vivenciar sonhos, desafios, conquistas, derrotas e diferentes emoções que fazem parte do processo de construção do conhecimento. Além disso, afirmou que o festival fortalece a imagem da escola como um espaço acolhedor, capaz de valorizar os saberes juvenis, as experiências culturais e as vivências dos estudantes dentro da comunidade em que estão inseridos.

Pelo olhar de Maria Grazieli o Festival Step Dance ultrapassa a condição de simples evento escolar, constituindo-se como uma referência significativa na trajetória de vida de seus participantes e na memória coletiva da comunidade escolar. Os relatos dela revelam experiências marcadas por emoções, aprendizagens, amizades, desafios e conquistas que permanecem vivas nas lembranças dos sujeitos, mesmo após muitos anos de sua participação. Ao rememorar suas vivências, ela demonstrou que o significado do festival não está restrito às apresentações ou aos resultados alcançados, mas aos vínculos afetivos construídos durante sua realização. As narrativas evidenciam sentimentos de pertencimento, identificação e valorização da história compartilhada, confirmando que determinadas práticas culturais adquirem relevância justamente porque são incorporadas às experiências cotidianas e às memórias dos indivíduos. Nesse sentido, os depoimentos convergem com a concepção de patrimônio afetivo, demonstrando que a preservação da memória escolar não se sustenta apenas em documentos ou registros materiais, mas, sobretudo, nos sentidos e afetos atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas.

A partir desse percurso teórico, compreende-se o patrimônio afetivo como uma dimensão do patrimônio cultural construída por meio das experiências, das emoções e das memórias compartilhadas que os indivíduos desenvolvem em relação a lugares, práticas, eventos e referências culturais. Diferentemente do patrimônio oficialmente reconhecido por

instituições de preservação, o patrimônio afetivo emerge das relações cotidianas e dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas vivências. Sua relevância não depende necessariamente de certificações ou reconhecimentos formais, mas da capacidade de mobilizar lembranças, fortalecer identidades e consolidar sentimentos de pertencimento entre os membros de uma comunidade.

Nessa perspectiva, a dimensão afetiva do patrimônio manifesta-se como um espaço simbólico de reconhecimento coletivo, no qual as experiências individuais se conectam às experiências do grupo. Conforme destaca Pelegrini (2009), o patrimônio adquire significado a partir dos valores e dos vínculos estabelecidos pelos sujeitos em suas relações sociais e culturais. Mais do que objetos ou práticas preservadas, os bens culturais tornam-se importantes porque representam histórias, afetos e referências que contribuem para a construção da identidade coletiva. A autora demonstra que manifestações culturais, como a capoeira, possuem força patrimonial justamente por mobilizarem emoções, memórias e formas de sociabilidade que aproximam os indivíduos e reforçam os laços comunitários.

Essa compreensão permite ampliar o entendimento sobre os processos de preservação cultural, evidenciando que a conservação do patrimônio não se limita à proteção física de bens materiais ou ao registro de práticas culturais. Preservar significa também garantir a continuidade dos significados atribuídos a essas referências ao longo do tempo. Nesse contexto, o papel da educação assume importância fundamental, uma vez que a escola atua como espaço privilegiado de mediação entre os sujeitos e seu patrimônio cultural. Ao promover o conhecimento, a valorização e a reflexão sobre as experiências vividas pela comunidade, o ambiente escolar contribui para transformar memórias e referências culturais em elementos significativos para as novas gerações.

Conforme argumenta Pelegrini (2009), a preservação dos espaços de sociabilidade e do patrimônio material e imaterial favorece o fortalecimento dos vínculos afetivos e do sentimento de pertencimento comunitário. Quando os sujeitos reconhecem determinado bem, prática ou manifestação cultural como parte de sua história, passam a atribuir-lhe valor e a participar ativamente de sua preservação. Em contrapartida, a perda ou a desvalorização dessas referências pode enfraquecer os laços identitários e comprometer a continuidade das memórias coletivas que sustentam a vida social.

As lembranças evocadas não se restringem às apresentações, mas abrangem os ensaios, as amizades construídas, os desafios superados, os momentos de convivência e os sentimentos compartilhados até a realização do evento. Esses elementos transformam o festival em uma referência afetiva para a comunidade escolar, conferindo-lhe um valor que ultrapassa sua

materialidade e sua temporalidade. Dessa forma, os depoimentos reunidos nesta pesquisa permitiram compreender o Festival Step Dance como um importante patrimônio afetivo da comunidade escolar. Sua permanência na memória dos participantes evidencia que o patrimônio cultural se constrói também por meio das emoções, das relações de pertencimento e das experiências compartilhadas que dão sentido à vida coletiva. Assim, a preservação de sua história não representa apenas a conservação de um evento do passado, mas a valorização de uma herança cultural que continua produzindo significados no presente e contribuindo para o fortalecimento da identidade, da memória e dos vínculos sociais da comunidade escolar.

3.7 O festival de 2026

A realização do Festival de Dança em 2026 representou mais um momento significativo na trajetória dessa iniciativa cultural e educativa, reafirmando sua importância para a comunidade escolar e para os estudantes envolvidos. A edição foi marcada por uma organização cuidadosa e pelo envolvimento coletivo de professores(as), alunos(as) e demais participantes, possibilitando que as atividades previstas fossem desenvolvidas de maneira satisfatória e que as apresentações ocorressem conforme o planejamento estabelecido.

Um dos aspectos que mais se destacou nessa edição foi a participação dos estudantes. Ao longo da preparação e durante o Festival, observou-se um amplo interesse dos(as) alunos(as) em integrar as atividades, tanto na composição dos grupos quanto na construção das coreografias e na preparação para as apresentações. A disposição para participar contribuiu para que o evento assumisse um caráter coletivo, no qual diferentes estudantes puderam encontrar na dança uma possibilidade de expressão, convivência e participação no espaço escolar.

As apresentações realizadas durante o Festival também evidenciaram o empenho dos participantes. Eles demonstraram dedicação durante os ensaios e buscaram apresentar, no momento do evento, o resultado do trabalho desenvolvido ao longo do processo. Cada grupo, respeitando suas características e propostas coreográficas, procurou realizar sua apresentação da melhor maneira possível. Dessa forma, a qualidade percebida nas apresentações esteve relacionada não somente ao resultado final observado no palco, mas também ao percurso de preparação, aos ensaios e ao comprometimento dos alunos com a atividade.

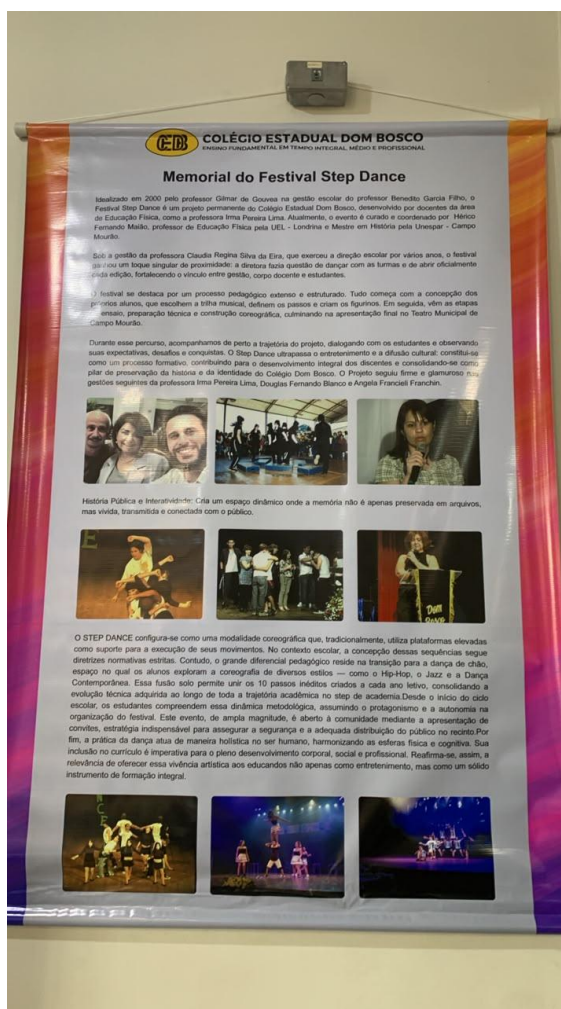
A edição de 2026 também contou com ações voltadas à divulgação do Festival. Entre essas iniciativas, destaca-se a produção de banners destinados a divulgar o evento e ampliar sua visibilidade junto à comunidade. A utilização desses materiais contribuiu para tornar o Festival mais presente nos espaços de circulação e para comunicar à comunidade escolar a realização

da atividade. A divulgação, nesse sentido, não se restringiu à apresentação do evento, mas também integrou o processo de valorização da iniciativa e de sua trajetória.

Outro elemento importante foi o reconhecimento alcançado pelo Festival. A repercussão da edição de 2026 evidenciou que a atividade ultrapassou o momento específico das apresentações, despertando atenção e reconhecimento em relação ao trabalho desenvolvido. Esse reconhecimento pode ser compreendido como resultado de um processo construído ao longo das edições, no qual a continuidade do Festival, a participação dos estudantes e o envolvimento da comunidade contribuíram para consolidar sua presença no contexto escolar.

Assim, o Festival Step Dance 2026 pôde ser compreendido como mais uma etapa de uma trajetória construída coletivamente. A organização do evento, a participação dos estudantes, o empenho demonstrado nas apresentações, as estratégias de divulgação e o reconhecimento obtido constituíram elementos que contribuíram para fortalecer a experiência do Festival como prática cultural no ambiente escolar. Mais do que um momento destinado às apresentações coreográficas, a edição de 2026 reafirmou a capacidade da dança de reunir diferentes sujeitos em torno de uma experiência compartilhada, produzindo memórias e fortalecendo vínculos entre os participantes e a comunidade escolar.

Figura 53 Banner produzido para o festival



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 54 Banner produzido para o festival



Fonte: Acervo do autor (2026).

Figura 55 Homenagem pelo festival

Fonte: Acervo do autor (2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar este trabalho é, antes de tudo, revisitar um caminho vivido com o corpo, com a escuta e com a sensibilidade. Enquanto professor de Educação Física e de dança, acompanhar e investigar o Festival Step Dance significou ir além da organização de coreografias ou da preparação de um evento escolar: foi experimentar, junto aos estudantes, professores(as) e comunidade mourãoense, um processo intenso, desafiador e profundamente formativo. Cada ensaio, cada batida marcada no chão, cada gesto coreografado revelou que o festival é muito mais do que uma apresentação artística, ele é um espaço simbólico de encontros, afetos, memórias e aprendizagens compartilhadas.

Ao longo desse percurso, os desafios se fizeram presentes em múltiplas dimensões: na articulação dos tempos escolares, na questão financeira, na mobilização dos sujeitos, na escuta das diferentes vozes e na tentativa de compreender o festival para além do imediato, como prática cultural carregada de sentidos históricos. No entanto, foi justamente nesses desafios que emergiu a potência transformadora do festival. O envolvimento coletivo, o compromisso dos estudantes, a troca entre gerações e a apropriação do espaço escolar como lugar de criação evidenciaram o quanto o Festival Step Dance contribui para o desenvolvimento humano, cultural e social de todos os que dele participam.

Para além da construção material do memorial, torna-se fundamental refletir sobre o seu significado dentro de um contexto mais amplo de preservação cultural e construção de identidade. Ao reunir registros de diferentes edições do festival Step Dance, o projeto ultrapassa a dimensão expositiva e passa a atuar como um instrumento de valorização da memória coletiva. Nesse sentido, a iniciativa dialoga com as contribuições de Maurice Halbwachs, ao compreender que a memória é construída socialmente, sendo constantemente reconstruída a partir das vivências e interações de um grupo. Da mesma forma, ao organizar esses materiais em um espaço, ainda que adaptado, aproximamo-nos da noção de “lugares de memória”, proposta por Pierre Nora, na qual objetos, imagens e documentos passam a representar marcos simbólicos de uma trajetória coletiva.

Nesse contexto, a construção do Centro Memorial e a valorização do Festival Step Dance enquanto patrimônio cultural escolar dialogam diretamente com a perspectiva de que a escola ocupa um papel fundamental na preservação e ressignificação das memórias coletivas e das práticas culturais da comunidade. Ao promover espaços de participação, pertencimento e valorização das experiências estudantis, a instituição reafirma sua função social e cultural

dentro do ambiente educativo. Conforme destacado pelo autor, há um: “...lugar protagónico de las escuelas en la activación y reinención del patrimonio local, la centralidad de la cultura material en la enseñanza, la participación de las comunidades en el diseño e implementación de sus propios proyectos e iniciativas y la recuperación y puesta en valor del patrimonio inmaterial de las comunidades” (p. 205). Dessa forma, o memorial não se constitui apenas como um espaço expositivo, mas como um instrumento pedagógico capaz de fortalecer identidades, preservar memórias e aproximar a comunidade escolar de sua própria trajetória histórica e cultural.

A elaboração do Centro Memorial também possibilitou reflexões acerca da construção das narrativas históricas e da valorização das memórias produzidas no espaço escolar. Ao reunir registros, relatos, fotografias e experiências ligadas ao Festival Step Dance, o projeto permitiu compreender que a preservação da memória não ocorre de maneira neutra, mas envolve diferentes interpretações, significados e sujeitos participantes desse processo. Nesse sentido, a construção do memorial dialoga com a ideia de que “plantea de forma contundente la disputa de sentidos acerca del pasado, así como quiénes tiene la potestad para narrarlo y proyectarlo públicamente... invitan a pensar cuál es el lugar de los historiadores académicos en los proyectos de base comunitaria” (p. 214). Assim, o trabalho desenvolvido evidencia a importância da participação da comunidade escolar na construção e valorização de sua própria história, reconhecendo alunos, professores e demais envolvidos como agentes ativos na preservação e divulgação das memórias coletivas relacionadas ao festival.

A recepção do memorial por parte dos alunos(as), professores(as), funcionários(as) e comunidade escolar evidenciou seu impacto para além do esperado. Muitos visitantes demonstraram envolvimento emocional ao reconhecer momentos vividos, colegas, apresentações e conquistas registradas nas imagens e objetos expostos. Esse movimento despertou não apenas lembranças, mas também um sentimento de pertencimento e valorização do festival, especialmente entre os alunos(as) que ainda não haviam participado de edições anteriores. Nesse aspecto, o memorial contribui para aproximar diferentes gerações, fortalecendo vínculos e incentivando a continuidade da prática artística dentro do ambiente escolar.

Enquanto pesquisadores, a experiência também representou um importante processo de aprendizagem. Ao longo da construção do memorial, desenvolvemos habilidades relacionadas à organização, curadoria de materiais, trabalho em equipe e adaptação diante de desafios. A necessidade de lidar com limitações estruturais, como a ausência de um espaço exclusivo e a dificuldade de acesso a determinados registros, exigiu não apenas planejamento, mas também criatividade e flexibilidade metodológica. Essas limitações, longe de comprometer o trabalho,

contribuíram para torná-lo mais consciente e reflexivo, evidenciando que a pesquisa, em sua essência, é um processo dinâmico, marcado por ajustes e reconstruções constantes.

Por fim, o memorial também aponta para possibilidades futuras que podem ampliar ainda mais seu alcance e relevância. A criação de um espaço permanente, a digitalização do acervo e a continuidade da coleta de registros das próximas edições do festival são caminhos possíveis para fortalecer essa iniciativa. Dessa forma, o que foi desenvolvido até aqui não se encerra neste momento, mas se projeta como uma base para novas ações, reafirmando o compromisso com a preservação da memória e com a valorização cultural. Assim, o encerramento deste capítulo não representa um fim, mas sim a consolidação de um processo que, embora marcado por desafios, revela o potencial transformador da pesquisa quando aliada ao empenho, à sensibilidade e ao trabalho coletivo.

O festival mostrou-se, assim, como uma experiência rica e simbólica, capaz de articular corpo, história, cultura e memória. A dança, nesse contexto, tornou-se linguagem, narrativa e testemunho do vivido, permitindo que experiências individuais se transformassem em expressões coletivas. Ao olhar para esse processo a partir da docência em Educação Física e dança, reafirma-se a convicção de que práticas corporais, quando pensadas de forma crítica e sensível, têm o poder de educar, de produzir pertencimento e de inscrever memórias que permanecem para além do tempo do evento. Não foi possível conseguir todas as informações e materiais de que precisávamos, mas estamos satisfeitos por ter contribuído para uma mudança de mentalidade e para um novo olhar na vida história da instituição.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo; João Beato; Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Covilhã: Lusosofia Press, 2008. 131 p. 26.

ANDRADE, Mariana; PAGANINI, Mariana. **Historia pública, historia escolar y patrimonialización comunitária**. Em: KOBELINSKI, Michel. História pública, museus e comunidades. Conexões Brasil-Argentina. Curitiba, Editora CRV, 2024.

ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. Em ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo. Perspectiva, 2016.

BAUER, Letícia Brandt. BORGES, Viviane Trindade. **O patrimônio cultural e a história pública: observações sobre os embates contemporâneos**. Revista Nupem, vol 11, nº 23, 2019.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197–221. (Obras escolhidas, v. 1).

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BUSTAMENTE VISMARA, José. Archivo. Em FIORUCCI, Flavia e BUSTAMENTE VISMARA, Jose. **Palabras claves en la historia de la educación argentina**. UNIPe, Buenos Aires, 2019.

CAIMARI, Lilian. **El momento archivo**. Población y sociedad. Vol 27 (2), Universidad Nacional de La Pampa. La Pampa, Argentina, 2020.

CARMO, Gonçalo Cassins Moreira. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER. HELOISA TURINI BRUHNS (ORG.) CONEXÕES: **Revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 1, n. 2 p. 160-176, dez. 1999.

CATELA, Ludmila da Silva. No habrá flores en la tumba del pasado. La experiencia de reconstrucción del mundo de los familiares de desaparecidos. 4ª edição, **La Plata**, Al Margen. 2014.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. 3a ed. São Paulo. Moderna, 1982.

CRUZ, Regiane Aparecida. **Arquivos, memoria escolar e história pública: memorial do Colegio Estadual Quintino Bocaiuva de Ubiratã-Paraná**. Dissertação (Mestrado -Programa de Pós-graduação em História Pública). Universidade Estadual do Paraná, 2023.

FARO, Antônio José. **Pequena História da dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 149.

FOSTER, Ricardo. **Transmisión, tradición:** entre el equívoco y la incomodidad. Em: Larrosa, Jorge (ed.) **Entre nosotros**. Sobre la convivencia entre generaciones. Fundació Viure e conviure. Barcelona, 2007.

GARCES, Marina. **Escola de aprendizes**. Belo Horizonte, Editora Ayiné, 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid, Siglo XXI, 2002.

KELLEY, Robert. Public History. Its origins, nature and prospects. [História Pública, suas origens, natureza e perspectivas] **The Public Historian**, v.1, n.1, 1978, p.16-28.

LARROSA, Jorge. **O enigma da infância**. Em LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

LEVIN, Florencia. **El pasado reciente en la escuela, entre los dilemas de la historia y la memoria**. En Schujman G. y Siede I. (coords.) *Ciudadanía para armar. Apuntes para la formación ética y política*. Buenos Aires, Aique. 2007.

MAGALHÃES, Marta Claus. A dança e sua característica sagrada. **Revista Existência e Arte**. Universidade Federal de São João del-Rei, Nº I, jan-dez, 2005, p. 1-4.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas, SP: Autor e Associados, 2002.

MASSCHELEIN, Jan, SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. Belo Horizonte, Autêntica, 2018.

MILES, Malcolm. **Art Space and the City: Public Art and Urban Futures**. London: Routledge, 1997.

NORA, Pierre (org.). **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n.18, p.18-34, jan.jun 2018.

PAGANINI, Mariana. **Experiencia y transmisión intergeneracional:** La construcción de significados en los y las jóvenes visitantes del Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos ex CCDDyE Olimpo (2015-2017). Tesis de posgrado. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2020

PARRELA, Ivana Denise. História Pública e a função de difusão nos arquivos. In: SCHMIDT, Benito Bisso & MALERBA, Jurandir (orgs.). **Fazendo História Pública**. Vitória: Editora Milfontes, 2021, p. 151-165.

ROSA, Wagner. **Nos rastros da linguagem da dança**: Conversão de formas no Espetáculo HQ. 2016. 200 f. Tese (Doutorado em estudos da linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

_____. **História pública e imaginação infantil**. Em: KOBELINSKI, Michel. História pública, museus e comunidades. Conexões Brasil-Argentina. Curitiba, Editora CRV, 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. KOBELINSKI, Michel. História Pública: **Para quem, para quê, como e quem?** [Orgs] Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2024.

SANTHIAGO, Ricardo. História Pública e Autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: ALMEIDA, Juniele R.; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-36.

SCHMIDT, Benito Bisso. Qual a relação entre a história pública e a profissionalização do historiador? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra & Voz, 2018. p. 17-22.

SILVEIRA, Pedro Telles da. O historiador com CNPJ. **Revista Tempo e Argumento**. v.12, n.30, p. 1-28, Mai/agosto 2020.

SILVEIRA, Diego Omar. NAKANOME, Ericky da Silva. O Boi-Bumbá de Parintins como arte e História Pública: do folguedo de terreiro ao espetáculo de Arena e além. **Revista de ppgartes UFPA**, v. 7, n. 12, 2021, p. 134-146.

SKLIAR, Carlos. Notas para pensar la convivencia, la hospitalidad y la educación. Em: Larrosa, Jorge (ed.) **Entre nosotros**. Sobre la convivencia entre generaciones. Fundació Viure e conviure. Barcelona, 2007.

ZAIA, Iomar Barbosa. **O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar**. *Revista Brasileira De História Da Educação*, 5(2 [10]), 153-174. 2005.

ANEXOS

ENTREVISTA	
Perguntas ao entrevistado	Respostas do entrevistado – Prof. Gilmar (idealizador do festival)
1 Como surgiu a ideia de criar o festival do stepdance no Colégio?	Surgiu que quando os conteúdos programáticos, aqueles conteúdos do... tinha dança e ginástica, e como eu trabalhava já com a ginástica localizada com eles e precisava usar o ritmo da dança né, aí eu comecei a trabalhar o workshop cada 8 tempo em 1 música. Aí eu falei poxa eu vou trabalhar os dois juntos, eu vou trabalhar a ginastica no step, que eu tinha nós lá na escola tinha steps velhos, reforcei os steps e coloquei os ritmos fazendo a transição. Um exercício do step e 8 passos de dança. 8 exercícios de step, 8 passos de dança. Aí depois eu unifiquei a dança, tirei, tirava os steps, aí colocava os steps e eles dançavam.
2 Quais foram os primeiros passos para tornar o festival realidade?	O Hérico você sabe que isso aí tudo depende de uma direção da escola né, pra eu chegar ao step finalmente a gente começava a riscar a quadra de vôlei e fazia a apresentação ali na quadra perante os outros alunos né cada sala apresentava pra sua sala e assim foi bem, sabe uma apresentação assim na quadra depois no palco da quadra no palco da escola, no palco pequeno, que aí era 4 ou 5 alunos e era a avaliação era feita com passos do step e depois com o passo da dança e assim que começou.
3 Quem mais esteve envolvido ao desenvolvimento do projeto além de você?	Então além de mim eu tinha que convencer os outros professores a utilizar também porque os alunos dos outros professores também queriam. Aí eu falei com a direção da escola né? E repassei peguei os melhores alunos meus que sabiam os passos e ia com outro ou com com a outra professora pra fazer os mesmos passos e assim que começou.
4 Como você ou colegas definiram o formato do festival?	Então aí que estava o pior né? Por exemplo quando a gente começou lá na quadra foi só eu aí quando nós somos pra pro palco da do pátio aí a gente começou a fazer uma apresentação minha, outra apresentação do outro professor, outro da outra professora e assim em uma das nossas horas aulas então era muito difícil era muito corrido mas foi legal os outros professores reclamavam do do barulho né na na no palco e aí a gente voltava pra quadra depois pela conversa toda lá com a direção eles fechavam a porta e a gente continuou no palco da do pátio.
5 Como foi o planejamento do evento? Ou seja, quais etapas você destacou como essenciais?	O Hérico, o essencial foi a formação das danças, né? Aí das músicas que eles faziam né? Ali no palco né? Por que os alunos queriam mais aquelas músicas mais picantes né? E a gente tinha que falar olha gente vamos vamos deixar isso daí um pouquinho né? Vamos fazer outra música aí eles começavam a trabalhar a dança com coreografias das das divas né? Das cantoras e aí que surgiu né? O planejamento foi isso eh colocar o que é certo, o que é errado, o que podia dentro do do projeto.
6 Como você percebeu a recepção dos professores e outros membros da equipe escolar, houve algum tipo de resistência ou teve apoio desde início?	Aí também que está dificuldade, né? Por exemplo tem professor que até hoje né? Passando tanto tempo era do contra né? Era do contra porque achava que isso era enrolação e não era enrolação o negócio, o projeto foi crescendo tanto que a gente precisava dos outros professores, né? Pros ensaios, né? Pra formação de de pra roupa, pra formação de palco, pra essas coisas todas. Aí a gente começou a ensaiar a noite e e esses professores os professores que eram monitores de sala que colaboravam aqueles que não colaboravam a gente tinha que se virar em dois três quatro né?
7 Qual foi o impacto na sua opinião do	Tanto no ponto de vista pedagógico quanto social? Aí que foi o negócio legal viu Hérico? Não foi só com os alunos né? Os impactos foram na Comunidade escolar né? Os os pais sabe os os todos eles queriam entrar no projeto, ou seja, com com

festival para os alunos?	decoração, ou seja com maquiagem com costureira sabe foi assim alunos que pegavam requisição pra pegar é dinheiro das empresas ali do município essas coisas todas né? Foi muito bom.
8 Houve alguma resistência ou dificuldade na integração do stepdance ao ambiente escolar?	Ah eu acho que nesse ponto eu acho que houve muita inveja dos outros professores porque o step pra eles era o ponto máximo da escola, né? Eles esperavam os o bimestre do step e a escola ficava mais efervescente, a escola ficava mais agitada tudo muito gostoso de ver o agito da escola.
9 O festival foi pensado de forma inclusiva envolvendo alunos de diferentes perfis e habilidades? Como isso foi feito com esses alunos?	Ó Hérico aí que tá o negócio legal né? A gente via cadeirante fazendo a gente via pessoas obesas, pessoas magras, pessoas bonitas, pessoas feias, todos eles sentiam ele sentiu a necessidade de colocar aqueles alunos dificuldade mim que fosse pra fazer uma figuração no palco sabe? E isso que revolucionou o projeto foi a inclusão das diferenças.
10 Como os alunos reagiram a ideia do festival? Houve adesão imediata ou foi necessário um esforço maior para encorajá-los e engajá-los?	Nossa, não, era uma disputa total dentro da sala de aula. Porque dentro da sala de aula a gente escolhia os dozes que tinham mais facilidades né na na na execução dos passos né da dos do estepe e depois havia dentro dessas desses doze confecção da dança em si. Então tinha muita os alunos era uma disputa total uma uma disputa boa pra que eles fossem apresentar no palco do teatro municipal.
11 De que maneira o festival contribuiu para a integração entre os alunos e o desenvolvimento de competências sociais?	Ó Hérico também isso daí eh o que eles faziam parece que os alunos nesse período eles revolucionavam a escola a sua maneira de de ver o projeto, a sua maneira de ver o projeto dentro da escola da comunidade porque era um agito total, todo mundo do bairro sabia desse projeto.
12 O que você acha que o festival agregou na vida dos alunos?	Ah agregou um monte de de coisas boas viu Hérico? Agregou a responsabilidade, o comportamento dele dentro de de sala de aula dentro da da dos treinos sabe? Dentro da, a mãe tinha muita mãe que levava os seus filhos, esperavam e assistiam o treino assistia o ensaio deles conversavam davam o seu ponto de vista foi assim muito bom.
13 Quais foram as maiores dificuldades durante a execução do festival?	Bem as dificuldades estão no treinamento né? Foi quando a gente tinha que treinar no no teatro o quando que agilizar na compra das fantasias, da maquiagem, da direção da escola, né? De de dos ensaios, _ abrir a escola, é tirar as carteira, colocar carteira é mas era uma umas dificuldades que depois se tornou é gratificante gratificante. Décima quinta.
14 Após realizar esse primeiro festival lá quando ele surgiu, quais lacunas ou pontos você acredita que poderiam ser melhorados para os próximos eventos?	O que você ia percebendo que devia melhorar? Então aí que que a gente via que é o projeto da primeira vez pro segundo já tinha o interesse dos alunos, já começava os alunos por mais que seja a apresentação fosse na quadra aí no segundo ano a gente já fazia uma marcação diferenciada já fazia: opa vamos colocar dois três professores pra julgar né? Pra avaliar os quem que fez melhor sabe? A premiação a, até que esse projeto ele foi pra pro palco da escola e do palco da escola se tornou pequeno e nós fomos para o teatro. Então foi assim uma evolução de espaço, de tempo e vamos colocar assim de profissionalismo dos alunos

15 Há algo que você faria de forma diferente em relação ao planejamento hoje do festival?	A mas agora que a gente está bem sendo quando eu me aposentei em dois mil e dezoito eu achei que se fosse pra continuar se fosse pra começar teria que começar do mesmo jeito que começou porque foi um passo sobre o outro. Um passo além do outro pra essa pra pro festival chegar no momento que ele chegou né?"
16 Quais aspectos do festival ficaram mais difíceis de implementar? E por quê?	Ai já foram muitas coisas né? Por exemplo é gravação da música sabe? É a decoração do palco, a premiação sabe? Assim a aceitação dos outros professores porque na coxia precisa muito desses da ajuda desses professores porque um só não conseguiria fazer aquilo ali, sabe? é convidar pessoas especializadas em dança, em ginástica, né? Professores de educação física, bailarinos pra apresentar é a confecção de de dos convites, dos ingressos sabe? E aí que está a dificuldade então só o professor mesmo já não daria por isso que era importante que a escola toda e a escola toda é vinculasse todos seus esforços nesse momento."
17 Como você imagina um espaço memorial dedicado ao festival stepdance se o Colégio Dom Bosco fizesse? O que deveria ter nessa sala?	O que deveria estar incluído pra o pessoal entrar que representasse bem o evento e o seu impacto. A eu acho que a nossa escola ela já esse projeto foi um projeto que até o secretário da da educação do Paraná ele viu esse esse projeto e queria que esse projeto fosse pro Paraná todo. Então eu acho que a escola deveria ter um um painel um painel com todas as fotos antigas dos alunos assim um painel fixo no pátio pra que ali e se possível até um um step sabe? Uma pessoa em um pé em cima do step no no pátio da escola pra dizendo que aquela escola teve um projeto que passou mais de duas décadas.
18 Como podemos tornar esse memorial acessível e atrativo para futuros alunos e para o colégio como um todo?	A então os alunos vendo esse step que hoje os alunos que estão na escola são filhos de pais que já participaram do festival do step. Isso seria um um um histórico dos festivais vai que acontecer hoje hoje o estepe ele é ele é falado no município todo todas as escolas sabem desse festival então se tiver um um monumento uma esse painel que eu falei na escola isso seria uma apresentação do projeto para a comunidade dentro da escola.
19 Você acredita que o festival pode ser expandido para outros tipos de apresentações artísticas ou deve continuar focado apenas no stepdance?	O Hérico nós já quando tinha um projeto aí no estado que que a que tinha um festival nós adaptamos músicas né? Do gosto dos alunos fomos pra Apucarana apresentar o Fera e quando o Fera teve em Campo que era relacionado a a história do Paraná, música relacionada ao Paraná nós colocamos em em em batida de black o Paulo Leminski e fizemos Apresentação no no parque de exposição aonde foi assim todo mundo adorou e nós fizemos uma passagem de música do do Paulo Leminski no step
20 Você enxerga esse projeto crescendo ao longo dos próximos anos? Quais são suas expectativas mesmo aposentado, para o futuro do festiva no colégio?	Então Hérico a história tem que continuar né? A história que tem que ser vivenciada e graças a Deus os professores que que estão no no no projeto hoje foram professores que vivenciaram isso também e isso ele sabe que dá trabalho, dá muito trabalho, mas ele é uma coisa gratificante porque a escola ela é direcionada, a escola é conhecida como festival de step, hoje os pais, os avós os alunos sabem disso e viveram esse momento lá dentro da escola. Por isso que eu acho que esse projeto tem que continuar. E ele tem que ser muito bem aceito pela direção da escola né? E pelos outros professores de educação física também.

ENTREVISTA	
Perguntas ao entrevistado	Respostas da ex-aluna e atual dona de academia de dança, profa. Letícia Batista Rodrigues
1 Como foi sua primeira experiência participando do FESTIVAL STEP DANCE quando ainda era aluna do colégio?	Foi uma experiência incrível, vivenciar os ensaios e a apresentação em si me fizeram crescer como pessoa e bailarina
2 O que mais te marcou naquela época em relação às apresentações e à preparação?	O que mais me marcou foi ganhar o troféu destaque. Foi um momento de muita emoção, pois percebi que todo o esforço dos ensaios e a paixão pela dança estavam sendo reconhecidos. Esse troféu me motivou ainda mais a continuar dançando.
3 De que maneira a vivência no festival influenciou sua decisão de seguir a carreira na área da Educação Física e da Dança?	O festival foi um divisor de águas. Durante a preparação e as apresentações, percebi como o corpo, a disciplina e a expressão através da dança me encantavam. Esse contato me fez querer seguir na Educação Física para aprofundar esse universo e transformar minha paixão em profissão.
4 Quais habilidades ou valores você acredita ter desenvolvido como aluna durante o processo de ensaios e apresentações?	Hérico Fernando: 4-Durante o festival, aprendi muito além da dança. Desenvolvi disciplina para me dedicar aos ensaios, responsabilidade para cumprir cada etapa da preparação, trabalho em equipe ao lado dos colegas e, principalmente, autoconfiança para acreditar no meu potencial no palco e fora dele. Além de comunicação e valores importantes como cooperação, resiliência e comprometimento, que levo para diversas áreas da minha vida
5 Como foi a transição de participante para profissional da área? Você sente que o festival contribuiu para isso?	A transição de participante para profissional foi marcada por aprendizados constantes. O festival teve um papel fundamental nesse processo, pois foi nele que vivi meus primeiros desafios, aprendi a lidar com responsabilidade e senti na prática a emoção de estar no palco além de ganhar um bolsa de estudos nas artes. Tudo isso me deu confiança pa...
6 Hoje, como professora, qual é o significado do festival para você e como enxerga seu impacto nos atuais alunos?	Uma memória especial que guardo com muito carinho foi o dia em que ganhei o troféu destaque. Lembro da ansiedade antes da apresentação, da energia dos colegas e, principalmente, das pessoas gritando meu nome ao receber o prêmio. Foi um momento de muita emoção que me motivou a seguir na dança e na Educação Física.
7 Existe alguma memória especial ou episódio marcante que você guarda com carinho desse período como estudante participante do festival?	Comparado com a minha época, hoje o festival parece ainda mais grandioso e organizado. Vejo os alunos mais engajados, apresentações com produções mais sofisticadas e uma energia contagiante no palco, o que mostra o crescimento e evolução do evento. Nota-se também um

	aumento no nível técnico dos participantes e na complexidade das produções, refletindo a evolução do evento ao longo dos anos.
8 O que você percebe de diferente entre o festival na sua época de aluna e nas edições atuais?	Hoje, o festival significa inspiração e aprendizado contínuo. Vejo o impacto nos meus alunos ao perceberem dedicação, disciplina e paixão pela dança. Como professora, o festival tem grande significado, pois simboliza desenvolvimento técnico, pessoal e uma grande inovação artística para a comunidade mourõense valorizar diferentes expressões artísticas e estilos. O impacto nos meus alunos é perceptível, pois a experiência serve como exemplo de dedicação, superação e paixão pela dança, estimulando-os a se empenharem e valorizarem cada etapa do aprendizado.
9 Quais conselhos você daria aos alunos que hoje participam do festival e sonham em trilhar um caminho parecido com o seu?	Meu conselho seria se dedicar aos ensaios, acreditar no próprio potencial e aproveitar cada momento do festival. E confiarem no próprio talento e não terem medo de se expressar no palco. Cada momento é único e pode transformar sua trajetória na dança e na vida. Vivam esse sonho!
10 Como você imagina o futuro do festival e sua contribuição para novas gerações de alunos?	Vejo o festival como uma fonte contínua de inspiração para novas gerações. Imagino que ele continuará incentivando jovens a acreditarem em si mesmos, se dedicarem à dança e seguirem sonhos que transformam suas vidas, assim como aconteceu comigo.

ENTREVISTA

Perguntas do entrevistado	Respostas da professora Irma Pereira Lima
1 Como a senhora descreve a importância do FESTIVAL STEP DANCE para o colégio e para os alunos ao longo desses mais de 10 anos de realização?	O festival de step dance ao longo desses dez anos ele significa muito para o colégio estadual Dom Bosco. Ele é ele faz parte da identidade do colégio, né? O colégio é reconhecido na cidade na região por este festival pela importância que ele tem para nós professores que valorizamos muito essa prática, para os alunos que gostam para aqueles novos alunos que vêm ao colégio e conhecem eh essa modalidade e o festival é maravilhoso, ele ele encanta quem quem o assiste, né? Então pra mim hoje ele faz parte da identidade do colégio estadual Dom Bosco
2 Quais são os principais objetivos pedagógicos e formativos que o festival busca atingir, além do aspecto artístico e esportivo?	São muitos os objetivos tanto pedagógicos quanto formativos que buscamos atingir. Eu vou eleitar alguns eh a gente sabe que pedagogicamente ele ele traz o desenvolvimento da coordenação a estimulação da percepção rítmica e da musicalidade do estudante ele promove uma interdisciplinaridade né? Porque nós trabalhamos várias várias outras componentes curriculares junto com a prática esportiva e principalmente a valorização da cultura corporal do movimento né? É uma

	se que é uma aprendizagem ativa e isso é valorizado na educação em tempo integral. Com relação ao seu aspecto formativo ele promove uma socialização e uma cooperação, uma organização entre os estudantes. Ele fortalece a autoestima e a autoconfiança, né? Porque quando a criança o estudante ela ele se descobre fazendo essa atividade com perfeição isso aumenta a sua autoestima e sua autoconfiança eh é um estímulo também a disciplina e a concentração porque se ele não se concentrar e não for disciplinado quanto aos ritmos ele não consegue executar, né? E com certeza é um motivo de infusão, uma diversidade que nós temos dentro da nossa escola. Porque o step é para todos, é para o baixinho, é para o alto, é para o gordinho é para o magrinho é para o tímido é para o extrovertido enfim é desses diversidade toda essa diferença que nós temos dos eles acolhidos pela atividade do step dance. É uma maravilha
3 Como funciona o processo de organização do evento, desde a escolha das músicas e coreografias até a apresentação final?	O FESTIVAL STEP DANCE é um festival muito organizado. Nós temos um coordenador geral do evento e cada sala ela escolhe as pessoas né? os alunos estudantes entre eles formam os grupos para a construção da coreografia e da parte obrigatória dos dez passos do estepe e cada sala escolhe um coreógrafo que vai escolher uma música, os passos, a roupa, toda a sequência mas isso segundo regras que é estipulado pelo coordenador e a escola é como a gente não pedir músicas com duplo sentido com alusão a a depreciação de gênero de eh alusão a armas né gestos nas danças enfim tem várias coisas que são permitidos nós não podemos esquecer que é um ambiente escolar e ele tem que contribuir né para o aprendizado para a formação desses estudantes então a gente tem que manter sempre um nível atividades e essa organização onde cada sala busca o seu coreógrafo mão da sua coreografia executa a parte eh obrigatória dos dez passos de estepe essa é ensinada por nós professores. E não e nós não ensinamos apenas para os que vão a fazer a apresentação no teatro. Todos os estudantes da turma né? Da escola aprendem esses passos né? O festival nós fazemos a prova de execução desses passos então todo aprende e quem quer fazer apresentação no teatro se organiza com coreógrafo, escolha de músicas e as sequências e coreográficas pra que vai acompanhar os dez passos do step então ele é muito organizado e se ele nos encanta quando a gente vai assistir e ver o resultado do trabalho dos estudantes
4 De que forma a equipe escolar (professores, direção, coordenação) contribui e se articula para que o festival aconteça?	Olha certamente para que o festival aconteça é um trabalho colaborativo entre os professores, entre a equipe diretiva, entre os estudantes onde cada um tem a sua parcela. é a equipe diretiva ela é responsável pela locação e a data do teatro né? E também nos ajuda na organização do evento lá no teatro nos ajuda ah com a escolha de cerimonialistas né nos apoia nos

	ajuda na organização do local dos jurados da da cerimonialista e toda essa organização referente ao teatro do de reais e e e esse tipo de apoio. Já os professores eles também tem esse trabalho colaborativo conosco eh sempre nos ajudando a apoiar os estudantes a incentivá-los a participar, a aprender os os passos os professores também sempre nos dá eh essa esse apoio e as vezes a gente tem até grupos de professores que também faz uma apresentação passos ao longo do festival e os estudantes que né que são as estrelas do nosso festival e eles participam ativamente então certamente é um trabalho participativo e colaborativo de toda a comunidade escolar porque os pais também nos apoiam, as famílias, enfim, toda nossa comunidade apoia afundo este trabalho.
5 Quais são os maiores desafios enfrentados durante a preparação das coreografias e na realização do festival?	Olha certamente um dos grandes desafios durante a preparação do festival são os momentos para os ensaios porque a escola para ela é dinâmica ela tem todos os componentes né curriculares que eh continuam da mesma forma nós professores de educação física principalmente o coordenador e as equipes que estão participando com os seus coreógrafos eles precisam desprender assim uma certa flexibilidade um certo empenho, um engajamento pra que esses ensaios aconteçam né? Então todos os nossos professores de educação física quando positivos cedemos parte das nossas aulas pra que esses ensaios aconteçam eh são outros professores que em certos momentos né? Do final do ano quando já finalizaram os seus trabalhos em sala também e apoiam esses alunos quando aluno saia ou alguma coisa que eles precisam todo é um trabalho colaborativo né? De toda nossa comunidade escolar apoiando para que esse festival aconteça mas certamente o maior tenho está ah sempre nas mãos do Porque ele monta um horário de ensaio extra na escola né? Extra curricular e ele estar presente e quando chega mais perto do do festival de repente a gente pega um Final de semana e aí todos nós também que isso possa acontecer. Então é um trabalho colaborativo de toda a equipe e da escola, né? Para que esse festival aconteça
6 Como os alunos costumam reagir e se engajar no processo de criação, ensaios e apresentações?	Estudantes eles adoram o festival grande maioria dos estudantes adoram são muito engajados e eles desde o início do ano letivo eles começam a perguntar quando que vai ser o festival eles já têm ideias de coreografia de isso, de Muitos os mais velhos ajudam na criação dos passos. Então o engajamento do estudante é visível em vários anos, em de várias formas, né? A gente vê isso principalmente praquela estudante que está conosco desde o sexto ano e hoje já se encontra no ensino médio o engajamento é muito grande porque ele vê que aquilo faz parte da nossa história da nossa realidade e, nós valorizamos muito. Então o engajamento dos estudantes é muito bom. E os novos estudantes são contagiados por esse carisma, por

	esse por esse engajamento dos mais velhos, né? Eu quando não sabe ensina ali numa aula vaga ou numa no horário do intervalo, intermediário eles estão sempre ali treinando pedindo step pra fazer então o engajamento é muito bom
7 Na sua visão, quais habilidades e valores os estudantes desenvolvem ao participar do festival (por exemplo, disciplina, trabalho em equipe, criatividade)?	Na minha visão todos os estudantes que participam do festival de eles desenvolvem sim a habilidades de organização, de disciplina, de foco, concentração Desenvolvimento da sua autonomia valorização da sua saúde, do seu bem-estar porque eles também verificam como isso faz bem ao seu condicionamento físico, ao seu corpo fortalecimento da sua autoestima da sua autoconfiança porque eles começam a desenvolver criam as suas roupas, as suas coreografias, os passos. Então isso estimula demais essa autonomia no estudante. Né? Ah e promove uma socialização, uma cooperação entre eles, incrível. Tudo isso são valores, são muito trabalhados, principalmente na educação em tempo integral. Então eu penso que é um projeto maravilhoso que veio assim agregar mais valor a nossa escola que agora se tornou em tempo integral e então ele se engajou muito ele casou muito com todos os princípios e todas as bases da educação em tempo integral. E buscar desenvolver esse protagonismo do estudante, essa autonomia é do estudante e isso o festival de stepdance experiência ele desenvolve muito
8 O que a senhora acredita que poderia ser melhorado na organização ou na execução do festival para que ele seja ainda mais significativo?	Eu acredito que nós deveríamos receber um incentivo financeiro para a execução do festival porque a escola nunca tem verbas né? Para esse tipo de trabalho é um trabalho tão significativo pra nossa comunidade escolar e muitas vezes ele é prejudicado em função das verbas que nós não temos, nós não temos recurso a não ser aqueles que vêm diretamente do estado né? Nós não temos uma cantina, não temos como angariar fundos para custear esse festival porque não é só o curso do teatro mas é toda organização, toda decoração, tudo isso demanda valores. E às vezes a escola ela tem como nos apoiar porque ela simplesmente não tem verba. Então eu penso que o governos né? Que deveria valorizar mais esse campo da cultura, desse desenvolvimento dentro das unidades escolares e vir uma verba específica para o desenvolvimento desses projetos. Isso seria maravilhoso
9 Há alguma experiência ou momento marcante ao longo desses anos que a senhora considera inesquecível e gostaria de compartilhar?	Ao longo dos esses anos todos de festival nós tivemos muitos momentos apoteóticos momentos maravilhosos que certamente eu poderia é estar lembrando recordando aqui com vocês na beleza que esse festival ao longo dos dez anos. Mas um dos momentos que eu escolhi é passar aqui pra vocês foi um momento é do ano em que o criador do festival professor Gilmar de Correia ele estava preparando para se aposentar. Então foi muito assim marcante porque ele sai da posição de coordenador do festival

	né? Onde seria o último ano dele que para nós foi assim muito emocionante. E também a responsabilidade de nós professores que somos lotados do Colégio Estadual Dom Bosco que nos identificamos com esse colégio tanto eu como professor Hérico é é como se fosse passado o bastão né pra que nós continuássemos com este festival pra que não deixasse morrer, pra que não deixasse perder a importância que ele foi criando ao longo dos anos. Então nós somos muito gratos ao professor Gilmar de Governo pela criação do festival e esse certamente foi um momento assim marcante que foi o ano da aposentadoria dele e agora sim eu posso lhe garantir que o bastão foi passado de uma para uma pessoa também maravilhosa professor Hérico que hoje é o atual coordenador do projeto e comanda com muito carinho com muita competência e cada festival mais bonito que o outro e o sucesso continua então nós estamos muito felizes eu acredito que o professor Gilmar de Correia até
10 Quais são as suas expectativas para o futuro do festival e de que maneira ele pode continuar contribuindo para a formação dos alunos?	Cada ano que passa é as nossas expectativas aumentam obviamente mas também a nossa preocupação porque hoje em dia nós temos combinado que ele é muito ligado as médias. Então a escola hoje muitas vezes passou a ser sem graça porque tem tantas coisas chamando a atenção né? As redes sociais ou celular enfim todas as outras coisas que aí se a gente não tiver um pulso firme não tiver uma postura equilibrada mas firme tentando passar valores a esses estudantes é nada pra eles importa sabe? Coisas assim que ao longo dos anos a gente vem cultivando pra que se fortaleça cada vez mais se a gente não se manter firme seguros nisso que a gente quer a gente tem medo de que o festival não aconteça com as gerações futuras né? Enquanto eu e o professor Hérico estivermos na escola eu acredito que o festival irá continuar porque ele faz parte da História das nossas conquistas de tudo que nós trabalhamos ao longo do ano e ele faz parte da identidade do colégio estadual Dom Bosco. Mas pra que isso continua os novos que vão chegar também precisam ver no festival essa importância e essa valorização. Então eu tenho receio sim que isso possa mudar no futuro né? Mas se mudar também faz parte da dos ciclos da vida e a gente tem que respeitar. Mas eu espero sinceramente que não acabe fácil né? Que continue porque é muito bom.

ENTREVISTA

Perguntas do entrevistado	Respostas do professor Fábio Vedovato
01 De que forma o festival de dança pode ser compreendido como uma manifestação histórica	Imbrico em uma reflexão, na qual me aproximo do pensamento do historiador Edward Palmer que propôs pensar a sociedade por meio das experiências, pois entende que homens e mulheres experimentam suas

e cultural do seu tempo e do contexto social em que está inserido?	experiências como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura. A cultura é um conjunto de significados (com) partilhados e construídos pelos sujeitos em seu cotidiano, sendo tanto expressão da sociedade como também instituinte da esfera social. Os sujeitos se constituem e são constituídos pelas experiências vividas em seu cotidiano, seja no mundo do trabalho, do lazer, nos espaços familiares e religiosos, nos seus diálogos com seus pares, entre outras possibilidades, sempre de modo relacional e dialogal (THOMPSON, 1981).
02 Quais elementos do festival (temas, estilos de dança, figurinos, músicas) você identifica como representativos de determinadas épocas, culturas ou movimentos históricos?	Ao meu compreender existe vários elementos de representação cultural os quais vão transformar-se a partir de processos criativos e individuais, a partir das relações que as pessoas estabelecem com eles no presente. Nesse sentido busco fazer uma ligação com uma leitura já feita a um certo tempo, mas que cabe muito bem nessa narrativa do questionário. entendo que, mais do que “preservar um objeto como testemunho de um processo histórico é necessário valorizar os saberes que o produzem, permitindo a vivência de tradição, saberes, saber-fazer, conhecimentos, celebrações, práticas, sonoridades, etc., no tempo presente”. (Júnia Sales Pereira ,2012). O festival de Step dance do colégio Dom Bosco, trata-se de uma preserva um fragmento cultural existente apenas no colégio e na sua comunidade escolar.
03 Na sua avaliação, o festival contribui para a preservação da memória cultural e histórica por meio da dança? De que maneira isso acontece ou poderia acontecer com mais força?	Não busco aqui fazer uma avaliação acredito que nem arcabouço teórico teria para tal processo em analisar o festival de dança, vejo que esse é um trabalho de pesquisa que está sendo muito bem realizado pelo pesquisador em questão. Mas compreendo que o trabalho com as memórias é carregado de conhecimentos, saberes, sentidos, significados e sensibilidades; relaciona-se com o vivido. “Memória é lembrança”, mas também esquecimento. No que tange a mais força tais acontecimentos, compreendo que seria por um viés cultural. faço aqui uma desvinculação perigosa de memória e cultura, compreendo que ambos os campos existem um diálogo muito fértil e produtivo dentro da narrativa histórica. Mas existe algumas distinções teóricas pertinentes que seria campo de estudo mais aprofundado sobre história e memória e história cultural.

04 Como a dança apresentada no festival pode ser entendida como uma forma de linguagem histórica, capaz de narrar conflitos, identidades, tradições ou transformações sociais?	Podemos buscar ampliar a questão cultural existente no festival, nesse tocante busco historicizar a realidade social na qual a comunidade escolar e estudante pertence, na qual podemos fazer uma leitura dos sujeitos históricos, trata-se de uma região periférica da cidade, na qual podemos perceber a periferia com toda aquela vida pulsante, na qual os moradores apresentam suas experiências ímpares e uma força de se relacionar com a cidade muito além de uma simples melhoria na condição de vida, mas buscavam viver as suas experiências coletivas na cidade. Os moradores da periferia viviam a cidade com todas as suas alegrias, prazeres e contradições sociais. Porém, a dúvida que sempre se apresenta nesse diálogo é um questionar: o que a cidade oferece cotidianamente para esses moradores?
05 Você percebe a presença de influências culturais diversas (locais, regionais, nacionais ou globais) no festival? Como essa diversidade impacta a formação cultural do público e dos participantes?	Perceber as influências culturais apenas, pautado em um festival, acredito que seja uma tarefa um tanto quanto árdua para o pesquisador em questão. Prefiro fazer uma leitura na qual a cultura é construída de um pluralismo, nesse caminhar busco imbricar uma discussão na qual cidade de Campo Mourão como o lugar na qual as mudanças instituem-se ao longo do tempo marcas importantes, podemos compreender que a história é formada por um “constantes diálogos entre os vários segmentos sociais, para fazer surgir das múltiplas contradições estabelecidas no urbano, tanto o cotidiano, a experiência social, como a luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças”. (FENELON, 1999). Penso que o festival em si, pode ser trabalho como atitudes, inquietações, incompletudes, sensibilidades, para transver as formas impostas, as amarras em relação a cultura já oficializada dentro de um campo já muito bem estruturado bojo de influências culturais, regionais nacionais.
06 De que modo o festival dialoga com questões históricas contemporâneas, como identidade, gênero, etnia, desigualdade social ou resistência cultural?	Um dos caminhos de diálogo que percebo no qual o festival faz com a História Pública, pois ele traz consigo uma gama de relações como as disputas de memórias e de identidades, dos saberes e de fazeres culturais. Saberes que convivem entrelaçados em uma atmosfera de disputas, mas que visam, sobretudo, a promoção de um conhecimento que não deve ter apenas no recinto acadêmico sua validade e legitimação. Há um esforço em tornar o conhecimento histórico cada vez mais acessível e democratizado aos diferentes públicos, permitindo-os fazer usos desses conhecimentos no âmbito da vida prática. Essa produção de conhecimento histórico colabora com a formação histórica e cidadã dos indivíduos, pois estimula-os a interpretar e reinterpretar o mundo que vivem,

	principalmente na busca por relações sociais mais solidárias e humanas ao meu entender o festival de step do Colégio Dom Bosco traz esse caminhar para ser discutido.
07 Na sua opinião, qual é o papel educativo de um festival de dança dentro do espaço escolar ou comunitário, especialmente no ensino de História e cultura?	Penso que um dos principais pontos educacionais que está sendo realizado, relaciona-se no tocante no qual estudantes, professores, comunidades enfim todos que estão envolvidos no festival possuem saberes é um trabalhar “com” um público. Nesse sentido, observo que o caminhar teórico dentro da história pública é um encontro de diferentes públicos, um diálogo de conhecimentos historiográficos, profissionais, educacionais, experienciais, populares, tradicionais, docentes, discentes, porém não desprovido do exercício dialético (THOMPSON, 1981). Então, é possível uma história que fala e aberta a escuta de outros sujeitos, memórias e narrativas? Penso ser possível um diálogo com as experiências vividas de todos os personagens envolvidos no festival, como narrativas ou no ensino de história em que os fatos falam por si e na restrita concepção de que só é possível pensar os acontecimentos em espaços formais de educação.
08 Que aspectos históricos ou culturais você considera pouco explorados nas edições atuais do festival e que poderiam ser abordados em futuras apresentações?	Penso que poderia envolver mais os antigos estudantes que já se apresentaram nos festivais passados, entretendo as experiências vividas dos festivais passados para compreender as suas relações e os sentidos atribuídos aos festivais culturais de dança no seu tempo e espaço. Penso nas narrativas de experiências algo que possibilita a construção do seu próprio discurso, no entanto, é importante que os sujeitos das experiências sejam inseridos com suas falas, com suas narrativas históricas.
09 Como o festival poderia aprofundar o vínculo entre dança, história e memória coletiva, tornando as apresentações ainda mais significativas do ponto de vista cultural?	Entendo que faz sentido estimular uma reflexão com os dos personagens que participaram do festival, sobre as suas experiências vividas na relação com o festival de step talvez. Promover esse diálogo é acolher os diferentes sujeitos, tempos e espaços e, para isso, é necessário, segundo o conselho benjaminiano, considerar as memórias, especialmente aquela que escapa da memória dominante. O filósofo aposta em uma rememoração que não se preocupe apenas com a memória voluntária, mas entrecruza com fios da memória involuntária. Nesse ponto entendo o trabalho de memória em Benjamin que não fica enclausurado dentro de um modelo cartesiano. O autor foge dos padrões prevaletentes da historiografia predominante na contemporaneidade e propõe trabalhar

	com a memória voluntária no entrecruzamento com a involuntária. Para o filósofo, a memória “não é um instrumento para a exploração do passado, é antes, o seu meio. A memória é onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1987). Memórias como a reconstrução do vivido, que parte sempre do presente, buscando elementos e forças para a projeção de horizontes mais abertos, outro porvir.
10 Que sugestões você daria para que os próximos festivais de dança sejam pensados não apenas como eventos artísticos, mas também como experiências de reflexão histórica e social?	Talvez a criação de um espaço físico dentro do colégio, que narre a história dos festivais anteriores, mas perpassando as experiências vividas de todos os que participaram dos festivais anteriores. produzimos conhecimento histórico em diálogo com as experiências de vida que poderia ser utilizado não apenas para narrar a história já construída do festival, mas enveredar por uma narrativa da história do colégio e da comunidade escolar e consequentemente da cidade de Campo Mourão.

Entrevista	
Perguntas do entrevistado	Respostas da professora e ex-diretora Cláudia
	O Festival é um projeto de longa trajetória que dinamiza o ambiente escolar. Sua relevância é fundamental para o desenvolvimento integral dos discentes, abrangendo as dimensões cognitiva, física e socioemocional. Como diretora, sempre priorizei a viabilização de recursos, parcerias e espaços que assegurassem a continuidade deste projeto pedagógico, que também cumpre o papel de integrar a comunidade familiar ao contexto escolar.
	As alterações implementadas resultaram em avanços qualitativos extremamente significativos. O evento apresentou um aprimoramento logístico, evidenciado pela sistematização de escalas nos horários de ensaios e pela formalização das autorizações junto aos responsáveis. A gestão do Professor Hérico conferiu ao festival características singulares, desde o planejamento e organização de bastidores como o acompanhamento de ensaios, coreografias, músicas, figurinos, elaboração do cerimonial, escolha de jurados, até a construção da identidade visual do festival e o acontecimento do grande dia.

	Sim. O evento contribui de forma integral para a evolução dos alunos, fomentando tanto o crescimento intelectual quanto o amadurecimento pessoal.
	De modo geral, observa-se que os estudantes demonstraram maior comprometimento e responsabilidade em relação às suas obrigações acadêmicas.
	Sim. Constatou-se a consolidação de laços baseados no respeito e na afetividade, tanto em relação aos membros da instituição quanto em relação ao zelo pelo espaço físico escolar.
	O festival exerce um papel preponderante na trajetória do colégio. É amplamente reconhecido por toda a comunidade externa, consolidando-se como um elemento intrínseco à identidade e à tradição do Colégio Dom Bosco.
	Sim, uma vez que tal prática já se encontra consolidada como parte integrante da tradição da instituição de ensino.
	Sim, foram diversas. Tais conquistas resultaram de um processo pautado pela resiliência, determinação e otimismo, aliado, fundamentalmente, à atuação de uma equipe competente e engajada.
	Sim. Com certeza delegaria atribuições, visto que, no período mencionado, houve um desgaste profissional excessivo de minha parte e da parte do professor Hérico, em decorrência da sobrecarga de responsabilidades administrativas e pedagógicas.
	A trajetória mencionada proporcionou um legado significativo aos discentes, constituindo-se como um referencial positivo e motivo de prestígio para a memória dos processos de ensino-aprendizagem ofertados pelo colégio Dom Bosco.

Entrevista	
Perguntas do entrevistado	Respostas da ex-professora de história
Durante o período em que atuou como professora de História no colégio, como a senhora percebia o papel do Festival Step Dance dentro do ambiente escolar?	Um projeto extremamente importante, inclusivo e integrador. No festival de dança, não acontecia apenas movimentos, passos ou ritmos, mas também a integração entre os diferentes professores de diferentes áreas com o mesmo objetivo, o sucesso do evento. Assim, como também, o incentivo e apoio tanto físico como emocional de todos os alunos da escola, visto que temos diversidade de gostos, corpos e autoestima dentro da comunidade escolar.

Tendo participado diretamente do festival como dançarina, como foi essa experiência pessoal e de que forma ela influenciou sua relação com os alunos?	Foi uma experiência extremamente enriquecedora, audaciosa e contagiante. Ela permitiu aproximar mais os alunos, e permitiu que eles me vissem como alguém de certa forma, acessível e próxima. O que de certo modo, foi bom, deixando de lado por alguns momentos a superioridade e a hierarquia da relação professor(a)/aluno(a).
Na sua percepção, o envolvimento dos estudantes no festival impactava o comportamento deles em sala de aula ou no convívio escolar? Como isso se manifestava?	Impacta totalmente. Podemos perceber um comportamento mais adequado e até um certo temor em cometerem erros e deslizes por parte dos alunos nesse período. É aguardado o ano todo e perder esse grande movimento é uma grande perda para qualquer um deles.
O festival contribuía para o engajamento dos alunos com a escola? De que maneira isso ficava visível no dia a dia?	Sim. Para além do festival, o Step também era um conteúdo com passos, desenvolvimento e evolução, tudo que seria avaliado como somatória de nota no final. Dessa forma, eles memorizavam, estudavam e ajudavam os colegas com esse processo de construção desses conhecimentos, trazendo engajamento entre os alunos de diferentes turmas.
Você percebe que atividades como o Step dance despertam nos alunos algum tipo de expressão, identidade ou pertencimento? Poderia explicar?	Acredito que construa o sentimento de pertencimento sim. Muitos ex- alunos que já se formaram ou foram transferidos da escola, e que nos dias atuais são adultos com filhos, trazem os filhos para estudarem na escola justamente pela vontade de verem os filhos vivenciando as mesmas experiências. Ou, seja, alunos que voltam a estudar na escola pelo desejo de participarem do movimento.
Comparando sua experiência no colégio com a realidade educacional e cultural que você observa atualmente no Nordeste, existem diferenças na forma como atividades culturais ou artísticas são valorizadas nas escolas? Quais?	Como professora ainda não consigo descrever sobre esse assunto, minha maior experiência em eventos culturais foi como aluna, mas muita coisa mudou, inclusive a própria cultura nordestina, teve impactos significativos com o avanço e o uso intenso das mídias sociais e da tecnologia.
No contexto em que você vive hoje, há práticas culturais semelhantes que mobilizam os estudantes? Como elas se comparam ao Festival Step Dance?	No ambiente que estou inserida não existe projeto parecido, mas na região existem outras escolas com essa abordagem, que trazem o período junino como o mais aguardado do ano, onde eles se preparam e se reinventam, ano após ano com letras, músicas, novos passos e danças.
Você acredita que o Step dance, enquanto prática dentro da escola, pode ser	Acredito que seja uma construção cultural. O objetivo todo ano é o mesmo: o Protagonismo dos alunos. Mas, a sociedade muda constantemente, e com ela os significados, assim a cada ano os

entendido como uma forma de construção cultural ou tradição? Por quê?	novos alunos constroem significados culturais atuais, diversos e cada vez mais crítico.
A partir da sua experiência, quais benefícios educacionais (sociais, emocionais, culturais ou até disciplinares) você observa em alunos que participam de atividades como o festival?	Diante da realidade do bairro, com alunos de vivências fragilizadas e vulneráveis, o evento traz a presença do aluno (a) para dentro da escola, o que significa dizer que nesses espaços de tempo ele está fora da rua, ambiente onde os tornam vulneráveis, e muitas vezes fora do lar de abuso e violência. Os benefícios perpassam desde ao desenvolvimento físico, mental e emocional, como também uma segurança diária para questões pessoais e íntimas no seio familiar.
Olhando para sua trajetória, como professora, participante e agora observadora em outro contexto regional, que importância você atribui ao Festival Step Dance na formação dos alunos e na dinâmica escolar?	O evento traz uma experiência e formação de mundo, bastante aguçada e avançada para os estudantes. Eles vivenciam sonhos, desejos, transtornos, derrotas, conquistas, sentimentos bons e ruins que fazem parte do processo e da construção do conhecimento que a música como movimento traz. Fornece à escola uma imagem de acolhimento dos saberes juvenis, sua importância e o valor de suas experiências para o meio em que estão inseridos.

ANEXO B
QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO

QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEPDANCE

Aluno(a): Victor Hugo Louso Campos
Série/Ano: 8ºB Turma: 8ºB Data: 11/03/2025

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐ Excelente
☒ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☒ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☐ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☒ Um evento importante para a escola

- () Apenas uma atividade escolar comum
() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

- () Sim, mudaria a organização
() Sim, acrescentaria novos estilos de dança
☒ Sim, aumentaria o tempo de preparação
() Não mudaria nada
() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

- () Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola
() Melhora minha autoestima e confiança
() Fortalece amizades
☒ Não gera impacto significativo
() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

Não faria muitas diferenças, só acho que
merecemos mais notas, é uma competição
ruim

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO**QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE**Aluno(a): maria claraSérie/Ano: 8º Turma: B Data: 11/03/26

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐ Excelente
☒ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☒ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☐ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☒ Um evento importante para a escola

- () Apenas uma atividade escolar comum
() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

- () Sim, mudaria a organização
(x) Sim, acrescentaria novos estilos de dança
() Sim, aumentaria o tempo de preparação
() Não mudaria nada
() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

- () Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola
(x) Melhora minha autoestima e confiança
() Fortalece amizades
() Não gera impacto significativo
() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

*Eu deveria fazer uma confraternização no ensaio
geral, ter mais ensaios paralelos*

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO**QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEPDANCE**

Aluno(a): Anna Jely de Oliveira Timoteo
Série/Ano: 9º Turma: 9ª Data: 11/03/26

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☒ Excelente
☐ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☒ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☐ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☒ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

() Apenas uma atividade escolar comum

() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

() Sim, mudaria a organização

() Sim, acrescentaria novos estilos de dança

☒ Sim, aumentaria o tempo de preparação

() Não mudaria nada

() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

() Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola

☒ Melhora minha autoestima e confiança

() Fortalece amizades

() Não gera impacto significativo

() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

Bem des de 6 ano eu participei do evento aqui
eu diria o que ele é maravilhoso ele ajuda pessoas
que não se gostam por todo mundo se desente
ajudam as pessoas a fazerem mais amigos por
gente perder a vergonha e entrar no palco
de cabeça erguida. Pra mim o Festival de dança é muito
especial para mim

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): Rayella Rodrigues
Série/Ano: 3ª Turma: A Data: 11/03/20

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☒ Excelente
☐ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☒ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☐ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☐ Um momento de diversão e integração
☒ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

- () Apenas uma atividade escolar comum
 () Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

- () Sim, mudaria a organização
 () Sim, acrescentaria novos estilos de dança
 (x) Sim, aumentaria o tempo de preparação
 () Não mudaria nada
 () Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

- (x) Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola
 () Melhora minha autoestima e confiança
 () Fortalece amizades
 () Não gera impacto significativo
 () Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento? Que sugestões, elogios ou críticas faria?

O festival de Step Dance é um momento mágico, único, maravilhoso, traz lembranças únicas, momentos que vão ficar na memória de todos que já participaram ou já assistiram. Ele ajuda os alunos a conseguirem se expressar através da dança, criar amizades, se soltar mais e descobrir uma nova paixão. Ajuda a superar o medo e os desafios, mostra que nem todas as vezes vamos conseguir ganhar, mostra diferentes estilos de dança, ritmo e cultura.
 (Amo o step).

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): João Vinícius
Série/Ano: 8º A Turma: 8º A Data: 11/03/26

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐) Excelente
- ☐) Muito bom
- ☒) Bom
- ☐) Regular
- ☐) Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐) Melhorou muito
- ☐) Melhorou um pouco
- ☐) Permaneceu igual
- ☒) Piorou
- ☐) É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☐) Um momento de diversão e integração
- ☐) Uma oportunidade de expressão artística
- ☒) Um evento importante para a escola

() Apenas uma atividade escolar comum

() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

(X) Sim, mudaria a organização

() Sim, acrescentaria novos estilos de dança

() Sim, aumentaria o tempo de preparação

() Não mudaria nada

() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

(X) Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola

() Melhora minha autoestima e confiança

() Fortalece amizades

() Não gera impacto significativo

() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento? Que sugestões, elogios ou críticas faria?

*Eu diria que o festival é ótimo, porém
faltam competições em algumas modalidades
específicas. E também poderia melhorar
na parte da decoração.*

() Apenas uma atividade escolar comum

() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

() Sim, mudaria a organização

☒ Sim, acrescentaria novos estilos de dança

() Sim, aumentaria o tempo de preparação

() Não mudaria nada

() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

() Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola

☒ Melhora minha autoestima e confiança

() Fortalece amizades

() Não gera impacto significativo

() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

Eu acho que o festival de dança é incrível e um momento importante para uma pessoa na carreira escolar. A única coisa que eu mudaria seria a organização do teatro, na forma de decoração.

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO

QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): Beatriz Gabrielly R. TorresSérie/Ano: 3ª A Turma: 3ª A Data: 11/03/2016

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐ Excelente
☒ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☒ Permaneceu igual
☐ Piorou
☐ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☒ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO

QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): Beatriz Gabrielly R. TorresSérie/Ano: 3ª A Turma: 3ª A Data: 11/03/2016

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐ Excelente
☒ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☒ Permaneceu igual
☐ Piorou
☐ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☒ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

() Apenas uma atividade escolar comum

() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

() Sim, mudaria a organização

() Sim, acrescentaria novos estilos de dança

☒ Sim, aumentaria o tempo de preparação

() Não mudaria nada

() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

() Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola

() Melhora minha autoestima e confiança

() Fortalece amizades

☒ Não gera impacto significativo

() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

É um evento onde os alunos podem se
expressar no dança e libera a criatividade
dos alunos.

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): MATHEUS RIBEIRO MOTA
Série/Ano: 3ª Turma: A Data: 11/03/26

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- () Excelente
(x) Muito bom
() Bom
() Regular
() Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- () Melhorou muito
() Melhorou um pouco
(x) Permaneceu igual
() Piorou
() É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- (x) Um momento de diversão e integração
() Uma oportunidade de expressão artística
() Um evento importante para a escola

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEPDANCE

Aluno(a): Gabriel de Lima
Série/Ano: 3ª A Turma: A Data: 11/03/2026

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐) Excelente
☒) Muito bom
☐) Bom
☐) Regular
☐) Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐) Melhorou muito
☐) Melhorou um pouco
☐) Permaneceu igual
☐) Piorou
☒) É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☒) Um momento de diversão e integração
☐) Uma oportunidade de expressão artística
☐) Um evento importante para a escola

() Apenas uma atividade escolar comum

() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

() Sim, mudaria a organização

() Sim, acrescentaria novos estilos de dança

() Sim, aumentaria o tempo de preparação

☒ Não mudaria nada

() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

() Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola

() Melhora minha autoestima e confiança

☒ Fortalece amizades

() Não gera impacto significativo

() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento? Que sugestões, elogios ou críticas faria?

Por mim não mudaria nada.

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEPDANCE

Aluno(a): Nathalia Adriano

Série/Ano: 3ª A Turma: _____ Data: 31/03/16

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☐ Excelente
☒ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☒ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☐ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☒ Um momento de diversão e integração
☐ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

- () Apenas uma atividade escolar comum
- () Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

- (x) Sim, mudaria a organização
- () Sim, acrescentaria novos estilos de dança
- () Sim, aumentaria o tempo de preparação
- () Não mudaria nada
- () Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

- () Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola
- () Melhora minha autoestima e confiança
- (x) Fortalece amizades
- () Não gera impacto significativo
- () Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

É um evento muito legal para se conhecer e conhecer outras pessoas, mas eu acho que participantes fora do colégio poderiam ser no máximo 5 pessoas.

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO
QUESTIONÁRIO – FESTIVAL DE STEP DANCE

Aluno(a): Miguel Barros da Silva
Série/Ano: 8ª Turma: A Data: 22/03/2016

Orientação: Assinale a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Como você avalia o Festival de Dança do colégio?

- ☒ Excelente
☐ Muito bom
☐ Bom
☐ Regular
☐ Precisa melhorar

2. Comparando com edições anteriores (caso você tenha participado), o festival:

- ☐ Melhorou muito
☐ Melhorou um pouco
☐ Permaneceu igual
☐ Piorou
☒ É minha primeira participação

3. O que o Festival de Dança representa para você?

- ☐ Um momento de diversão e integração
☒ Uma oportunidade de expressão artística
☐ Um evento importante para a escola

- () Apenas uma atividade escolar comum
() Não considero relevante

4. Você mudaria ou acrescentaria algo no Festival de Dança?

- () Sim, mudaria a organização
() Sim, acrescentaria novos estilos de dança
(X) Sim, aumentaria o tempo de preparação
() Não mudaria nada
() Não sei opinar

5. Participar ou assistir ao Festival de Dança impacta sua vida escolar de que forma?

- () Aumenta meu sentimento de pertencimento à escola
(X) Melhora minha autoestima e confiança
() Fortalece amizades
() Não gera impacto significativo
() Nunca participei

6. Se você fosse o(a) diretor(a) responsável pela avaliação do Festival de Dança, o que diria sobre o evento?
Que sugestões, elogios ou críticas faria?

Eu como diretor daria a sugestão de dar
mais tempo aos alunos e elogiar as danças das
alunas e criticar as que não conseguiram fazer
o solte.